



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

**ANDRESSA SILVA VASCO
MARIA CLARA FERREIRA GIRELLI**

**PODATLETICAR:
A IMPORTÂNCIA DAS ATLÉTICAS NA VIDA E FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA**

**GOIÂNIA
2025**

ANDRESSA SILVA VASCO
MARIA CLARA FERREIRA GIRELLI

PODATLETICAR:
A IMPORTÂNCIA DAS ATLÉTICAS NA VIDA E FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Pontifícia Universidade Católica de Goiás,
como parte dos requisitos para a obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Ma. Denize Daudt
Bandeira

GOIÂNIA
2025

ANDRESSA SILVA VASCO
MARIA CLARA FERREIRA GIRELLI

PODATLETICAR:
A IMPORTÂNCIA DAS ATLÉTICAS NA VIDA E FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Pontifícia Universidade Católica de Goiás,
como parte dos requisitos para a obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Denize Daudt Bandeira – PUC Goiás
Presidente da banca

Prof. Ma. Sabrina Moreira de Moraes Oliveira – PUC Goiás
Avaliador

Jornalista Stella Gontijo
Avaliadora Externa Xavier
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de
Goiás – PPGCOM/UFG

GOIÂNIA
2025

A Deus, que guiou cada passo meu mesmo quando eu não conseguia enxergar o caminho inteiro. Aos meus pais Silvia e Moizes, que sempre estiveram ao meu lado apesar da distância. À minha vó Lia e meu tio Rafa, que nunca deixaram eu me sentir sozinha e sempre que precisava de um gostinho de casa ia pra casa deles. Ao meu namorado Maurício que me ajudou, não me deixou desistir e sempre me fez ver o lado bom de todas as coisas que eu reclamava. A minha melhor amiga desde o primeiro ano de faculdade e, coincidentemente, minha parceira de TCC, Andressa Vasco. À minha amiga Maria Clara Cunha que, com certeza, foi uma das melhores partes da faculdade nesse ano de 2025. Às minhas amigas de curso Alleone, Nathalia e Júlia, e minha amiga a distância, Diuli, que estiveram comigo ao longo da graduação, sempre presentes nas rotinas, atividades e desafios que surgiram. Aos meus familiares, meu irmão Guilherme, a namorada do meu irmão Bianca, meus avós vô Saul e vó Gelci, meus tios e tias tio Beto, tia Iva, tio Luiz Fernando, tio Tobias e tia Cristiane, tio Flávio, minhas madrinhas Nádia e Carina, meus padrinhos Marcos e Paulo Sérgio, e meus primos Tamara, Manu, Monique, Marcos Júnior e Saul Neto, agradeço por fazerem parte da minha história e por contribuírem, cada um à sua maneira, para a minha trajetória.

Maria Clara Ferreira Girelli

Dedico este trabalho a mim mesma, à Andressa que sempre sonhou em ser jornalista, que sempre quis aparecer na TV. A conclusão deste trabalho representa não apenas o encerramento de um ciclo acadêmico, mas também a materialização de uma trajetória repleta de desafios, aprendizados e pessoas que foram fundamentais ao longo do meu caminho.

À minha mãe, Vânia, pelo amor incondicional, pelo apoio e por sempre acreditar em mim. À minha avó, Célia, que sempre fez dos meus sonhos algo possível e nunca mediu esforços para concretizá-los. À minha tia Verônica, obrigada por ser minha melhor amiga, por lutar tanto ao meu lado e por transformar as minhas batalhas nas suas também, este trabalho é tão meu quanto seu. À minha tia Vanuza, obrigada por me arrancar as maiores risadas e por sempre confiar que eu era capaz. Aos meus primos, Mário e Juliano, obrigada por serem minha força. O simples fato de tê-los na minha vida tornou tudo muito mais fácil.

À minha irmã, por sempre estar ao meu lado, me aguentando nos dias de surto e desespero.

Ao meu primo Jhonatan, obrigada por me escutar quando eu mais precisava falar!

Aos meus familiares, meu carinho e gratidão infinitos, pois sem vocês eu jamais teria chegado até aqui.

Aos meus amigos de faculdade, que tornaram essa jornada mais leve e inesquecível, compartilhando risadas, desafios e conquistas. Dedico esse trabalho em especial às minhas duas melhores amigas de faculdade: Maria Clara Cunha, por ouvir meus desabafos no caminho até a faculdade, por compartilhar tantos momentos e por sempre me aconselhar a fazer o melhor; e à minha companheira de jornada e de TCC, Maria Clara Girelli, obrigada por dividir comigo a vida universitária, essa experiência jamais teria sido tão especial sem você. Nossa amizade é fruto de momentos únicos e sou muito grata por todos que pude dividir com você.

À minha namorada, Regiany, pelo amor, paciência e apoio, por me abastecer de forças e por sempre ser meu refúgio. Esse tema simboliza o nosso relacionamento, afinal, nos conhecemos em uma festa da atlética e você é

um dos motivos pelos quais este trabalho é tão importante para mim.

Dedico em especial à Atlética Matilha, que foi muito mais do que um grupo universitário foi uma verdadeira família. Obrigada por me proporcionar experiências enriquecedoras, crescimento pessoal e profissional, além de amizades que espero levar para vida.

Dedico esse trabalho a Deus e ao Pai eterno, acredito que tudo que conquistei e estou conquistando foi graças a ele.

Por fim, a todos que fizeram parte dessa caminhada, direta ou indiretamente. Cada palavra deste trabalho carrega um pedaço de vocês.

Andressa Silva Vasco

AGRADECIMENTOS

Deixo meu profundo agradecimento à minha orientadora, professora Denize Daudt Bandeira, por todo o apoio, pelas orientações cuidadosas e pelo incentivo que tornaram este processo mais leve e possível.

Estendo minha gratidão ao corpo docente da PUC Goiás, especialmente às professoras Gabriella Luccianni M. Souza Calaça e Eliani de Fátima Convem Queiroz, que acompanharam meu desenvolvimento desde o início da graduação E à professora Sabrina Moreira, sempre disponível e empenhada em ajudar os alunos, além do professor Antônio Carlos Borges Cunha, muito querido durante os anos de graduação.

Agradeço aos amigos dos meus pais, Adriana e Irineu, Silvânia e Reginaldo, Cassiano e Andreia, que se tornaram parte da minha família e sempre me receberam com leveza, bom humor e apoio. A presença de vocês tornou minha caminhada mais tranquila e cheia de boas memórias.

Registro também minha gratidão ao Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre, time que despertou em mim o sonho profissional que me trouxe até o jornalismo. Mesmo que meus planos tenham mudado, sigo confiante nos caminhos que virão.

Ao Renato Portaluppi, meu maior ídolo no futebol, agradeço pela inspiração, pela liderança e pela forma única de enxergar o esporte, que influenciaram minha maneira de ver o mundo.

Por fim, deixo meu agradecimento especial à Matilha, atlética que marcou minha trajetória universitária, me integrou ao curso e proporcionou experiências que contribuíram diretamente para este trabalho e para a pessoa que me tornei.

Maria Clara Ferreira Girelli

Um agradecimento especial à minha orientadora, professora Denize Daudt Bandeira, pelo direcionamento, pela paciência e pelo incentivo ao longo de todo esse processo.

Ao corpo docente da PUC Goiás, em especial às professoras Gabriella Luccianni M. Souza Calaça e Eliani de Fátima Convem Queiroz, que me acompanharam desde o primeiro período, à professora Sabrina Moreira, que sempre esteve disposta a me ouvir, acolher e aconselhar nos momentos de incerteza e ao professor Antônio Carlos Borges Cunha, que não chegou no primeiro período, mas teve um impacto significativo na minha formação.

Agradeço também à Stella Gontijo, que além de integrar a banca, se tornou uma grande amiga.

Sou grata pela oportunidade de estagiar na TV Pai Eterno. Aprendi e sigo aprendendo todos os dias. Além do jornalismo, redescobri uma fé que nem lembrava que tinha. Meu estágio não poderia ser melhor; conheci pessoas que me ensinaram muito.

Andressa Silva Vasco

Aprendi com as primaveras a deixar-me cortar e a voltar sempre inteira. Hoje, me sinto inteira. E essa conquista é, para sempre, nossa. Muito obrigada.

(Cecília Meireles)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso investiga o papel das Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs) na vida universitária, com foco no resgate histórico, na identidade e nas práticas das atléticas Tagarela, Matilha, Primata e Unificada. Diante da escassez de material bibliográfico sobre o tema, a pesquisa fundamenta-se em revisão de literatura, entrevistas e levantamento de informações em plataformas digitais como *sites*, *blogs*, *YouTube*, *LinkedIn* e *Instagram*. Também foram analisados Trabalhos de Conclusão de Curso que discutem a temática, contribuindo para a contextualização teórica. O estudo resultou na produção da série de podcast PodAtleticar, que articula narrativa sonora e memória institucional para apresentar as histórias e vivências das atléticas selecionadas. A pesquisa demonstra que tais entidades exercem função relevante na integração estudantil, no fortalecimento do sentimento de pertencimento e na permanência universitária, ao mesmo tempo em que registra trajetórias pessoais das autoras que acompanharam o desenvolvimento do trabalho. Conclui-se que as atléticas constituem espaços significativos de formação acadêmica, social e afetiva, e que sua memória necessita de maior documentação e valorização no campo científico.

Palavras-chave: Associações Atléticas Acadêmicas; Vida universitária; Identidade estudantil; Podcast; Memória institucional.

ABSTRACT

This Final Course Project investigates the role of Academic Athletic Associations (AAAs) in university life, focusing on the historical background, identity, and practices of the Tagarela, Matilha, Primata, and Unificada athletic associations. Given the scarcity of bibliographic material on the subject, the research is based on literature review, interviews, and information gathering from digital platforms such as websites, blogs, YouTube, LinkedIn, and Instagram. Course completion papers that discuss the topic were also analyzed, contributing to the theoretical contextualization. The study resulted in the production of the podcast series PodAtleticar, which combines sound narrative and institutional memory to present the stories and experiences of the selected athletic associations. This research demonstrates that such entities play a relevant role in student integration, strengthening the sense of belonging and university retention, while also recording the personal trajectories of the authors who followed the development of the work. It concludes that athletic associations constitute significant spaces for academic, social, and affective development, and that their memory needs greater documentation and appreciation in the scientific field.

Keywords: Academic Athletic Associations; University life; Student identity; Podcast; Institutional memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Membros da Atlético Horácio Lane.....	18
Figura 2 - Membros da Atlético Primata nos Jogos Internos da PUC Goiás.....	24
Figura 3- Membros da Atlético Tagarela no campeonato INTER da UFG.....	26
Figura 4 - Membros da Atlético Matilha na comemoração de 15 anos da Atlético.....	28
Figura 5 - Membros da Atlético Unificada.....	31
Figura 6 - Primeira versão da identidade visual e slogan.....	44
Figura 7 - Segunda versão da identidade visual e slogan.....	44
Figura 8 - Versão final da identidade visual e slogan.....	45
Figura 9 - Instagram do PodAtleticar.....	46
Figura 10 - Postagens do Instagram do PodAtleticar.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 REVISÃO DE LITERATURA.....	16
1.1 Atléticas: uma história de mais de 100 anos no Brasil.....	16
1.2 Atléticas: impacto acadêmico, profissional e social.....	20
2 OBJETOS EMPÍRICOS DO TRABALHO: PERFIL DAS ATLÉTICAS.....	22
2.1 Associação Atlética Acadêmica Clóvis Bevilácqua, a Primata.....	23
2.2 Associação Atlética Acadêmica Tagarela: História, identidade e legado.....	25
2.3 Matilha: 15 anos de história, resistência e pertencimento.....	27
2.4 Atlética Unificada: integração, ética e espírito esportivo.....	30
3 PODCAST COMO MÍDIA DE INFORMAÇÃO.....	32
3.1 <i>Podcast</i> : história e formato.....	33
3.2 Mercado do <i>Podcast</i>	34
4 DIÁRIO DE PRODUÇÃO: MARIA CLARA FERREIRA GIRELLI.....	36
4.1 Justificativa do tema e formato.....	36
4.2 Definição das Associações Atléticas Acadêmicas.....	36
4.3 Levantamento de dados.....	37
4.4 Produção das pautas.....	37
4.5 Definição da identidade visual.....	37
4.6 Gravação e edição.....	38
4.7 Instagram.....	38
4.8 As entrevistas.....	38
4.9 Entrevistas.....	38
5 DIÁRIO DE PRODUÇÃO ANDRESSA SILVA VASCO.....	41
5.1 Justificativa do Tema e Formato.....	41
5.2 Definição das Atléticas.....	42
5.3 Levantamento de Dados.....	42
5.4 Produção das Pautas.....	43
5.5 Definição da Identidade Visual.....	43

5.6 Instagram.....	45
5.7 As entrevistas.....	47
5.8 Gravação e edição.....	47
5.9 Entrevistas.....	47
CONCLUSÃO.....	52
REFERÊNCIAS.....	54
APÊNDICE A – PAUTAS DE ENTREVISTA.....	56
A.1 Pauta de Entrevista – Vitória Sousa (Atlética Matilha – PUC Goiás).....	56
A.2 Pauta de Entrevista – Maykon Cavalcanti (Atlética Tagarela – UFG).....	56
A.3 Pauta de Entrevista – Marina Veiga (Atlética Tagarela – UFG).....	57
A.4 Pauta de Entrevista – João Victor Braga (Atlética Unificada – UFG).....	57
B.5 Pauta de Entrevista – Gabrielly Fonceca (Atlética Unificada – UFG).....	58
A.6 Pauta de Entrevista – Carolina Alves (Atlética Primata – PUC Goiás).....	58
A.7 Pauta de Entrevista – Luiz Martins (Atlética Primata – PUC Goiás).....	59
A.8 Pauta de Entrevista – Tatiana Linhares (Atlética Primata – PUC Goiás).....	59
A.9 Pauta de Entrevista – Iolanda Ribeiro (Atlética Unificada – UFG).....	60
A.10 Pauta de Entrevista – Henrique Esteves (Atlética Primata – PUC Goiás).....	60
A.11 Pauta de Entrevista – Larissa Urzêdo (Atlética Tagarela – UFG).....	61
A.12 Pauta de Entrevista – Luana Viezzer (Atlética Tagarela – UFG).....	61
A.13 Pauta de Entrevista – Nathália Bariani (Atlética Tagarela – UFG).....	62
A.14 Pauta de Entrevista – Láira Machado (Atlética Tagarela – UFG).....	62
A.15 Pauta de Entrevista – Regiany Rodrigues (Medicina Veterinária – convidada).....	63
A.16 Pauta de Entrevista – Lusimar Santos (Presidente da FGDU).....	63
A.17 Pauta de Entrevista – Crystal Mie (Atlética Horácio Lane – Mackenzie).....	64
A.18 Pauta de Entrevista – Raul Senna (Atlética Matilha – PUC Goiás).....	64
A.19 Pauta de Entrevista – Maria Clara Cunha (Atlética Matilha – PUC Goiás).....	65
A.20 Pauta de Entrevista – Ana Cecília Cunha (Atlética Matilha – PUC Goiás).....	65
A.21 Pauta de Entrevista – Mateus Werner (Tagarela e Matilha – UFG/PUC Goiás).....	65
A.22 Pauta de Entrevista – Julia Potenciano (Atlética Matilha – PUC Goiás).....	66
A.23 Pauta de Entrevista – Isadora de Moraes (Atlética Matilha – PUC Goiás).....	66
A.24 Pauta de Entrevista – Alleone Souza (Atlética Matilha – PUC Goiás).....	67
A.25 Pauta de Entrevista – João Victor Pinheiro (Atlética Matilha – PUC Goiás).....	67
APÊNDICE B – ROTEIROS DO PODCAST “PODATLETICAR”.....	68
B.1 – Roteiro do Episódio 1: Episódio Inicial Introdutório.....	68
B.2 – Roteiro do Episódio 2: A História da Atlética Matilha.....	77
B.3 – Roteiro do Episódio 3: A Trajetória da Atlética Tagarela.....	84
B.4 – Roteiro do Episódio 4: A Atlética Primata.....	92
B.5 – Roteiro do Episódio 5: A Atlética Unificada.....	99

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	107
C.1 – Transcrição Henrique Esteves.....	107
C.2 – Transcrição Iolanda de Paula Ribeiro.....	110
C.3 – Transcrição Isadora de Moraes.....	115
C.4 – Transcrição João Victor Pinheiro.....	116
C.5 – Transcrição Raul Senna.....	117
C.6 – Transcrição Cristal Mie.....	119
C.7 – Transcrição Lusimar Santos.....	122
C.8 – Transcrição Ana Cecília Ferreira.....	123
C.9 – Transcrição Júlia Potenciano.....	125
C.10 – Transcrição Regiany Rodrigues.....	126
C.11 – Transcrição Mateus Werner.....	127
C.12 – Transcrição Vitória Souza.....	130
C.13 – Transcrição Maria Clara Cunha.....	139
C. 14 – Transcrição Nathália Bariani.....	139
C. 15 – Transcrição Láira Machado.....	153
C. 16 – Transcrição Marina Veiga.....	155
C. 17 – Transcrição Maykon Cavalcanti.....	158
C. 18 – Transcrição Léo Roque.....	170
C. 19 – Transcrição Luana Viezzer.....	178
C. 20 – Transcrição Larissa Urzêdo.....	184

INTRODUÇÃO

As Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs) desempenham, há mais de um século, um papel significativo no contexto universitário brasileiro, atuando como espaços de integração, formação e acolhimento estudantil. Inicialmente voltadas para a prática esportiva, essas entidades ampliaram suas funções e passaram a contribuir também para o desenvolvimento social, cultural e identitário dos acadêmicos, estabelecendo-se como importantes agentes de permanência e participação na vida universitária. Apesar de sua relevância, ainda são escassos os registros sistematizados que abordem a trajetória e o impacto dessas organizações no ensino superior.

Diante desse cenário, o presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo registrar e analisar as histórias, características organizacionais e contribuições de quatro Associações Atléticas Acadêmicas: Tagarela, ligada à Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (FIC/UFG), Matilha, dos cursos de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), Primata, também da PUC Goiás, e Unificada, do curso de Computação da UFG.

A pesquisa apoia-se em levantamento bibliográfico, análise documental e entrevistas realizadas com membros e ex-membros dessas associações, permitindo compreender os desafios enfrentados, as práticas de gestão adotadas, as transformações vivenciadas e o papel dessas atléticas na formação acadêmica e pessoal de seus integrantes.

Como produto prático, este trabalho apresenta a série de podcast PodAtleticar: onde o espírito universitário vira estilo de vida, composta por cinco episódios que articulam linguagem sonora, narrativa jornalística e memória institucional. O formato foi escolhido pela sua capacidade de promover aproximação com o público, pela flexibilidade criativa e pela relação com a tradição radiofônica presente na formação das autoras. O podcast funciona, assim, como extensão da pesquisa, proporcionando acessibilidade, dinamismo e preservação das narrativas coletadas.

Ao documentar e analisar as experiências das atléticas estudadas, este trabalho busca contribuir para o fortalecimento da memória institucional dessas organizações, bem como ampliar o campo de estudos sobre esporte universitário, pertencimento estudantil e práticas de integração acadêmica. Espera-se, ainda, que os resultados obtidos sirvam de referência para futuras pesquisas e para iniciativas que valorizem o protagonismo dos estudantes na construção da vida universitária.

1. REVISÃO DE LITERATURA

Essa seção apresenta a história das Associações Atléticas Acadêmicas no Brasil, resgatando suas origens e identificando as primeiras instituições às quais estiveram vinculadas. Essas informações foram fundamentais para compreender a natureza dessas organizações e seus papéis no desenvolvimento do esporte no ambiente acadêmico, bem como sua importância enquanto política de permanência estudantil, ao oferecer atividades que promovem acolhimento e fortalecem o senso de identidade entre os estudantes. O levantamento de dados, baseado em pesquisa bibliográfica, evidenciou também a necessidade de novos estudos que aprofundem o resgate histórico das atléticas, o que contribuirá com futuros pesquisadores e ampliará a compreensão sobre o impacto dessas associações na formação dos estudantes.

1.1 Atléticas: uma história de mais de 100 anos no Brasil

Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), divulgados em 2025, o Brasil possui 2.561 instituições de ensino superior, sendo 317 públicas, e reúne 10 milhões de estudantes no ensino superior (GOV.BR, 2025). Muitos desses acadêmicos acabam se envolvendo em atividades fora do ambiente de sala de aula, como eventos, projetos e práticas esportivas. Essas experiências vão além da formação acadêmica tradicional, contribuindo para o desenvolvimento pessoal, o preparo para o mercado de trabalho e principalmente para a integração entre os estudantes.

As Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs), conhecidas como atléticas universitárias, é um desses agentes que conecta o estudante à universidade. Elas são organizadas pelos próprios alunos e desempenham um papel importante ao promover ações esportivas, sociais e culturais dentro e fora das instituições de ensino. Esse tipo de envolvimento fortalece o sentimento de pertencimento, além de tornar o ambiente universitário mais acolhedor e participativo (ESPORTE FABICO, 2022).

Apesar de as Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs) não integrarem oficialmente o conjunto de políticas formais de permanência estudantil, o Plano de Desenvolvimento Institucional da PUC Goiás (PDI), por exemplo, reconhece seu papel estratégico no ambiente universitário. De acordo com o documento, as atléticas atuam como importantes instrumentos de mobilização, integração e inclusão dos estudantes, fortalecendo a construção de uma comunidade acadêmica mais colaborativa e participativa.

Ao promoverem práticas esportivas, eventos e ações coletivas, as AAAs contribuem diretamente para o bem-estar dos alunos, ampliam o senso de pertencimento, favorecem a

adaptação de calouros e o equilíbrio entre as demandas acadêmicas e a vida universitária. Além disso, as atléticas criam redes de convivência entre estudantes de diferentes cursos, estimulando tanto o desenvolvimento socioemocional quanto a consolidação da identidade profissional (PDIPUCGOIÁS 2022-2026, p. 120).

A história das Associações Atléticas Acadêmicas no Brasil perpassa os séculos XIX e XX. Um dos marcos desse percurso é o Campeonato Paulista de Futebol de 1902, quando o time do *Mackenzie College* enfrentou o *Sport Club Germânia*, atual Esporte Clube Pinheiros. O primeiro gol da partida foi marcado por Mario Eppingaus, atleta do colégio. Conforme o portal da própria Mackenzie (2025), “a partida é considerada o primeiro jogo oficial da história do futebol brasileiro”.

A equipe do *Mackenzie College* participou de 13 edições do Campeonato Paulista de futebol. Apesar dessa atuação representativa, foi apenas em 1989 que a Associação Atlética *Mackenzie College* foi oficialmente fundada, apesar da instituição já ser uma universidade desde 1959. “Atualmente, a Seleção Mackenzie é administrada pela Coordenadoria de Gestão Desportiva Universitária (CGDU), e representa a Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) em competições especiais” (MACKENZIE, 2023).

Mesmo com o legado, - o que acaba imputando à Mackenzie um pioneirismo no esporte universitário -, a Associação Atlética Acadêmica Luiz de Queiroz (AAALQ), da Universidade de São Paulo (USP), costuma ser apontada como a primeira atlética do Brasil. Em 2025, a AAALQ celebra 122 anos de existência. Ainda na USP, surgem, posteriormente, a Atlética Osvaldo Cruz (AAAOC), do curso de Medicina, fundada em 1928, e a Atlética XI de Agosto, do curso de Direito, criada em 1933, ambas ainda em atividade.

O esporte universitário brasileiro ganhou uma estrutura mais organizada na década de 1930, com a criação das primeiras Federações Estaduais. Em 1933, no Rio de Janeiro, foi fundada a Federação Atlética de Estudantes (FAE), que posteriormente ficou conhecida como Federação de Esportes Universitários do Rio de Janeiro (FEURJ). Em São Paulo, no ano seguinte, surgiu a Federação Universitária Paulista de Esportes (FUPE).

Essas federações tiveram um papel essencial na promoção de competições entre estudantes, firmando o esporte no contexto acadêmico. E foi na Era Vargas (1930 e 1945) que o esporte universitário teve seu primeiro grande marco com a realização da I Olimpíada Universitária Brasileira, em 1935, competição embrionária do JUBS (Jogos Universitários Brasileiros), que reuniu acadêmicos de faculdades que hoje são parte de universidades como a USP, UFF (Universidade Federal Fluminense), UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro),

Mackenzie de São Paulo, UFBA (Universidade Federal da Bahia) e UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) (Toledo, 2007 *apud* Lucena; Castro, 2018).

Já nos anos 1940,

O decreto-lei nº 3617/1941 institucionalizou a criação das Associações Atléticas Acadêmicas na forma que são hoje, organizações independentes de estudantes universitários. Também estabeleceu que as Universidades investissem na construção de praças esportivas, e criou a CBDU [...] Originalmente, as AAAs eram obrigatoriamente vinculadas aos Centros Acadêmicos. Hoje, pelo princípio constitucional da autonomia desportiva, não existe e nem pode existir regramento jurídico que determine a forma de organização das associações, pois a ingerência estatal é proibida (Boechat; Cristina; Camões, 2021, s/p).

Crystal Mie (2025), integrante da Atlético Horácio Lane, do curso de Engenharia da Mackenzie, reforça, em entrevista às autoras, que as atléticas com longa trajetória carregam um “legado já muito bem construído”, o que faz com que cada chapa que assume a gestão anual tenha a responsabilidade de fortalecer esse espaço esportivo e mantê-lo vivo na rotina dos estudantes.

Figura 1 – Membros da Atlético Horácio Lane



Fonte: (@atleticahoraciolane, 2025)

Essas associações, que inicialmente tinham como principal objetivo promover a integração entre os estudantes e incentivar a prática esportiva, durante a ditadura militar (1964-1985), quando o esporte foi utilizado como uma ferramenta para afastar os jovens da política e fomentar um clima de competição, assumiram outro significado (INTEGRAÊ, 2017). De acordo com Villalobos (2014), muitos jovens decidiram abandonar a atividade para se engajarem na luta contra o regime.

O autor cita o caso de Helenira Rezende, que aos 17 anos ajudou a fundar o grêmio estudantil de sua escola. Ao ingressar na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo (USP), abandonou o basquete para se filiar, em 1968, ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB), sendo eleita vice-presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE). Durante esse período, participou ativamente das manifestações estudantis. A estudante, que foi presa duas vezes pelo regime, passou à clandestinidade, utilizando o codinome "Fátima". Seu objetivo era alcançar a região do Araguaia, onde se organizava uma guerrilha rural contra o regime militar.

Em 1972, durante um confronto, Helenira foi ferida por disparos nas pernas e, em seguida, assassinada com golpes de baioneta. Seu corpo nunca foi localizado. Em 2010, a Corte Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), vinculada à Organização dos Estados Americanos (OEA), condenou o Brasil pelo desaparecimento de 62 pessoas na região do Araguaia, entre elas, Helenira Rezende (Villalobos, 2014, p. 315).

Nesse contexto, muitas atléticas, especialmente no Rio de Janeiro, só retomaram as suas atividades, de forma estruturada, após a redemocratização. Com a abertura política e a ampliação do debate dentro das universidades, questões sociais como racismo, homofobia e outras formas de discriminação passaram a ser discutidas com mais liberdade. Nesse cenário, as atléticas se tornaram importantes espaços de mobilização estudantil, nas quais muitos alunos assumiram o protagonismo dessas lutas, utilizando o esporte e a convivência universitária como ferramentas de transformação social (Boechat; Cristina; Camões, 2021, s/p).

Atualmente, as atléticas continuam a desempenhar um papel importante dentro das universidades, com diversas iniciativas voltadas para a comunidade estudantil. A Atlético Osvaldo Cruz, por exemplo, possui um Linktree¹, com várias ações de destaque, como a Campanha de Doação de Sangue e informações sobre a Lei de Incentivo ao Esporte, além do Regulamento de Repúdio ao Assédio e à Violência Discriminatória. Essas iniciativas têm o objetivo de promover a inclusão, a solidariedade e o respeito no ambiente universitário, refletindo as lutas sociais contemporâneas.

Atléticas que hoje atuam na organização e recepção de calouros e buscam integrar acadêmicos de diferentes cursos, salas e instituições de ensino. Para isso, além da participação nos campeonatos esportivos, as atléticas promovem campanhas e ações sociais. O objetivo é beneficiar também a comunidade externa à universidade com arrecadações de fundos, roupas

¹ “O Linktree permite que você crie uma página personalizada e customizável que reúne todos os links importantes que você deseja compartilhar com seu público. É uma solução de link na bio que pode ser usada em plataformas sociais como Instagram, TikTok, Twitch, Facebook, YouTube, Twitter, LinkedIn e muito mais. Você deve usar o Linktree para facilitar a descoberta do seu trabalho, marca ou negócio” (HELPCENTER, s.d.).

ou materiais de higiene. Em maio de 2024, no contexto das enchentes no Rio Grande do Sul, mais de 40 atléticas da Universidade Federal de Goiás, por exemplo, se uniram na arrecadação de produtos para os desabrigados durante a enchente (UFG, 2024).

1.2 Atléticas: impacto acadêmico, profissional e social

Se nas escolas a educação física integra a grade dos estudantes, como previsto na Lei 9.394/96, na faculdade a atividade, em sua maioria, está restrita às Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs), que incentivam os acadêmicos a participarem de várias modalidades, coletivas ou individuais, por meio dos treinos que preparam esses estudantes para as competições e jogos universitários (Faro, s.d.). Em Goiás, a Federação Goiana dos Desportos Universitários (FGDU), filiada à Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU), que coordena o esporte universitário em todo o país, organiza campeonatos como os Jogos universitários de Goiás (JUGs), classificados em JUGS atléticas e JUGS praia, promovendo competições voltadas para os alunos do ensino superior.

No estado existem dois campeonatos, o INTER, - campeonato da Universidade Federal de Goiás -, o maior evento esportivo da UFG, que além de promover os jogos também promove festas com atrações e shows -, e o JUGS, jogos universitários de Goiás, que é realizado pela FGDU (UFG, 2024). Os times classificados têm a oportunidade de participar dos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs), evento nacional, promovido pela Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU).

No entanto, segundo a Federação do Esporte Universitário do Distrito Federal (FESUDF), as atléticas, a partir de 1916, transcenderam o esporte, tornando-se parte integrante do desenvolvimento cultural, social e acadêmico no Brasil. Hoje as atléticas são mais do que um espaço de competição, são verdadeiros motores de convivência, liderança e transformação para os universitários (O TABOANENSE, 2024).

A explicação para o atual cenário das atléticas está na sua capacidade de promover um senso de pertencimento à comunidade acadêmica, uma vez que auxilia na formação de laços e amizades dentro e fora do ambiente universitário. Como lembra Silva e Santos (2021, *apud* Reis; Fagundes, 2024, p. 18) "a participação em atividades esportivas coletivas promove a socialização e a integração entre os participantes, desenvolvendo habilidades de cooperação e trabalho em equipe".

Um relatório da Confederação Brasileira do Desporto Universitário (2021, *apud* Reis; Fagundes, 2024, p. 18) afirma que "o esporte tem o poder de promover a inclusão social e a

diversidade cultural, criando ambientes educacionais mais equitativos e inclusivos". A Unesco (2024, *apud* Reis; Fagundes, 2024, p. 18) também reforça que "o esporte tem o poder de promover a inclusão social e a diversidade cultural, criando ambientes educacionais mais equitativos e inclusivos". É importante destacar que, "além de uma ferramenta de integração, o esporte pode abrir novos caminhos e ajudar na descoberta de novos atletas dentro da universidade [...]" (Viana; Batista; Rocha Júnior 2023, p 82).

Essas habilidades interpessoais são valiosas, não apenas durante a jornada acadêmica, mas também na futura vida profissional. Além disso, o envolvimento com atléticas proporciona um ambiente de *networking* para os alunos. Com as integrações entre estudantes de cursos e faculdades diferentes, os acadêmicos têm a chance de conhecer pessoas com interesses em comum e criar vínculos que podem ser importantes para sua carreira. O Vice-Presidente da Associação Atlética Acadêmica do Parque Esportivo (AAAPE), da PUCRS, Gustavo Schantz Avila Araujo, da Fisioterapia, ressalta a relevância dessa experiência:

Tu crias uma *networking* muito maior, tu tem um contato muito maior com os professores, com os alunos, os alunos começam a te procurar, tu começa a criar vínculos com os professores, os alunos, os representantes e isso é muito bom, porque tu consegue criar muitas coisas, para faculdade e para a vida (Amaral, 2022, s/p).

A Gestora de Produto da Associação Atlética Acadêmica da Fabico (AAAF), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Bruna Jacobovski, acredita que:

[...] a atlética seja o ambiente mais propício para integração de alunos na universidade, pois geralmente ficamos restritos aos nossos semestres/barras, já na atlética expandimos esse horizonte, visto que atinge diversos públicos da faculdade desde aqueles que estão se formando até aqueles que entraram no último semestre, essa convivência e troca de experiências é muito rica, principalmente, para quem é novo na universidade e ainda está entendendo como tudo funciona (Amaral, 2022, s/p).

A organização de eventos, a captação de recursos e a gestão de equipes também são atividades realizadas nas atléticas e que simulam desafios do mercado de trabalho. Participar desses processos contribui para o desenvolvimento de competências profissionais. O trabalho em equipe, por exemplo, ajuda no desenvolvimento de habilidades de comunicação, liderança e de estratégias de relacionamento.

Além disso, as AAAs ajudam com atividades extracurriculares, já que disponibilizam horas complementares, contribuindo assim com a formação acadêmica (O TABOANENSE,

2021). A presidente da Associação Atlética Acadêmica da Fabico (AAAF), Valentina Dal Castel, estudante de Relações Públicas, comenta seu período na atlética.

A minha experiência com a atlética é a melhor possível, praticamente todos os amigos que eu tenho, mais próximos na faculdade, são por causa da atlética, porque fizeram parte ou eu conheci por causa da atlética, todas as relações mais fortes que eu tenho na faculdade, seja da minha barra ou de barras muito mais velhas ou muito mais novas, foi que nem eu disse, eu tava muito perdida na faculdade, eu não tinha nenhum sentimento de pertencimento, essa sensação de ‘me encontrei aqui’ e com a atlética que começou isso (Amaral, 2022, s/p).

Viana, Batista e Rocha Júnior (2023), ao citarem Ribeiro (2018), destacam a importância das atléticas e o seu impacto na vida do acadêmico:

As [...] AAA's são fundamentais para o meio social dos universitários, uma vez que ajudam na relação entre as pessoas, por exemplo, em um ambiente que os alunos ficam o dia todo estudando, acaba tornando-se sufocante, e as interações de práticas esportivas auxiliam na diminuição do estresse e da ansiedade. E, também, o bem-estar emocional dos atletas é imprescindível para a sua qualidade de vida (Ribeiro et al, 2018 *apud* Viana; Batista; Rocha Júnior, 2023, p. 82).

Como destacado anteriormente, as AAAs, ao longo da história, se consolidaram como espaço de crescimento, aprendizado e construção de vínculos importantes para a vida dos acadêmicos, possibilitando, além dos eventos esportivos, uma experiência universitária colaborativa e transformadora. Associações que contam com estrutura organizacional formalizada por estatuto próprio, o que reforça sua legitimidade institucional, sendo compostas por presidência; vice-presidência; diretoria geral; diretoria de produtos e suas respectivas coordenações e trainees; diretoria de marketing; planejamento; coordenações; (design, fotografia e trainees); diretoria esportiva e de eventos.

2. Objetos empíricos do trabalho: perfil das atléticas

Essa seção apresenta o perfil das Associações Atléticas Acadêmicas que integram este Trabalho de Conclusão de Curso, com destaque para suas trajetórias históricas, composições administrativas, conquistas e desafios. O levantamento de dados foi realizado principalmente a partir das contas das atléticas no *Instagram*, o que reflete a escassez de dados oficiais que documentem essas informações, com exceção da Associação Atlética Acadêmica Tagarela, da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG), que

aparece em monografia defendida na própria FIC com o tema *Do Inter Raiz ao Maior Inter*: quando eventos universitários se tornam cultura, defendido em 2024, pela acadêmica do curso de Relações Públicas Luana Viezzer Grondin Nunes. Esse levantamento foi fundamental também para o mapeamento de fontes de entrevistas que tiveram papel central para a efetivação desse projeto. Apesar de não configurar uma pesquisa oral, as experiências pessoais dos entrevistados contribuíram para a confirmação dos poucos dados disponíveis nas redes sociais e disponibilizados por ex-integrantes das AAAs.

2.1 Associação Atlética Acadêmica Clóvis Bevilácqua, a Primata

A Atlética Universitária Primata é oficialmente conhecida como Associação Atlética Acadêmica Clóvis Bevilácqua. O nome é uma homenagem ao jurista brasileiro e autor do primeiro Código Civil do Brasil, Clóvis Bevilácqua, refletindo a conexão da associação com os acadêmicos do curso de Direito da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). A criação da Primata remonta ao segundo semestre de 2006. Nessa época, passou a ser identificada pela imagem de um Gorila, mascote da associação, que representa, segundo os membros da atlética, força e grandeza, estando ligado ainda à ideia de liderança.

A Associação Atlética Acadêmica Clóvis Bevilácqua, - reconhecida por suas conquistas esportivas e por sua atuação em eventos sociais e acadêmicos -, é uma das maiores e mais premiadas atléticas da PUC Goiás. A associação já conquistou cinco títulos no INTERPUC, - jogos da própria instituição, cinco títulos no Jogos Universitários da PUC Goiás (JUPUC) e um no Jogos Jurídicos do Centro-Oeste (JOJUCO) (@ATLETICAPRIMATA, 2025).

Sua estrutura administrativa está organizada em cargos e departamentos que, segundo seus membros, facilita os trabalhos, permitindo maior eficiência da sua equipe. A composição da Primata está dividida em: presidência, vice-presidência, diretor geral, diretor esportivo, diretor de eventos, diretores financeiros, diretoria de marketing, diretores de produtos, coordenador esportivo, coordenador de eventos, coordenador de calouros, coordenadores de futsal, coordenadores de vôlei, coordenadores de basquete, coordenadores de handebol, estagiários de marketing, estagiários de eventos, estagiário de produtos e estagiário de handebol.

A primeira diretoria oficial da Primata, de 2008, foi dirigida pelo estudante do curso de Direito Henrique Esteves Alves Ferreira, que atualmente é sócio de uma empresa de advocacia em Goiânia, professor e conselheiro seccional da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional de Goiás (OAB-GO). Henrique sucedeu Alzir Aguiar Pimentel Neto, de quem foi vice-

presidente ainda em 2008, quando o seu antecessor assumir cargo no Centro Acadêmico de Direito (CA).

Em 2007, Henrique atuou como diretor de eventos do Centro Acadêmico de Direito da PUC Goiás, após um período de estudos em Florianópolis (Santa Catarina). A partir das experiências em outras atléticas, buscou patrocínios para a Primata com o objetivo de qualificar os trabalhos e ampliar a atuação da associação. Nessa época, começou a atuar na organização das calouradas. Naquela época, segundo Henrique (2015), a atlética não contava com apoio do Centro Acadêmico (CA) e nem da universidade.

Figura 2 – Membros da Atlético Primata nos Jogos Internos da PUC Goiás



Fonte: @atleticaprimata, 2023

Em 2009, Henrique também fazia parte do Diretório Central dos Estudantes (DCE) que, em parceria com a Primata, criou o INTERPUC. Um dos objetivos do projeto foi integrar as atléticas da PUC Goiás. Nesse período, os estudantes de Medicina se uniram para fundar a AAAMWN (Associação Atlética Acadêmica de Medicina da Universidade Católica de Goiás). Em 2010, Henrique assumiu a presidência do Diretório Central dos Estudantes. No cargo, conquistou, junto à PUC Goiás, um espaço para a Primata no Campus V da instituição. A sede, inaugurada em 16 de março de 2011, foi nomeada de Professor Júlio Anderson Alves Bueno.

Tatiana Linhares, atualmente assessora parlamentar, compôs a diretoria da Primata entre os anos de 2012 e 2017. Então estudante do curso de Direito, ela chegou à atlética na época do INTERPUC. Período em que a Primata estava sobre a presidência da acadêmica Milena Louise.

Tatiana foi vice-diretora de baterias da Primata em 2013, época em que eram realizados os desafios de baterias, competições de percussão organizadas entre os grupos de bateria. Em 2014, assumiu a vice-presidente da Primata, período em que foi Presidente da Liga das Atléticas da PUC Goiás. Tatiana chegou ao cargo no contexto do primeiro Jogos Universitários da PUC Goiás (JUPUC), uma idealização da Liga das Atléticas, juntamente com o Diretório Central dos Estudantes (DCE).

Em 2015 a Primata realizou uma festa no espaço da Pecuária. Evento ampliado em uma nova edição em 2017, época em que o INTERPUC começou a enfrentar uma crise financeira. Os jogos contaram com o apoio financeiro da PUC Goiás até 2016, período em que a instituição arcava com o pagamento da arbitragem dos jogos. Nessa mesma época, a atlética tinha apoio financeiro do JUPUC - realizado apenas com financiamento da universidade -, por meio das inscrições dos estudantes nos jogos, revertida para a Liga das Atléticas e para o DCE.

2.2 Associação Atlética Acadêmica Tagarela: história, identidade e legado

A Associação Atlética Acadêmica Tagarela, vinculada à Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG), consolidou-se ao longo dos anos como uma das principais entidades de representação estudantil da instituição, atuando nas dimensões esportiva, cultural e social. Mais do que promover o esporte universitário, a Tagarela tornou-se um espaço de construção de identidade, integração e pertencimento.

O envolvimento dos alunos com a Tagarela teve início em um momento em que o movimento estudantil buscava fortalecer espaços de convivência e engajamento que ultrapassassem os limites da sala de aula. Criada oficialmente em 2010, a atlética nasceu do esforço coletivo de estudantes dos cursos de Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda e Biblioteconomia, que uniram forças para construir uma entidade representativa e plural. Desde então, a Tagarela passou a representar a comunicação, com sua mascote, a Maritaca.

Em 2015 a Tagarela conquistou seu primeiro pódio no Desafio de Baterias do Maior Inter, o principal evento universitário do Centro-Oeste, realizado em Goiânia, que reúne atléticas da UFG em competições esportivas e apresentações culturais. A vitória significou um marco na história da Tagarela, que passou a ser reconhecida como uma entidade organizada, forte e competitiva. Segundo o ex-presidente da associação, Maykon Cavalcanti (2025), a Tagarela deixou de ser apenas um espaço de festas e passou a se destacar pela seriedade e comprometimento com o esporte e a cultura universitária.

Figura 3 – Membros da Tagarela no campeonato INTER da UFG



Fonte: @tagarelaufg, 2025

Nos anos seguintes, a Tagarela buscou a profissionalização e o crescimento de sua equipe. Foram criadas diretorias específicas e implementado um modelo de gestão constituído por eleições, com o objetivo de garantir transparência e continuidade administrativa. Para Luana Viezzer Grondin Nunes (2025), ex-presidente da associação e egressa do curso de Relações Públicas da UFG, ocupar cargos de liderança na Tagarela exige uma trajetória que envolve funções de trainee, de direção e de coordenação.

Durante a gestão de Luana (2024), que destaca a importância das mulheres na administração da Tagarela, assim como a necessidade de superação dos preconceitos de gênero no esporte, a associação enfrentou uma dívida de R\$ 34.000,00, proveniente de eventos anteriores. O valor foi quitado por meio de organização de festas, venda de produtos da atlética e novas parcerias firmadas. A suplantação desse desafio, segundo Luana (2025), reforçou a imagem da Tagarela como uma atlética capaz de enfrentar adversidades com criatividade e trabalho em equipe.

A pandemia de Covid-19 também trouxe desafios para Tagarela. O isolamento social interrompeu treinos, eventos e ensaios, comprometendo o espírito coletivo. Segundo Marina Veiga (2025), vice-presidente da Tagarela em 2022, o período pós-pandemia foi um recomeço: com poucos recursos financeiros, cerca de R\$ 1.000,00 em caixa, e um público de calouros que ainda não conhecia plenamente a vivência universitária. Segundo Marina Veiga (2025), foi preciso resgatar o senso de comunidade e reconstruir a ideia de pertencimento.

A Tagarela é conhecida pela organização de festas tradicionais, como o Caloucom, eventos esportivos como o Tiffu, torneio interno entre os cursos da FIC, e campanhas sociais que fortalecem seu vínculo com a comunidade acadêmica. Em 2025, a atlética conquistou medalha de prata no revezamento feminino e medalha de bronze no vôlei de praia masculino no Maior Inter. Ainda em 2025, a Bateria Tagarela conquistou o 3º lugar geral no Desafio de Baterias do Maior Inter, com o tema Resistência, Tintas e Tambores: Cultura Marginal pela Bateria Tagarela. Além do pódio, a equipe levou três estandartes inéditos: Melhor Agogô, Melhor Tamborim e Melhor Repique (@TAGARELAUFG, 2025)

Desde março, nossos ritmistas encararam desafios com ensaios intensos, no frio, e muitas vezes com o cansaço da rotina de cada um e mesmo assim, estiveram presentes a cada batida, com um sentimento de muito amor pelo que fazem. A evolução da bateria foi construída com o suor de cada um, e essa conquista é feita pela dedicação de vocês (@TAGARELAUFG, 2025).

A identidade visual da Tagarela é representada pelo verde e pela mascote Maritaca, símbolo de comunicação, liberdade e coletividade. A associação atua no *Instagram*, *TikTok*, *X* (antigo *Twitter*) e *LinkedIn*. Além de divulgar eventos, a Tagarela usa suas redes para promover campanhas sociais, fortalecer o sentimento de pertencimento e aproximar os alunos da comunidade universitária. Atualmente, a estrutura organizacional da Tagarela é composta por diversas diretorias, dentre elas: presidência; vice-presidência; financeiro; gestão de pessoas; bateria; eventos esportivos; marketing (com subdivisões de planejamento, direção de arte e redação) e produtos.

2.3 Matilha: 15 anos de história, resistência e pertencimento

Fundada em 2010, a Associação Atlética Acadêmica de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Matilha) representa os cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda. No dia 6 de abril de 2025, a Matilha completou 15 anos de história. Desde a sua criação, a atlética consolidou-se como um espaço de convivência dos acadêmicos, que ultrapassa o âmbito esportivo. Sua missão é promover a integração entre os estudantes por meio de atividades esportivas, culturais e sociais, fortalecendo a identidade e o espírito de pertencimento dos cursos de Comunicação.

De acordo com Léo Roque (2025), jornalista e ex-presidente da Matilha em 2014, a atlética sempre se destacou por ser “uma família universitária”, na qual cada integrante encontra apoio, aprendizado e oportunidade de crescimento. Ainda segundo Léo Roque (2025), que também foi vice-presidente da atlética em 2013, o que define a essência da Matilha não é apenas

a conquista de vitórias, mas a formação de pessoas e o fortalecimento da coletividade. “Fazer parte da Matilha é entender o valor da união e o poder do pertencimento (Roque, 2025).”

A trajetória esportiva da Matilha está ligada à memória dos eventos universitários, como o INTERPUC, competição interna da PUC Goiás, atualmente extinta por falta de recursos financeiros, e o JUPUC, os Jogos Universitários da PUC Goiás, realizados entre os anos de 2014 e 2023. Esses eventos foram fundamentais para consolidar o espírito esportivo e o sentimento de pertencimento, dimensões que caracterizam as próprias atléticas.

Figura 4 – Membros da Atlética Matilha na comemoração de 15 anos da Atlética



Fonte: @matilhapucgo, 2025

A Matilha também tem representação nos JUGs Atléticas, Jogos Universitários Goianos, e nos JUBs Atléticas, etapas nacionais que reúnem atléticas de todo o Brasil. Esses campeonatos projetaram a entidade em nível estadual e nacional, reafirmando seu compromisso com o esporte universitário e o protagonismo estudantil. Em 2023, a Matilha conquistou o 3º lugar geral no JUGs Atléticas; em 2024 venceu o troféu de melhor torcida e em 2025 alcançou um feito histórico ao obter seis medalhas: 1º lugar no Beach Tênis Masculino e nos 100 metros costas; 2º lugar nos 100 metros livre e no Cabo de Guerra; e 3º lugar no Beach Tênis Feminino e Misto.

Nos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) de 2023, a Matilha classificou suas equipes de Beach Tênis feminino, masculino e misto, alcançando o 4º lugar geral no masculino e o 5º feminino na etapa nacional, realizada em Maceió. No ano seguinte, em Natal (RN), voltou a competir, garantindo o 5º lugar no Beach Tênis Masculino e o 4º no Vôlei de Praia Masculino. Em 2025, com os jogos sediados em Goiânia, a Matilha assegurou vaga nas modalidades Beach

Tênis (feminino, masculino e misto) e Cabo de Guerra, reforçando sua presença entre as atléticas mais competitivas do estado.

O engajamento nas redes sociais é um dos pilares da identidade da Matilha. Sua primeira publicação no Instagram ocorreu em 3 de novembro de 2013, apresentando o seu mascote: o Lobo, símbolo da força, da união e do espírito coletivo que representam a Comunicação. As cores verde e branco foram adotadas para expressar equilíbrio e vitalidade, e desde então a atlética mantém uma presença digital ativa, estratégica e bem-humorada, utilizando plataformas como *Instagram* e *TikTok* para divulgar eventos, campanhas e conquistas, fortalecendo o vínculo com a comunidade acadêmica.

Antes de adotar o nome e a identidade visual atuais, a atlética chamava-se Falange e tinha como mascote uma raposa. A mudança para “Matilha” simbolizou o espírito coletivo e a força da união, valores que refletem o cotidiano dos cursos de Comunicação do Campus V da PUC Goiás. O mascote, o lobo, reforça essa ideia de parceria e companheirismo, que é a essência da convivência universitária (@MATILHAPUCGO, 2025).

Em 2013, a Matilha participou do Tiffu, evento esportivo da Associação Atlética Acadêmica de Comunicação e Informação, Tagarela, da Universidade Federal de Goiás (UFG), que reunia cursos em competições internas. Embora o evento hoje seja exclusivo da Tagarela, ele marcou o início da interação entre as duas atléticas de Comunicação e serviu como inspiração para futuras colaborações.

Entre os eventos realizados pela Matilha está o ComunicaDireito, de 2014, que reuniu mais de 1.400 pessoas, segundo registros no Instagram da atlética (@MATILHAPUCGO, 2025). O evento simbolizou uma nova fase de crescimento e visibilidade para a Comunicação dentro da universidade. Outro evento tradicional foi a choppada² Ninguém Mandou Juntar, realizada em parceria com outras atléticas, como Britadeira (Engenharia Civil), Infecciosa (Biomedicina), Blecaute (Engenharia Elétrica), Engrenada (Engenharia de Produção), Sucata (Engenharia Mecatrônica e Mecânica) e Supersônica (Ciências Aeronáuticas), ambas da PUC Goiás. A última edição do evento ocorreu em 2023, simbolizando a união e o espírito colaborativo entre os cursos da universidade (@MATILHAPUCGO, 2025).

No ano seguinte, 2024, a Matilha integrou a primeira edição da Zootopia, festa organizada em conjunto com a LEA (Liga das Engenharias e Arquitetura), a Psicótica (Psicologia) e a Atlética Raivosa (Medicina Veterinária) também da PUC Goiás. A Matilha foi a responsável pelo marketing do evento, desde a divulgação até as ações durante e após a

² Choppada é um evento organizada por estudantes. Apesar do nome remeter ao chope, a festa, tradicionalmente realizada por universitários, conta com outros tipos de bebidas, como a caipirinha.

atividade. Em 2024 e 2025, a Matilha participou da Copa Camaleão, promovida pela Atlético Subversiva da UFG, que envolve todos os cursos de humanas, e do JICAMP, Jogos Internos do Campus II da PUC Goiás, no qual conquistou o 3º lugar geral.

A estrutura organizacional da Matilha é formalizada por um estatuto próprio, o que reforça sua legitimidade institucional. A gestão atual é composta por presidência; vice-presidência; diretoria geral; diretoria de produtos e suas respectivas coordenações e trainees; diretoria de marketing (planejamento, coordenação, design, fotografia e trainees) e diretoria esportiva e de eventos, também com equipes de coordenação e formação. Essa divisão garante eficiência administrativa e contribui para a formação prática dos alunos em áreas como gestão, planejamento e liderança (@MATILHAPUCGO, 2025). A Matilha, historicamente, assim como a Tagarela da UFG, conta com forte presença feminina na presidência.

A associação, em 2024, durante os JUBs Atléticas de Maceió, quando o atleta Mateus Werner, acadêmico de Jornalismo da PUC Goiás, foi vítima de ofensas homofóbicas, publicou uma nota de repúdio em suas redes sociais, reforçando que “a homofobia é crime e não será tolerada em nenhum espaço esportivo ou universitário” (@MATILHAPUCGO, 2025). Após julgamento, o agressor foi expulso da competição, e a Matilha destacou seu compromisso com o respeito, a empatia e o combate a qualquer forma de preconceito (@MATILHAPUCGO, 2025).

Além das competições, todos os anos a Matilha, na semana de aniversário da atlética, promove confraternizações entre os estudantes, como um gesto simbólico de continuidade e afeto. Desde 2023, a entidade também realiza o projeto Os Melhores do Ano, uma votação aberta no Instagram que premia os membros que mais se destacaram (@MATILHAPUCGO, 2025). A iniciativa reforça os laços entre os seus integrantes.

2.4 Atlética Unificada: integração, ética e espírito esportivo

A Atlética Unificada da Universidade Federal de Goiás (UFG) é oficialmente conhecida como Atlética Unificada da Computação. O nome reflete a união dos três cursos que compõem o Instituto de Informática da Universidade Federal de Goiás: Ciência da Computação, Sistemas de Informação e Gestão da Informação. A fundação da atlética ocorreu em 2009, ano em que foi criado o Instituto de Informática, momento em que o curso de Ciência da Computação se desvinculou da área de Matemática e Estatística. Entre suas principais atividades estão: competições esportivas internas e externas; festas temáticas; confraternizações e workshops voltados aos acadêmicos do curso. A atlética também mantém presença nas redes sociais,

especialmente pelo *Instagram* (@unifucadaufg), espaço em que divulga suas ações e conquistas.

Figura 5 – Membros da Atlético Unificada atualmente



Fonte: (@UNIFUCADAUFG, 2024)

A composição da Unificada está dividida em: presidência; vice-presidência; diretor geral; diretor esportivo; diretor de eventos; diretores financeiros; diretoria de marketing; diretores de produtos; coordenador esportivo; coordenador de eventos; coordenador de calouros; coordenadores de futsal; coordenadores de vôlei; coordenadores de basquete; coordenadores de handebol; estagiários de marketing; estagiários de eventos; estagiário de produtos e estagiário de handebol (@UNIFUCADAUFG, 2024).

Segundo Iolanda Ribeiro de Paula (2025), ex-integrante da atlética e formada por um dos cursos do Instituto de Informática, a criação da Unificada ocorreu durante a reformulação estrutural da universidade, quando surgiu a oportunidade de estabelecer uma entidade que representasse os novos cursos do Instituto. À época, outros cursos mais antigas da UFG, como Direito e Medicina, já tinham atléticas consolidadas, o que inspirou os estudantes da Computação a criarem a própria associação e participarem das competições e eventos de integração universitária.

O objetivo inicial da atlética era fomentar a integração entre os estudantes dos cursos recém-criados por meio de atividades esportivas e culturais. O nome da atlética, Unificada, foi escolhido justamente para simbolizar a união dos três cursos que compunham o Instituto de Informática. Entre os anos de 2013 e 2014, o curso de Engenharia de *Software* foi adicionado ao Instituto, enquanto o curso de Gestão da Informação foi transferido para a Faculdade de

Informação e Comunicação (FIC), devido à sua grade curricular mais voltada para comunicação e gestão de dados do que para a tecnologia.

Iolanda Ribeiro de Paula (2025), que ingressou na Unificada em 2015, quando a associação estava com seis anos de existência, mas ainda contava com membros fundadores, descreve a integração, o acolhimento e a diversão como características fundamentais da atlética. Dentre os objetivos da Unificada, segundo Iolanda (2025), está o de proporcionar um espaço em que os alunos possam socializar, competir e vivenciar a experiência universitária de forma mais ampla, prezando pelos valores de integração, ética, e espírito esportivo. Para Iolanda (2025), um dos momentos mais representativos na Unificada foi quando conheceu a equipe esportiva feminina da atlética. “Na época, as mulheres representavam uma minoria nos cursos de informática da UFG (Iolanda, 2025)”.

Durante o período em que integrou a diretoria da Unificada, em 2017, Iolanda participou também da Comissão Organizadora do Inter-UFG, jogos internos da Universidade Federal de Goiás, principal competição da instituição (CAXIM, s.d.). Ainda em 2017 o evento passou a ser denominado apenas de Inter, devido a questões jurídicas que impediram o uso da sigla da universidade. Nesse mesmo ano, a Unificada obteve destaque ao se classificar em diversos esportes, superando a fase eliminatória e se consolidando como uma equipe em crescimento, especialmente no esporte feminino (CAXIM, s.d.).

3. Podcast como mídia de informação

Por se tratar da plataforma escolhida para ancorar a série PodAtleticar, faz-se necessária a definição do termo *podcast*, bem como de suas características e linguagem. Em sua acepção mais difundida, trata-se de um formato de conteúdo oferecido sob demanda (*on demand*), que o usuário pode acessar em páginas da internet, podendo ser reproduzido em diferentes dispositivos, como celulares, *tablets* ou computadores. Dentre as suas características estão: criatividade, simplicidade de produção e baixo custo.

A principal diferença entre o *podcast* e o rádio é que o primeiro fica integralmente disponível na internet. No entanto, a linguagem do *podcast* guarda relação direta com a tradição radiofônica. Ambas se constituem por um conjunto de recursos sonoros e não sonoros como a palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio que, quando articulados, produzem sentidos carregados de emoção e simbolismo (CROSSHOST, 2020).

No contexto da linguagem sonora, “a música desempenha um papel central no despertar de sentimentos; os efeitos sonoros enriquecem a narrativa ao acrescentar camadas sensoriais; e o silêncio, por sua vez, organiza o ritmo da fala e proporciona pausas importantes para a

compreensão da mensagem” (Balsebre, 2020, p. 7 a 9). Mais do que apenas transmitir informações, a linguagem sonora assume uma dimensão estética e comunicacional, constituída de múltiplos recursos sonoros.

Essa configuração aproxima-se da oralidade e, ao mesmo tempo, aproveita as possibilidades narrativas que o ambiente digital disponibiliza. Freire (2017, p. 56 e 57) ressalta o caráter educativo e oral da mídia *podcast*, entendendo-a como uma tecnologia de produção e distribuição sob demanda, voltada à reprodução da oralidade e, em alguns casos, associada à música e a outros sons. Essa perspectiva reforça o caráter plural, flexível e experimental da linguagem adotada nesse formato.

3.1 *Podcast: história e formato*

O fundamento do que conhecemos como *podcast* tem origem com Carl Malamud, um americano profissional de tecnologia que em 1993 criou um *talk show* chamado *Internet Talk Radio*, distribuído em arquivos de computador. Embora não tenha sido nomeado como *podcast*, a proposta já trazia a ideia de distribuição sob demanda (SUAIMPRENSA, 2024). Na primeira metade da década de 1990, os computadores pessoais ainda não dispunham de reprodutores de áudio nativos, e o som era capturado e reproduzido em arquivos brutos, no formato *waveform*, que permite visualizar e entender as características de uma onda de áudio.

Devido à ausência de compressão, esses arquivos ocupavam diversos *megabytes*, o que excedia a capacidade de armazenamento dos disquetes, limitados a apenas 1,44 MB. Assim, para possibilitar a distribuição de áudio por meio da então emergente *World Wide Web*, tornou-se necessário o uso de algoritmos de compactação que reduzissem o tamanho dos arquivos sem comprometer significativamente a qualidade sonora. Entre os formatos mais difundidos nesse período destacam-se o WMA (*Windows Media Audio*), vinculado ao *Windows Media Player*, e o *Real Audio* (SUAIMPRENSA, 2024).

Em 2001, a empresa *Applian Technologies* lançou o *Replay Radio*, um *software* de gravação de áudio desenvolvido para computadores pessoais, que possibilitava registrar transmissões sonoras e acessar servidores de onde era possível realizar o *download* de arquivos de áudio. Essa proposta apresentava semelhanças com o modelo *peer-to-peer*, amplamente difundido naquele período, em que os computadores compartilham informações e dados sem a necessidade de uma central.

Nesse contexto, Dave Winer, programador norte-americano, e Adam Curry, ex-apresentador da MTV norte-americana, desenvolveram um *software* que permitia a distribuição automática de arquivos de áudio pela internet. De acordo com Assis (2009 *apud* Santos, 2021

p. 3 e 4), Winer possibilitou que o jornalista Christopher Lyndon pudesse disponibilizar uma série de entrevista na rede mundial de computadores. Já Adam Curry buscava uma alternativa à programação disponibilizada pelas emissoras de rádios convencionais e visava produções personalizadas e sob demanda. Apesar desses avanços, o termo *podcast*, que deriva de *iPod*, tocador utilizado para ouvir música digital, fabricado pela *Apple Computer* dos Estados Unidos, foi utilizado pela primeira vez pelo jornalista inglês Ben Hammersley em um artigo do *The Guardian*. A ideia agradou a Dave Winer, Adam Curry e outras lideranças da época (...) (SUAIMPRENSA, 2024).

3.2 Mercado do Podcast

O *podcast*, que nasceu no início dos anos 2000 com base na distribuição de arquivos de áudio sob demanda, rompeu barreiras de produção e distribuição e passou a ocupar um espaço expressivo dentro do ecossistema midiático contemporâneo (Luiz; Assis, 2010 apud Cardoso; Vilaça 2022, p. 115). Inicialmente associado à cultura digital e ao espírito colaborativo de criadores independentes, o *podcast* foi rapidamente incorporado às estratégias de grandes corporações de mídia. Isso ocorreu, em parte, pela sua capacidade de diálogo com o chamado rádio expandido, conceito que, segundo Kischinhevsky (2016, apud Cardoso; Villaça 2022, p. 115 e 116), define a transição do rádio tradicional para um modelo multiplataforma, presente em sites, aplicativos, redes sociais e serviços de *streaming*.

A entrada das grandes emissoras de rádio no mercado de *podcast* representou uma virada estratégica. Segundo Bufarah (2017), a mídia, que inicialmente foi tratada como um produto complementar às transmissões de rádio, nos últimos anos passou a ser vista como um modelo de negócios próprio, capaz de atrair novos públicos e patrocinadores. Um exemplo é o *podcast* O Assunto, apresentado pela jornalista Renata Lo Prete e produzido pelo Grupo Globo, que rapidamente se tornou um dos programas mais baixados da América Latina (Neblina, 2020 apud Cardoso; Vilaça, 2022, p. 115). De modo semelhante, outras produções como Café da Manhã, da Folha de S. Paulo, disponível no *Spotify*³, e Pretinho Básico, do Grupo RBS, que atua em diversas plataformas, reforçam o papel das grandes empresas na consolidação desse mercado (Silva; Santos, 2020 apud Cardoso; Vilaça, 2022, p. 116 e 117)

O cenário atual indica uma dupla tendência: de um lado, a profissionalização e a concentração de mercado nas mãos de grandes grupos; de outro, a permanência do espírito independente, que impulsionou o *podcast* desde sua origem. Essa coexistência mostra a

³ “O Spotify é um serviço de música, podcast e vídeo digital que te dá acesso a milhões de músicas e a outros conteúdos de criadores de todo o mundo” (*Spotify*, s.d.).

versatilidade do formato, capaz de atender tanto à lógica comercial das corporações quanto à necessidade de expressão dos produtores autônomos. Ao mesmo tempo, iniciativas independentes também conquistaram espaço e relevância. *Podcasts* como Mamilos e Braincast, ambos da produtora B9, demonstram que a produção autoral e inovadora continua a ser valorizada pelo público, principalmente quando explora temas sociais e culturais sob novas perspectivas (Cardoso; Villaça, 2022).

Além da produção, o sucesso de um *podcast* depende fortemente da construção de audiência e divulgação eficiente. Estratégias de comunicação digital, como o uso de redes sociais e a criação de conteúdos derivados (os “cortes”), têm se mostrado fundamentais. A adoção de práticas transmídia, que conectam o *podcast* a plataformas como *Instagram*, *TikTok* e *YouTube*, gera engajamento e amplia o alcance da marca, conforme orienta a mLabs (2023).

Assim, o mercado de *podcasts* se consolida não apenas como uma nova mídia, mas como um ecossistema de comunicação integrado, que combina jornalismo, *marketing*, tecnologia e interação social. Mais do que um produto de mídia, o *podcast* representa uma nova forma de narrar, informar e conectar pessoas, em um contexto no qual a personalização do conteúdo e a liberdade de escuta se tornaram valores centrais da experiência digital contemporânea.

4. DIÁRIO DE PRODUÇÃO: MARIA CLARA FERREIRA GIRELLI

Nessa seção será apresentado o percurso metodológico adotado na produção da série de *podcast*. O objetivo é detalhar as etapas do processo prático do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que resultou no PodAtleticar, descrevendo desde a escolha do tema e do formato, o recorte que definiu as atléticas contempladas no estudo, o levantamento de dados e a elaboração das pautas, até a criação da identidade visual do projeto, a redação dos roteiros, os processos de gravação e a etapa de edição. A proposta é oferecer um guia para futuros projetos de TCC que pretendam desenvolver produtos de *podcast*, o que motivou também registrar nessa seção as dificuldades e desafios enfrentados pelas autoras ao longo do percurso.

4.1 Justificativa do tema e do formato

Desde que iniciei a faculdade, a proposta era a realização individual do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Minha intenção era produzir um documentário sobre um dos meus maiores amores, o Grêmio. Para isso, planejava viajar ao Rio Grande do Sul e registrar tudo de perto. No entanto, por questões financeiras, não foi possível realizar o projeto.

Diante da situação, ainda no primeiro semestre de 2024, conversei com minha colega de turma Andressa Silva Vasco, sobre a possibilidade de realizarmos o TCC em dupla. Naquele momento, ela já havia decidido pela área de áudio e escolhido a orientação da professora Denize Daudt Bandeira.

No final de 2024, já com a dupla consolidada, sugeri como tema do TCC a Atlético Matilha, vinculada aos cursos de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Projeto que foi ampliado para uma série de *podcast*, composta por cinco episódios, que apresenta as histórias e tradições das seguintes atléticas: Tagarela, Matilha, Primata e Unificada.

4.2 Definição das Associações Atléticas Acadêmicas

No início de 2025, durante as orientações, que ainda ocorriam de forma remota (*Microsoft Teams*), definimos, juntamente com a orientadora, as atléticas que seriam retratadas no TCC. Para isso, consideramos os seguintes aspectos: o impacto dessas atléticas na trajetória acadêmica das autoras do trabalho e a representatividade que possuem em seus respectivos cursos e instituições.

A Tagarela, assim como a Matilha, da qual participei entre os anos 2022 a 2025, representa os cursos de comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG), o que justifica

sua inclusão no projeto. A Primata foi selecionada por ser a maior atlética da PUC Goiás. Já a Unificada, vinculada ao curso de Ciência da Computação da UFG, se deve à representatividade feminina em seus quadros, o que revela abertura para a diversidade de gênero.

4.3 Levantamento de dados

Ainda em 2025, iniciamos as pesquisas que fundamentaram a discussão teórica do trabalho, apresentada no Capítulo I, e a elaboração dos roteiros dos *podcasts*, disponíveis nos Apêndices. Etapa do trabalho na qual buscamos retratar a histórias das atléticas no Brasil, sua relevância na promoção do esporte universitário e como estratégia de permanência acadêmica, suas principais ações e organização administrativa.

Para isso, realizamos levantamentos em sites, revistas, artigos, monografia e nas redes sociais das atléticas, principalmente no *Instagram*. A pesquisa bibliográfica também contribuiu para uma maior compreensão da linguagem sonora, bem como da história e do mercado de *podcast*. Entender a linguagem do áudio foi essencial para a elaboração dos roteiros, que resultam da cadência de seus elementos, - música, ruído, silêncio e palavra -, e para o processo de edição do material.

4.4 Produção das pautas

Um dos desafios enfrentados pelas autoras foi localizar fontes para o desenvolvimento do trabalho, já que grande parte da história das atléticas estão restritas à oralidade. Diante desse cenário, iniciamos uma busca de informações nas contas das atléticas no *Instagram*. O objetivo era mapear membros e ex-membros que pudessem contribuir com o projeto, tanto prático quanto teórico. O levantamento foi fundamental para a precisão das informações que compõem o trabalho e para a elaboração das pautas de entrevistas.

4.5 Definição da identidade visual

Ao unir *pod*, de *podcast*, com atlética, chegamos ao “verbo” PodAtleticar, expressão que remete a movimento e ação, e que nomeia a série de *podcast*, que resulta deste Trabalho de Conclusão de Curso. A cor verde utilizada no encarte (capa do *podcast*) homenageia a Atlética Matilha, da qual temos orgulho de ter participado, e que consideramos fundamental na consolidação de uma amizade que ultrapassa os limites da universidade. A imagem do encarte foi gerada pela inteligência artificial *ChatGPT*, que estilizou uma foto das autoras em forma de desenho. Compõem ainda o encarte o nome e o slogan da série, PodAtleticar: Onde o espírito universitário vira estilo de vida.

4.6 Gravação e edição

Com os roteiros finalizados, realizamos a gravação dos episódios no laboratório de rádio do curso de Jornalismo, localizado no Campus V da PUC Goiás. O processo contou com o acompanhamento do técnico responsável pelo espaço, Nilson Ribeiro Filho. O *background* (BG), utilizado como trilha de fundo para as locuções, foi definido a partir das vozes (timbres) das autoras, que gravaram os roteiros, que contam com uma linguagem descontraída, em referência ao estilo jovem e descontraído das atléticas.

O objetivo foi incorporar um elemento sonoro que não se sobrepusesse aos demais elementos do *podcast*, garantindo equilíbrio entre palavra (voz), silêncio e ruídos. Além disso, foram incluídas músicas que fazem referência às atléticas retratadas na série. A vinheta de abertura do PodAtleticar também foi gravada pelas autoras, que definiram o BG que ilustra o material, editado também pelo técnico do laboratório.

4.7 Instagram

Com o objetivo de dar visibilidade ao projeto, em outubro de 2025, as autoras abriram uma conta no *Instagram*, @podatleticar. O primeiro *post* traz uma foto do penúltimo dia de gravação dos roteiros, realizada no dia 5 de novembro.

4.8 As entrevistas

As entrevistas que compõem o projeto (prático e teórico) foram realizadas pelas autoras por meio da rede social *WhatsApp*, para atender a demandas dos próprios entrevistados, nos estúdios de rádio da PUC Goiás e pelo *Teams*. Posteriormente, os áudios foram editados e sequenciados em uma pasta no *Drive* para o editor do laboratório, conforme o roteiro disponibilizado, com as deixas (indicações) de entrada e saída de cada trecho. O conteúdo utilizado na parte escrita do trabalho foi decupado e está disponível nos Apêndices.

4.9 Entrevistas

Nome da Fonte: Tatiana Linhares

Cargo e/ou função: Assessora Parlamentar. Integrou a gestão e a Bateria da Associação Atlética Acadêmica Clóvis Bevilacqua (Primata)

Data da entrevista: 2 de junho de 2025

Realizada por meio da rede social *WhatsApp*

Nome da Fonte: Henrique Esteves

Cargo e/ou função: Sócio de uma empresa de advocacia em Goiânia, professor e conselheiro seccional da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional de Goiás (OAB-GO). Ex-Presidente da Associação Atlética Acadêmica Clóvis Bevilácqua (Primata)

Data da entrevista: 27 de maio de 2025

Realizada por meio da rede social *WhatsApp*

Nome da Fonte: Iolanda Ribeiro

Cargo e/ou função: Membro e ex-atleta da Associação Atlética Acadêmica Unificada

Data da entrevista: 10 de junho de 2025

Realizada por meio das redes sociais *WhatsApp* e *Instagram*

Nome da Fonte: Luiz Fernando Martins

Cargo e/ou função: Presidente da Associação Atlética Acadêmica Clóvis Bevilácqua (Primata)

Data da entrevista: 27 de outubro de 2025

Realizada por meio da rede social *WhatsApp*

Nome da Fonte: Carolina Alves

Cargo e/ou função: Ex-diretora de marketing da Associação Atlética Acadêmica Clóvis Bevilácqua (Primata)

Data da entrevista: 27 de outubro de 2025

Realizada por meio das redes sociais *WhatsApp* e *Instagram*

Nome da Fonte: João Victor Braga

Cargo e/ou função: Ex-presidente da Associação Atlética Acadêmica Unificada

Data da entrevista: 7 de novembro de 2025

Realizada por meio da rede social *WhatsApp*

Nome da Fonte: Gabrielly Fonceca

Cargo e/ou função: Gestão da Associação Atlética Acadêmica Unificada

Data da entrevista: 7 de novembro de 2025

Realizada por meio das redes sociais *WhatsApp* e *Instagram*

5. DIÁRIO DE PRODUÇÃO: ANDRESSA SILVA VASCO

Nessa seção será apresentado o percurso metodológico adotado na produção da série de *podcast*. O objetivo é detalhar as etapas do processo prático do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que resultou no PodAtleticar, descrevendo desde a escolha do tema e do formato, o recorte que definiu as atléticas contempladas no estudo, o levantamento de dados e a elaboração das pautas, até a criação da identidade visual do projeto, a redação dos roteiros, os processos de gravação e a etapa de edição. A proposta é oferecer um guia para futuros projetos de TCC que pretendam desenvolver produtos de *podcast*, o que motivou também registrar nessa seção as dificuldades e desafios enfrentados pelas autoras ao longo do percurso.

5.1 Justificativa do Tema e do Formato

Quando entrei na universidade, no primeiro semestre de 2022, tive contato com o universo do áudio por meio da disciplina de Rádio. Foi ali que descobri o desejo de produzir um *podcast*. Identifiquei-me profundamente com o formato, com o processo de criação e com a linguagem sonora. A convivência com a professora Denize Daudt Bandeira também foi marcante e reforçou minha vontade de trabalhar com produtos sonoros no meu Trabalho de Conclusão de Curso. Sempre percebi o TCC como um trabalho pessoal, que precisa refletir quem somos. Queria que, ao ler ou ouvir meu projeto, as pessoas conseguissem reconhecer minha trajetória.

No final de 2024, minha melhor amiga, Maria Clara Girelli, sugeriu que fizéssemos o trabalho em dupla. A partir disso, começou a nossa busca por um tema que nos representasse. Um ponto em comum, muito significativo para nós duas, sempre foi a Associação Atlética Acadêmica de Comunicação da PUC Goiás, a Matilha. Mesmo assim, ficávamos inseguras quanto à relevância do tema.

Ao conversarmos com a nossa orientadora, recebemos apoio e a proposta de ampliar a abordagem, incluindo outras atléticas que fizeram parte das nossas vivências ao projeto. No início de 2025, definimos então que o TCC seria uma série de *podcast* com cinco episódios, um episódio introdutório e quatro episódios abordando atléticas que, de diferentes maneiras, contribuíram para nossa formação acadêmica, pessoal e esportiva.

5.2 Definição das Atléticas

Durante as primeiras orientações, que ainda aconteciam remotamente pelo *Microsoft Teams*, fizemos uma lista inicial de oito atléticas que poderiam compor o projeto. Entre elas estavam: Raivosa (Medicina Veterinária – PUC GOIÁS); Madrasta (Medicina – UFG); Psicótica (Psicologia – PUC Goiás); Hipertensa (Educação Física – UEG), além da Matilha (Comunicação – PUC Goiás), Primata (Direito – PUC Goiás), Tagarela (Comunicação – UFG) e Unificada (Computação – UFG). Após avaliarmos o impacto de cada uma na nossa trajetória e sua representatividade dentro dos cursos e instituições, chegamos à escolha final de quatro atléticas, que comporiam a série:

Matilha (Comunicação – PUC Goiás): por ser nossa casa e nossa principal experiência universitária.

Primata (Direito – PUC Goiás): presença constante nos jogos; mesmo com algumas divergências, sempre esteve em nossos caminhos.

Tagarela (Comunicação – UFG): Consideramos a Atlética pela força do coletivo, pela sintonia com as autoras e pela afinidade direta com a área da Comunicação.

Unificada (Computação – UFG): selecionada pelo destaque dentro da UFG e pela importância no Quadrangular, campeonato marcante para as autoras.

A decisão levou em conta tanto nossas experiências pessoais quanto o papel das atléticas dentro do ambiente universitário, em que representam acolhimento, pertencimento, identidade e uma forma específica de viver a vida acadêmica.

5.3 Levantamento de Dados

Ao iniciarmos o levantamento teórico do projeto, em 2025, nos deparamos com uma grande dificuldade: a escassez de referenciais sobre atléticas universitárias no Brasil. Isso fez com que o processo teórico e o prático precisassem caminhar juntos. Começamos a realizar entrevistas antes mesmo de finalizar a parte teórica, utilizando os relatos das fontes como base para estruturar a discussão acadêmica.

Realizamos pesquisa em *sites*, revistas, artigos, monografias e principalmente nas redes sociais das atléticas, especialmente no *Instagram*. Também buscamos referências sobre a história do esporte universitário, sua organização, a relevância das atléticas para o acolhimento

e a permanência acadêmica, além de estudos sobre linguagem sonora e mercado de *podcast*. Compreender os elementos do áudio, - música, ruído, silêncio e palavra -, foi indispensável para a construção dos roteiros e, posteriormente, para o processo de edição.

5.4 Produção das Pautas

Nossa dificuldade não foi apenas a de encontrar as fontes, mas localizar pessoas que abordassem exatamente os aspectos que queríamos discutir no projeto. Algumas entrevistas exigiram contato com atléticas de outras realidades, como a do Mackenzie. Pesquisamos perfis e enviamos mensagens para diversas atléticas da instituição e, após várias tentativas, apenas a Atlético Horácio Lane (Engenharia Mackenzie) respondeu. Também tivemos desafios com o presidente da Federação Goiana de Desporto Universitário (FGDU), que realizou as entrevistas, mas demorou a assinar o termo de autorização de uso de imagem e voz devido à agenda intensa de campeonatos.

Apesar das dificuldades, conseguimos fontes extremamente relevantes, que contribuíram diretamente para a construção das pautas e dos roteiros. A linguagem escolhida para os *podcasts* foi simples e próxima da identidade das atléticas, utilizando expressões como “amiga” e “mundinho”, termos que também fazem parte do nosso cotidiano. Optamos por uma linguagem acessível para aproximar o público-alvo e preservar nossa autenticidade.

5.5 Definição da Identidade Visual

Mesmo trabalhando inicialmente separadas, percebemos que seria importante definir a identidade visual do projeto juntas. No dia 19 de agosto de 2025, nos reunimos para decidir nome, conceito e elementos gráficos. Chegamos ao título PodAtleticar, que une *podcast* e atlética e expressa movimento e ação, características essenciais para representar as vivências universitárias. A dúvida inicial era se o termo remeteria a carros, mas, após apresentarmos à orientadora e recebermos aprovação, avançamos com segurança.

O *slogan* passou por várias versões, dentre eles: O impulso que faltava para você não trancar e O impulso que faltava para sua vida universitária. Mas nenhum deles representava plenamente nossa intenção. Somente em 5 de novembro de 2025 chegamos ao que queríamos: PodAtleticar — Onde o espírito universitário vira estilo de vida.

Figura 6 – Primeira versão da identidade visual e *slogan*



Fonte: ChatGPT, 2025

Figura 7 – Segunda versão da identidade visual e *slogan*



Fonte: ChatGPT, 2025

Figura 8 – Versão final da identidade visual e *slogan*



Fonte: ChatGPT, 2025

A cor verde foi escolhida por representar a Atlético Matilha e harmonizar melhor com a foto utilizada na capa do *podcast*. Pensamos em incluir as cores de todas as atléticas selecionadas, mas isso prejudicaria a unidade visual. A arte da capa foi criada pela inteligência artificial *ChatGPT*, a partir de uma foto das autoras, estilizada em desenho. O encarte reúne o nome e o *slogan* da série.

5.6 Instagram

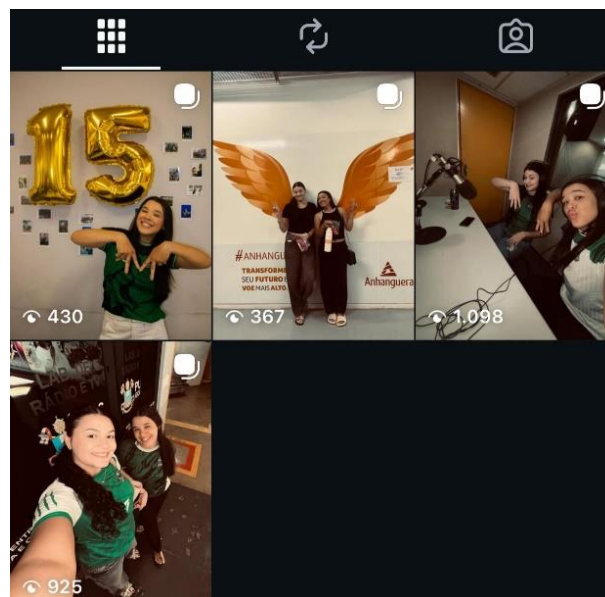
O Instagram @podatleticar foi criado para dar visibilidade ao projeto antes mesmo do lançamento dos episódios. E para familiarizar o público com as autoras. O primeiro *post* foi publicado em 5 de novembro de 2025, com uma foto de um dia de gravação. Até o último registro, o perfil contava com 55 seguidores, 4 *posts*, 1 destaque e 2,3 mil visualizações nos últimos 30 dias. A linguagem usada na rede social segue o estilo acessível e informal utilizado no projeto prático.

Figura 9 – Instagram do PodAtleticar



Fonte: *Print do Instagram*, autoria própria, 2025

Figura 10 – Postagens do Instagram do PodAtleticar



Fonte: *Print do Instagram*, autoria própria, 2025

5.7 As entrevistas

As entrevistas foram realizadas presencialmente no estúdio de rádio da PUC Goiás, pelo *Teams* e pelo *WhatsApp*, conforme a disponibilidade dos participantes. Tive problemas técnicos com três entrevistas realizadas pelo *Teams*, com Léo Roque, Luana Viezzer e Maycon Cavalcanti e precisei refazê-las pelo *WhatsApp*. O conteúdo transcrito das gravações do *Teams* foi aproveitado para a parte escrita, enquanto o material sonoro final foi coletado pelo *WhatsApp*. O conteúdo foi armazenar em um *Drive*. Posteriormente, o técnico do laboratório criou uma pasta exclusiva em outro *Drive* para o envio dos áudios, que foram editados seguindo o roteiro com as deixas de entrada e saída. As transcrições integrais ficaram disponíveis como Apêndice.

5.8 Gravação e edição

Com os roteiros finalizados, realizamos a gravação dos episódios no laboratório de rádio do curso de Jornalismo, localizado no Campus V da PUC Goiás. O processo contou com o acompanhamento do técnico responsável pelo espaço, Nilson Ribeiro Filho. O *background* (BG), utilizado como trilha de fundo para as locuções, foi definido a partir das vozes (timbres) das autoras, que gravaram os roteiros, que contam com uma linguagem descontraída, em referência ao estilo jovem e descontraído das atléticas.

O objetivo foi incorporar um elemento sonoro que não se sobrepusesse aos demais elementos do podcast, garantindo equilíbrio entre palavra (voz), silêncio e ruídos. Além disso, foram incluídas músicas que fazem referência às atléticas retratadas na série. A vinheta de abertura do PodAtleticar também foi gravada pelas autoras, que definiram o BG que ilustra o material, editado também pelo técnico do laboratório.

5.9 Entrevistas

Nome da Fonte: João Victor Pinheiro

Cargo e/ou função: Atual presidente da Associação Atlética Acadêmica de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Matilha

Data da entrevista: 18 de setembro de 2025

Realizada de forma presencial

Nome da Fonte: Alleone Souza

Cargo e/ou função: Vice-presidente da Associação Atlética Acadêmica de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Matilha

Data da entrevista: 1 de novembro de 2025

Realizada por meio da rede social *WhatsApp*

Nome da Fonte: Léo Roque

Cargo e/ou função: Ex-presidente da Associação Atlética Acadêmica de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Matilha

Data da entrevista: 2 de junho de 2025 e 20 de outubro de 2025

Realizada por meio da plataforma *Teams* e da rede social *WhatsApp*

Nome da Fonte: Vitória Sousa

Cargo e/ou função: Ex-presidente da Associação Atlética Acadêmica de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Matilha

Data da entrevista: 30 de setembro de 2025

Realizada por meio da rede social *WhatsApp*

Nome da Fonte: Isadora de Moraes

Cargo e/ou função: Atual coordenadora de produtos da Associação Atlética Acadêmica de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Matilha

Data da entrevista: 18 de setembro de 2025

Realizada de forma presencial

Nome da Fonte: Júlia Potenciano

Cargo e/ou função: Ex-diretora de marketing e atleta da Associação Atlética Acadêmica de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Matilha

Data da entrevista: 6 de outubro de 2025

Realizada por meio da rede social *WhatsApp*

Nome da Fonte: Mateus Werner

Cargo e/ou função: Ex-diretor de esportes da Associação Atlética Acadêmica de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Matilha e ex-trainee da Associação Atlética Acadêmica Tagarela

Data da entrevista: 30 de setembro de 2025

Realizada por meio da rede social *WhatsApp*

Nome da Fonte: Ana Cecília Cunha

Cargo e/ou função: Ex-diretora de marketing da Associação Atlética Acadêmica de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Matilha

Data da entrevista: 29 de setembro de 2025

Realizada por meio da rede social *WhatsApp*

Nome da Fonte: Raul Senna

Cargo e/ou função: Atleta de vôlei da Associação Atlética Acadêmica de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Matilha

Data da entrevista: 30 de setembro de 2025

Realizada por meio da rede social *WhatsApp*

Nome da Fonte: Maria Clara Cunha

Cargo e/ou função: Ex-diretora geral da Associação Atlética Acadêmica de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Matilha

Data da entrevista: 7 de outubro de 2025

Realizada por meio da rede social *WhatsApp*

Nome da Fonte: Larissa Urzêdo

Cargo e/ou função: Ex-presidente da Associação Atlética Acadêmica Tagarela

Data da entrevista: 5 de outubro de 2025

Realizada por meio da rede social *Instagram*

Nome da Fonte: Luana Viezzer

Cargo e/ou função: Ex-presidente da Associação Atlética Acadêmica Tagarela

Data da entrevista: 4 de junho de 2025 e 19 de setembro de 2025

Realizada por meio do *Teams* e da rede social *WhatsApp*

Nome da Fonte: Maycon Cavalcante

Cargo e/ou função: Ex-presidente da Associação Atlética Acadêmica Tagarela

Data da entrevista: 4 de junho de 2025 e 3 de novembro de 2025

Realizada por meio do *Teams* e da rede social *WhatsApp*

Nome da Fonte: Marina Veiga

Cargo e/ou função: Ex-vice-presidente da Associação Atlética Acadêmica Tagarela

Data da entrevista: 15 de junho de 2025

Realizada por meio da plataforma *Teams*

Nome da Fonte: Nathália Bariani

Cargo e/ou função: Ex-presidente da Associação Atlética Acadêmica Tagarela

Data da entrevista: 03 de novembro de 2025

Realizada por meio da rede social *WhatsApp*

Nome da Fonte: Laíra Machado

Cargo e/ou função: Ex-presidente da Associação Atlética Acadêmica Tagarela

Data da entrevista: 28 de outubro de 2025

Realizada por meio da rede social *WhatsApp*

Nome da Fonte: Crystal Mie

Cargo e/ou função: Atual vice-presidente da Associação Atlética Acadêmica Horácio Lane (Engenharia Mackenzie)

Data da entrevista: 07 de outubro de 2025

Realizada por meio da rede social *WhatsApp*

Nome da Fonte: Lusimar Santos

Cargo e/ou função: Presidente da federação Goiana dos Desportos Universitários (FGDU)

Data da entrevista: 03 de outubro de 2025

Realizada por meio da rede social *WhatsApp*

Nome da Fonte: Regiany Rodrigues

Cargo e/ou função: Estudante

Data da entrevista: 01 de outubro de 2025

Realizada por meio da rede social *WhatsApp*

CONCLUSÃO

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso possibilitou compreender a relevância das Associações Atléticas Acadêmicas como espaços fundamentais de convivência, identidade e pertencimento no contexto universitário. Apesar de sua importância, o estudo aponta também para a escassez de produções acadêmicas que abordem o tema, o que reforça a necessidade de pesquisas que registrem suas histórias, práticas e impactos na formação dos estudantes.

Apesar de seu papel fundamental na integração e no fortalecimento da identidade estudantil, as Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs) enfrentam desafios operacionais e estruturais em seu cotidiano. Entre os obstáculos vivenciados pelas atléticas entrevistadas, destaca-se a dificuldade de resgatar e manter as atividades de forma estruturada, como foi o caso da Atlético Matilha, que teve de se reinventar no período pós-pandemia. Outros desafios incluem a gestão interna e a sustentabilidade das chapas, um ponto crítico vivenciado pela Atlético Tagarela em sua formação inicial. O incentivo e a manutenção da participação estudantil também se apresentam como um desafio constante, especialmente em modalidades esportivas que requerem um número consistente de membros nos treinos. Somado a isso, os relatos apontam para as dificuldades logísticas na organização de eventos e a carência de infraestrutura, como quadras e locais adequados para a promoção de campeonatos universitários, demandando das atléticas não apenas dedicação esportiva, mas também aprimoramento em gestão e empreendedorismo. De forma mais ampla, o estudo reitera o desafio de documentação e valorização, dada a escassez de produções acadêmicas sobre o tema, o que reforça a necessidade de pesquisas que registrem suas histórias e impactos.

O esforço de esclarecer o percurso histórico das atléticas abordadas neste trabalho se materializa no primeiro capítulo, desenvolvido a partir da pesquisa bibliográfica e de entrevistas (relatos de experiências), que se justifica pela escassez de materiais sobre o objeto empírico do estudo. Para a construção dessa unidade, também foram realizados levantamentos em artigos, *sites*, *blogs*, canal do *YouTube* e perfis no *Instagram*. Além disso, a consulta a outros TCCs que abordam a temática das atléticas contribuiu para essa etapa da pesquisa.

Os memorandos, que descrevem as etapas de produção da série de *podcast*, registram as percepções e os sentimentos que acompanharam essa trajetória. No meu caso, Maria Clara Girelli, essa dimensão se expressa no sentimento de conquista ao concluir o projeto. Foram

meses intensos, mas possíveis, sobretudo graças às disciplinas de rádio cursadas ao longo da minha formação acadêmica.

Da mesma forma, eu, Andressa Silva, concluo que este trabalho representa não apenas o encerramento de um ciclo acadêmico, mas também a materialização de uma trajetória marcada por desafios, aprendizados e por pessoas que foram fundamentais ao longo desse processo. Assim, podemos afirmar que este estudo abrange tanto uma análise teórico-acadêmica, quanto das vivências e subjetividades de suas autoras.

Esperamos que o registro das histórias das atléticas estudadas contribua para preservar memórias frequentemente não documentadas, ampliando o entendimento sobre o papel das AAAs no fortalecimento das redes de apoio e da identidade universitária. Desejamos, ainda, que este projeto inspire novas pesquisas que se aprofundem nessa temática, valorizando o protagonismo estudantil e a riqueza das experiências construídas no ambiente acadêmico.

REFERÊNCIAS

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In. MEDITSCH, Eduardo. (org). **Teorias do rádio: textos e contextos**. v 1. Florianópolis: Insular, 2005. P. 323 a 333.

BOECHAT, João Pedro; CRISTINA, Pamela; CAMÕES, Álvaro. **As atléticas e a UNE**. 14 set. 2021. Disponível em: <https://pdt.org.br/index.php/as-atleticas-e-a-une/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

CARDOSO, Marcelo; VILLAÇA, Lenize. Podcast no Brasil: disrupção de modelos de comunicação ou submissão à lógica de grupos hegemônicos de poder? **Revista ALTERJOR**, São Paulo, v. 12, n. 25, p. 112–124, jan./jun. 2022.

CAXIM. **INTER-UFG**. s.d. Disponível em: <https://caxim.direito.ufg.br/n/26490-inter-ufg>. Acesso em: 8 mar. 2025.

CROSSHOST. 2020. **O que é podcast** — como fazer um podcast? Disponível em: <https://www.crosshost.com.br/o-que-e-podcast-como-fazer-um-podcast/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

ESPORTE FABICO. 2022. **A importância das atléticas na integração dos alunos universitários**. Disponível em: <https://esportefabico.wordpress.com/2022/08/25/a-importancia-das-atleticas-na-integracao-dos-alunos-universitarios/>. Acesso em: 15 mar. 2025.

FARO. **Atlética universitária: uma prática que pode auxiliar sua formação**. Blog da FARO, s.d. Disponível em: <https://faro.edu.br/blog/atletica-universitaria-uma-pratica-que-pode-auxiliar-sua-formacao/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional. **Educação em Revista**, Marília, v. 18, n. 2, p. 55–70, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2017.v18n2.05.p55>. Acesso em: 13 nov. 2025.

GOV.BR. Censo da educação brasileira. **Inep divulga resultado do Censo Superior 2024**. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/censo-da-educacao-superior/inep-divulga-resultado-do-censo-superior-2024>. Acesso em: 29 nov. 2025.

HELPCENTER. **Linktree**. Disponível em: [https://linktree-translate.google/help/en/articles/5434130-what-is-linktree](https://linktree.translate.google.help/en/articles/5434130-what-is-linktree). Acesso em: 20 nov. 2025.

INTEGRAÊ. **Surgimento das atléticas**. 2017. Disponível em: <https://integrae.com.br/surgimento-das-atleticas/>. Acesso em: 18 mar. 2025.

LUCENA, Ricardo André Ferreira de; CASTRO, Ricardo Santos de. Origens do esporte universitário no Brasil: os jogos acadêmicos da década de 1930. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 40, e1808, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/YjY3JQ78mWwgK7RqNFnbNqD/?format=pdf>. Acesso em: 18 mar. 2025.

MACKENZIE. **Mais de 125 anos de história no futebol.** 2023. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/memorias/150-anos/acontece/arquivo/n/a/i/mackenzie-mais-de-125-anos-de-historia-no-futebol>. Acesso em: 1 abr. 2025.

MLABS. **Como fazer um podcast.** 2023. Disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/como-fazer-um-podcast>. Acesso em: 13 nov. 2025.

O TABOANENSE. **Descubra o poder da atlética na vida acadêmica:** um pouco de história sobre as Atléticas Acadêmicas. 2024. Disponível em: <https://www.otaboanense.com.br/descubra-o-poder-da-atletica-na-vida-academica/>. Acesso em: 15 mar. 2025.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2022–2026 (PDI).** Goiânia: PUC Goiás, 2023. Disponível em: <https://www.pucgoias.edu.br/wp-content/uploads/2024/06/Plano-de-desenvolvimento-institucional-28.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2025.

REIS, Pompílio; FAGUNDES, Alice. Importância das Atléticas no Desenvolvimento Integral dos Estudantes Universitários. **Revista Pesquisa e Desenvolvimento.** ISSN 2527-0478, 2024.

SANTOS, Isadora Henriques dos. **Análise histórica do processo tecnológico de desenvolvimento do podcast.** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2021.

SPOTIFY. s.d. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/>. Acesso em: 25 nov. 2025.

SUAIMPRESSA. **História do podcast:** da criação à popularização. Redaflavia, 2024. Disponível em: <https://suaimpressa.com.br/blog/historia-do-podcast-da-criacao-a-popularizacao/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **UFG continua recebendo doações para os desabrigados do RS.** 2024. Disponível em: <https://ufg.br/n/181174-ufg-continua-recebendo-doacoes-para-os-desabrigados-do-rs>. Acesso em: 8 mar. 2025.

VIANA, Hilery Emanuele Amorin; BATISTA, Stéfany Daiane Menezes; ROCHA JUNIOR, Olavo Raimundo de Macedo Barreto. A importância das Associações Atléticas Acadêmicas nas Universidades localizadas no Município de Tucuruí-PA. **Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu.** v. 1. n. 6. jan.-dez. 2023. ISSN 2675-2956.

VILLOBOS, Marco Antônio Vargas. Atletas x ditadura: a geração perdida. **Histórie.** Rio Grande do Sul. v. 3. 2014. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/download/4875/3071/13973>. Acesso em: 26 mar. 2025.

APÊNDICE A – PAUTAS DE ENTREVISTA

A.1 Pauta de Entrevista – Vitória Sousa (Atlética Matilha – PUC Goiás)

Tema: O protagonismo feminino e a construção de pertencimento na Atlética Matilha.

Entrevistador(a): Andressa Vasco.

Objetivo: Entender o processo de retomada da Atlética Matilha após a pandemia, a atuação da entrevistada como presidente e os desafios enfrentados pela gestão.

Sugestão de perguntas:

- Como foi sua entrada na universidade e sua aproximação com a Atlética Matilha?
- De que forma o início remoto influenciou sua vivência acadêmica e sua decisão de assumir liderança?
- Como foi assumir a presidência ainda durante a pandemia?
- Em que estado você encontrou a Atlética naquele momento?
- Quais foram os principais obstáculos para retomar as atividades?
- Como lidar com o engajamento dos alunos durante o retorno presencial?
- Quais foram as prioridades iniciais da gestão?
- Quais estratégias utilizaram para reengajar os alunos?
- Como foi organizar os primeiros eventos presenciais?
- Algum evento marcante?
- Como avalia os resultados da sua gestão?
- Que legado acredita ter deixado?
- Que aprendizados pessoais obteve?
- Que conselho daria para futuros líderes estudantis?

A.2 Pauta de Entrevista – Maykon Cavalcanti (Atlética Tagarela – UFG)

Tema: A trajetória da Atlética Tagarela e o papel de Maykon após a primeira vitória no Inter.

Entrevistador(a): Andressa Vasco.

Objetivo: Resgatar a história da Atlética Tagarela a partir da primeira conquista no Inter e compreender a atuação de Maykon como presidente entre 2015 e 2017.

Sugestão de perguntas:

- Como era a Atlética Tagarela antes da primeira vitória no Inter?
- Você já participava da Atlética antes da presidência? Em qual função?

- Como foi vivenciar a primeira vitória no Inter?
- Que impacto essa conquista teve para a Atlético e para você?
- O que motivou sua decisão de assumir a presidência?
- Principais desafios no início da gestão?
- Conquistas mais importantes no período?
- Houve mudanças estruturais ou de filosofia sob sua liderança?
- Qual o impacto da sua gestão na Tagarela atual?
- Há alguma história marcante que nunca esqueceu?
- Que conselho deixaria para os líderes atuais da Tagarela?

A.3 Pauta de Entrevista – Marina Veiga (Atlética Tagarela – UFG)

Tema: Trajetória de Marina Veiga e desafios da gestão no período pós-pandemia.

Entrevistador(a): Andressa Vasco.

Objetivo: Entender sua atuação como Diretora Esportiva e Vice-Presidente, especialmente durante o processo de reconstrução da Atlético Tagarela.

Sugestão de perguntas:

- Como começou sua trajetória na Tagarela?
- Responsabilidades como Diretora Esportiva?
- O que motivou a assumir a vice-presidência?
- Como a pandemia impactou as atividades da Atlético?
- Maiores desafios no pós-pandemia?
- Que legado acredita ter deixado?
- Como avalia a evolução da Atlético desde sua entrada?

A.4 Pauta de Entrevista – João Victor Braga (Atlética Unificada – UFG)

Tema: A experiência na gestão e a responsabilidade de representar diversos cursos.

Entrevistador(a): Maria Clara Ferreira Girelli.

Objetivo: Compreender o significado de liderar uma atlética que representa vários cursos e como essa experiência influenciou sua formação pessoal e acadêmica.

Sugestão de perguntas:

- Como chegou à presidência da Unificada?

- O que significou participar da gestão?
- Quais os principais desafios ao representar múltiplos cursos?
- Algum momento marcante resume sua experiência?
- Que conselho daria para quem assume essa responsabilidade?

A.5 Pauta de Entrevista – Gabrielly Fonceca (Atlética Unificada – UFG)

Tema: Rotina, desafios e responsabilidades na organização de eventos.

Entrevistador(a): Maria Clara Ferreira Girelli.

Objetivo: Entender o trabalho da entrevistada na área de eventos, seus desafios e impacto na dinâmica da Atlética Unificada.

Sugestão de perguntas:

- Como entrou para a gestão de eventos?
- O que significa atuar nessa área?
- Quais os desafios de organizar festas e coordenar atividades?
- Qual foi o momento ou evento mais marcante?
- Que conselho daria para quem deseja atuar em eventos de atléticas?

A.6 Pauta de Entrevista – Carolina Alves (Atlética Primata – PUC Goiás)

Tema: Liderança feminina, desafios e superação dentro da Atlética Primata.

Entrevistador(a): Maria Clara Ferreira Girelli.

Objetivo: Registrar a experiência da ex-diretora de marketing, destacando desafios, superações e impactos pessoais e profissionais.

Sugestão de perguntas:

- Como foi assumir um cargo de liderança feminina na Primata?
- Principais desafios como diretora de marketing?
- Como o marketing influenciou a identidade da atlética na sua gestão?
- Há algum momento marcante da sua jornada?
- Pode compartilhar um depoimento sobre liderança e superação?

A.7 Pauta de Entrevista – Luiz Martins (Atlética Primata – PUC Goiás)

Tema: Identidade, organização e reconstrução da Atlética Primata.

Entrevistador(a): Maria Clara Ferreira Girelli.

Objetivo: Compreender sua visão sobre identidade, estrutura e retomada pós-pandemia.

Sugestão de perguntas:

- O que o mascote gorila representa?
- Como funciona a estrutura organizacional atual da Primata?
- Como foi conduzir a retomada pós-pandemia?
- Qual aspecto dessa reconstrução foi mais importante?

A.8 Pauta de Entrevista – Tatiana Linhares (Atlética Primata – PUC Goiás)

Tema: A história da Atlética Primata e sua trajetória na universidade.

Entrevistador(a): Maria Clara Ferreira Girelli.

Objetivo: Registrar a memória histórica da Primata a partir da perspectiva de uma das integrantes de sua formação.

Sugestão de perguntas:

- Como surgiu a Atlética Primata?
- Quem foram os fundadores?
- Qual era o objetivo da atlética no início?
- Por que o nome “Primata”?
- Como era o espírito da atlética nos primeiros anos?
- Quais momentos mais marcantes?
- Eventos ou campeonatos memoráveis?
- Relação com coordenação e direção?
- Havia apoio da PUC?
- O que a Primata representa hoje?
- Que mensagem deixaria para os atuais membros?

A.9 Pauta de Entrevista – Iolanda Ribeiro (Atlética Unificada – UFG)

Tema: A história da Atlética Unificada e sua trajetória dentro da universidade.

Entrevistador(a): Maria Clara Ferreira Girelli.

Objetivo: Resgatar os marcos históricos da Unificada a partir do relato de ex-integrante.

Sugestão de perguntas:

- Como surgiu a Atlética Unificada?
- Quem foram os fundadores?
- Qual era o objetivo da atlética?
- Por que o nome “Unificada”?
- Valores e identidade nos primeiros anos?
- Momentos inesquecíveis?
- Eventos ou campeonatos marcantes?
- Relação com coordenação e direção da UFG?
- Existia apoio institucional?
- O que representa para os estudantes hoje?
- Que mensagem deixaria para os atuais membros?

A.10 Pauta de Entrevista – Henrique Esteves (Atlética Primata – PUC Goiás)

Tema: A história da Atlética Primata e sua trajetória na universidade.

Entrevistador(a): Maria Clara Ferreira Girelli.

Objetivo: Registrar a memória histórica da Primata a partir da perspectiva de uma das integrantes de sua formação.

Sugestão de perguntas:

- Como surgiu a Atlética Primata?
- Quem foram os fundadores?
- Qual era o objetivo da atlética no início?
- Por que o nome “Primata”?
- Como era o espírito da atlética nos primeiros anos?
- Quais momentos mais marcantes?
- Eventos ou campeonatos memoráveis?
- Relação com coordenação e direção?
- Havia apoio da PUC?

- O que a Primata representa hoje?
- Que mensagem deixaria para os atuais membros?

A.11 Pauta de Entrevista – Larissa Urzêdo (Atlética Tagarela – UFG)

Tema: História da Atlética Tagarela e trajetória estudantil.

Entrevistador(a): Andressa Vasco.

Objetivo: Entender sua atuação na Atlética Tagarela.

Sugestão de perguntas:

- Como entrou para a Tagarela e o que motivou sua presidência em 2014?
- Principais desafios de liderar uma atlética naquele período?
- A estrutura era diferente da atual?
- Projetos ou eventos marcantes?
- Alguma crise exigiu união da equipe?
- Como era a relação com outras atléticas e com a universidade?
- Como engajavam os estudantes?
- O que a Atlética representou na sua vida?
- Momentos marcantes ou emocionantes?
- Aprendizados levados para a vida profissional?
- O que mais lhe surpreende na Tagarela atual?

A.12 Pauta de Entrevista – Luana Viezzer (Atlética Tagarela – UFG)

Tema: Trajetória na Tagarela e participação no InterUFG.

Entrevistador(a): Andressa Vasco.

Objetivo: Entender sua atuação na Atlética Tagarela.

Sugestão de perguntas:

- Quando e como começou seu envolvimento? Qual foi seu primeiro cargo na atlética?
- Como se tornou presidente?
- Maiores desafios?
- Projetos, competições ou ações marcantes?
- Relação com os cursos da FIC?

- Participação na Bateria Tagarela?
- Como a vivência influenciou sua trajetória pessoal e profissional?
- Como foi assumir papel de organização do InterUFG?
- O que aprendeu da Tagarela que levou para o evento?
- Seu TCC foi sobre o InterUFG? Como foi transformar a vivência em pesquisa?
- Qual é o papel das atléticas na vida universitária?

A.13 Pauta de Entrevista – Nathália Bariani (Atlética Tagarela – UFG)

Tema: Desafios da liderança estudantil e gestão interna.

Entrevistador(a): Andressa Vasco.

Objetivo: Entender sua atuação na Atlética Tagarela.

Sugestão de perguntas:

- Como entrou para a Tagarela?
- O que motivou assumir a presidência?
- Principais desafios da época?
- Estrutura da Tagarela era diferente?
- Eventos e projetos marcantes?
- Relação com outras atléticas e com a universidade?
- Engajamento dos estudantes?
- Representatividade da Atlética na sua vida?
- Momento marcante de sua gestão?
- Aprendizados levados para a vida profissional?

A.14 Pauta de Entrevista – Láira Machado (Atlética Tagarela – UFG)

Tema: Gestão, identidade e desenvolvimento da Atlética Tagarela.

Entrevistador(a): Andressa Vasco.

Objetivo: Compreender os pilares da gestão da entrevistada, sua participação na criação da bateria e seu impacto na evolução da atlética.

Sugestão de perguntas:

- Quais foram os pontos mais importantes da sua gestão?
- Como foi o processo de criação da Bateria Tagarela?
- De que forma sua vivência contribuiu para sua trajetória profissional?
- Qual a importância da Tagarela na sua vida pessoal e acadêmica?
- Principais desafios enfrentados durante a gestão?
- Algum projeto ou ação marcante que tenha determinado a história da atlética?
- Como era o engajamento dos estudantes da FIC?
- Qual momento da sua vivência marcou sua trajetória?

A.15 Pauta de Entrevista – Regiany Rodrigues (Medicina Veterinária – convidada)

Tema: Influência das atléticas nas relações e vivências universitárias.

Entrevistador(a): Andressa Vasco.

Objetivo: Compreender o impacto da Atlética Matilha na vida de Andressa e no relacionamento entre as duas.

Sugestão de perguntas:

- Qual é a importância da Atlética para Andressa, na sua visão?
- Como a Atlética influenciou o relacionamento de vocês?
- Como começou a brincadeira da “primeira-dama da Matilha”?

A.16 Pauta de Entrevista – Lusimar Santos (Presidente da FGDU)

Tema: O papel das atléticas no desenvolvimento do esporte universitário em Goiás.

Entrevistador(a): Andressa Vasco.

Objetivo: Obter uma visão institucional sobre as atléticas, campeonatos e cultura esportiva no estado.

Sugestão de perguntas:

- Qual é o papel das atléticas no fortalecimento do esporte universitário?
- Como os campeonatos promovidos pela FGDU contribuem para integração entre instituições?
- Como a participação das atléticas impacta o cenário esportivo goiano?

- Quais os desafios de organizar campeonatos universitários?
- Como esses campeonatos ajudam a fortalecer a cultura esportiva e o senso de comunidade?
- Há iniciativas que garantem inclusão e diversidade?
- Por que manter e expandir os campeonatos é importante?
- Como vê a evolução das atléticas em Goiás?

A.17 Pauta de Entrevista – Crystal Mie (Atlética Horácio Lane – Mackenzie)

Tema: Vivência esportiva e cultural nas atléticas da Universidade Mackenzie.

Entrevistador(a): Andressa Vasco.

Objetivo: Entender a tradição, integração, representatividade e projetos internos das atléticas da Mackenzie.

Sugestão de perguntas:

- Como é fazer parte de uma atlética da Mackenzie?
- Qual tradição ou evento mais marcou sua experiência?
- Qual a importância da atlética para os estudantes?
- Como a atlética promove integração e espírito de equipe?
- Já participou de projetos sociais? Como foi?
- Como decidiu entrar na Atlética Horácio Lane?
- Pode contar um pouco da história das atléticas da Mackenzie?
- Como a atlética influencia o dia a dia dos alunos?
- Qual o papel das atléticas na tradição da universidade?

A.18 Pauta de Entrevista – Raul Senna (Atlética Matilha – PUC Goiás)

Tema: Arte, esporte e identidade universitária.

Entrevistador(a): Andressa Vasco.

Objetivo: Entender como a Matilha influencia artistas universitários, promovendo visibilidade e integração.

Sugestão de perguntas:

- Como começou sua relação com a Matilha?
- Você já se apresentou em eventos da Atlética?
- Como foi essa experiência?
- Qual a importância do apoio da Atlética para artistas?

- A Atlética ajuda na descoberta de talentos culturais?
- O que a Matilha representa para você?

A.19 Pauta de Entrevista – Maria Clara Cunha (Atlética Matilha – PUC Goiás)

Tema: Participação e apoio nos eventos universitários.

Entrevistador(a): Andressa Vasco.

Objetivo: Registrar o apoio e atuação da entrevistada nos eventos da Matilha.

Sugestão de perguntas:

- Como era a sua ajuda nos eventos universitários da Matilha?

A.20 Pauta de Entrevista – Ana Cecília Cunha (Atlética Matilha – PUC Goiás)

Tema: Construção da identidade visual e comunicacional da Atlética Matilha.

Entrevistador(a): Andressa Vasco.

Objetivo: Investigar sua experiência como diretora de marketing, desafios e estratégias.

Sugestão de perguntas:

- Como decidiu entrar na Atlética?
- Quais os maiores desafios na comunicação?
- Como construíram a identidade visual forte da Matilha?
- Algum momento marcou sua trajetória?
- O marketing aumentou o engajamento dos alunos?
- Qual ação ou post de que mais se orgulha?
- Aprendizados que leva da gestão?
- Qual foi o maior desafio?
- O que a Matilha representa para você?

A.21 Pauta de Entrevista – Mateus Werner (Tagarela e Matilha – UFG/PUC Goiás)

Tema: Trajetória esportiva universitária e vivência em duas atléticas.

Entrevistador(a): Andressa Vasco.

Objetivo: Explorar sua experiência no esporte universitário, competições e transição entre atléticas.

Sugestão de perguntas:

- Como foi sua trajetória entre Tagarela e Matilha?
- O vôlei sempre fez parte da sua vida?
- Qual a importância das atléticas na sua formação?
- Como foi representar o estado e sua atlética nos JUBs?
- Quais foram os maiores desafios?
- O apoio das atléticas foi essencial?
- Participar de duas atléticas trouxe aprendizados distintos?
- O que diferencia as vivências?
- Como o esporte universitário contribuiu para sua vida?
- O que a Matilha significa para você?

A.22 Pauta de Entrevista – Julia Potenciano (Atlética Matilha – PUC Goiás)

Tema: Experiência de representar a Matilha nos JUBs.

Entrevistador(a): Andressa Vasco.

Objetivo: Entender o impacto da participação nacional na trajetória pessoal e da atlética.

Sugestão de perguntas:

- O que significou representar a Atlética nos JUBs em Maceió?
- Maior aprendizado da experiência?
- Como foi o apoio da Atlética?
- Qual momento mais marcante?
- Importância do apoio ao beach tennis?
- A participação fortaleceu a imagem da Matilha?
- O que a Matilha representa para você?

A.23 Pauta de Entrevista – Isadora de Moraes (Atlética Matilha – PUC Goiás)

Tema: Motivação para ingressar na Atlética Matilha.

Entrevistador(a): Andressa Vasco.

Objetivo: Explorar sua experiência na atlética.

Sugestão de perguntas:

- O que te motivou a entrar para a Matilha?

- Qual a importância da Atlética na sua vida?
- Quais cargos você exerceu?

A.24 Pauta de Entrevista – Alleone Souza (Atlética Matilha – PUC Goiás)

Tema: Da gestão esportiva à vice-presidência.

Entrevistador(a): Andressa Vasco.

Objetivo: Entender sua trajetória, aprendizados e impacto na vida universitária.

Sugestão de perguntas:

- O que te motivou a entrar cedo na Atlética?
- Como foi a primeira experiência na área de esportes?
- Quais aprendizados você levou para a vice-presidência?
- Como enxerga a responsabilidade de representar a atlética?
- A vivência influenciou sua vida pessoal e acadêmica?
- Momento mais marcante?
- Qual a importância da Atlética na integração dos estudantes?
- O que a Matilha significa para você?

A.25 Pauta de Entrevista – João Victor Pinheiro (Atlética Matilha – PUC Goiás)

Tema: Trajetória e desafios dentro da Atlética Matilha.

Entrevistador(a): Andressa Vasco.

Objetivo: Compreender seu ingresso e os desafios da gestão.

Sugestão de perguntas:

- Como foi seu ingresso na Atlética Matilha?
- Quais foram os principais desafios vividos dentro da gestão?

APÊNDICE B – ROTEIROS DO PODCAST PODATLETICAR

B.1 – Roteiro do Episódio 1: Episódio Inicial Introdutório

VINHETA DE ABERTURA: PODATLETICAR – ONDE O ESPÍRITO UNIVERSITÁRIO VIRA ESTILO DE VIDA

TEC: SOBE E DESCE BG (CLAIM TO FAME)

LOC 1 (ANDRESSA): EU SOU ANDRESSA VASCO, TENHO 22 ANOS E SEMPRE SONHEI EM SER JORNALISTA. / NÃO TEM NADA QUE EU AME MAIS DO QUE UMA BOA FOFOCA... OPS, QUERO DIZER, ME COMUNICAR (RSRS). / ÀS VEZES PENSO: “SERÁ QUE TÔ VELHA DEMAIS PRA UMA CHOPPADA?”, “ISSO É COISA DE CALOURO?”. / MAS LOGO ESTOU LÁ, PROGRAMANDO A PRÓXIMA! //

LOC 1 (ANDRESSA): NÃO QUERO SAIR DA FACULDADE E ME ARREPENDER DE NÃO TER FEITO ALGO QUE QUERIA POR PURO RECEIO. / A ADRENALINA DOS JOGOS E O FRIO NA BARRIGA DE VER A MATILHA EM CAMPO SEMPRE ME FAZEM SENTIR PARTE DE ALGO IMPORTANTE. / E, SE TEM UMA COISA QUE EU SEI, É QUE VIVI INTENSAMENTE TUDO QUE A FACULDADE PODE ME PROPORCIONAR. //

LOC 2 (MARIA CLARA): EU SOU MARIA CLARA GIRELLI, TENHO 21 ANOS, NASCI EM GOIÂNIA, MAS CRESCI EM CANARANA, NO INTERIOR DO MATO GROSSO. / O SONHO DE FAZER JORNALISMO COMEÇOU COM O MEU AMOR PELO GRÊMIO. / A ATLÉTICA MATILHA FOI O GANCHO PERFEITO PRA UNIR MINHAS DUAS PAIXÕES: A COMUNICAÇÃO E O ESPORTE. / ENTREI NA FACULDADE QUERENDO

EXPLORAR TUDO, E HOJE AINDA SINTO A MESMA ADRENALINA AO TORCER EM CADA JOGO. //

LOC 3 (ANDRESSA): SABE AQUELA DUPLA DE AMIGAS QUE NÃO FICA EM SILÊNCIO EM AULA NENHUMA E CONVERSA COM A FACULDADE INTEIRA? / SIM, ESSAS SOMOS NÓS! / FOI ASSIM QUE ENTRAMOS NA ATLÉTICA: NO PRIMEIRO PERÍODO, PEDIMOS PRA FAZER PARTE E, CÁ ESTAMOS NÓS. //

LOC 4 (ANDRESSA): A IDEIA DO PODATLETICAR, QUE VOCÊ ESCUTA AGORA, SURTIU DESSE AMOR EM COMUM: PELA VIDA UNIVERSITÁRIA E, PRINCIPALMENTE, PELA ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE COMUNICAÇÃO DA PUC GOIÁS, A MATILHA. / NOSSA AMIZADE COMEÇOU EM UM BAR DO LADO DA FACULDADE E SE FORTALECEU NOS JOGOS, EM SE ARRUMAR JUNTAS PRA IR PRA UMA CHOPPADA E NOS INÚMEROS MOMENTOS COMPARTILHADOS. / DAÍ SURTIU A IDEIA: “POR QUE NÃO DIVIDIR ISSO COM TODO MUNDO E TRANSFORMAR EM NOSSO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO?” //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (MARIA CLARA): E SE TEM ALGUÉM QUE JÁ CHOROU, JÁ SORRIU, JÁ VIVEU TUDO QUE UMA ATLÉTICA TEM PRA PROPORCIONAR, É A EX-PRESIDENTE DA MATILHA, VITÓRIA SOUSA. //

TEC: SONORA 1 – VITÓRIA “E O MAIS IMPORTANTE” ATÉ “E EU ACHO QUE É ISSO”

LOC 2 (ANDRESSA): PRA GENTE, AMIGA, A MATILHA SEMPRE FOI FAMÍLIA. / E QUE BOM QUE EXISTEM PESSOAS COMO A VITÓRIA PRA DEIXAR TUDO ISSO MAIS FÁCIL. / AFINAL, ENTRAR NA FACULDADE É TIPO ABRIR UM PORTAL PRA UM MONTE DE MUDANÇAS, / DESCOBERTAS E DESAFIOS. / E, NO MEIO DISSO

TUDO, TEM UMA COISA QUE MUITA GENTE NEM IMAGINA, MAS QUE MUDA TOTALMENTE A VIDA UNIVERSITÁRIA: AS ATLÉTICAS! //

LOC 3 (MARIA CLARA): QUANDO ENTREI NA FACULDADE, NÃO IMAGINAVA QUE, NO MEIO DA VIDA BAGUNÇADA DE UMA UNIVERSITÁRIA RECÉM-CHEGADA DO INTERIOR, IRIA ENCONTRAR NOSSA ATLÉTICA. / A MATILHA FOI MEU PORTO SEGURO EM TANTOS MOMENTOS. / E, DE UM JEITO OU DE OUTRO, TAMBÉM NOS JUNTOU. / FOI ATRAVÉS DELA QUE CONSTRUÍMOS NOSSA AMIZADE. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (ANDRESSA): E NÃO SÓ PRA GENTE, AMIGA. / PARA LUANA VIEZZER OU MELHOR, PARA A LUVI, PROS MAIS ÍNTIMOS, ATLÉTICA É SINÔNIMO DE LAR. / PRINCIPALMENTE PRA ELA, QUE VEIO DE OUTRA CIDADE PRA FAZER FACULDADE. / O ACOLHIMENTO E A ATLÉTICA TAGARELA FORAM UM REFÚGIO, UM LUGAR PRA RECORRER. //

TEC: SONORA 2 – LUVI: (“SABE, EU SEMPRE TINHA” ATÉ “COM ELES”)

LOC 2 (MARIA CLARA): ACHO QUE A GENTE DEIXA MUITA COISA PRA TRÁS QUANDO DECIDE FAZER FACULDADE EM OUTRA CIDADE. / DEIXA FAMÍLIA, AMIGOS DE UMA VIDA, PRA VIVER ALGO COMPLETAMENTE NOVO. / E ENCONTRAR ESSA REDE DE APOIO É MUITO IMPORTANTE. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (ANDRESSA): AGORA NÓS QUEREMOS SABER, SERÁ QUE A GALERA TÁ LIGADA E ENTENDE MESMO O QUE É UMA ATLÉTICA? / SERÁ QUE ESTÃO POR DENTRO DE TUDO QUE ROLA NESSE MUNDINHO UNIVERSITÁRIO? //

TEC: SONORA 3 – QUADRO “POVO FALA”

LOC 2 (MARIA CLARA): ISSO MESMO, A GALERA TÁ BEM ANTENADA! / E PRA QUEM TÁ POR FORA DO ASSUNTO, ESSA É SUA CHANCE DE CONHECER E APRENDER QUE ATLÉTICA É MUITO MAIS DO QUE VOCÊ POSSA IMAGINAR. //

LOC 3 (ANDRESSA): VOCÊ AÍ DE CASA, TÁ PREPARADO PRA MERGULHAR NESSE UNIVERSO CHEIO DE FESTAS, ESPORTES, AMIZADES E OPORTUNIDADES? / O PODATLETICAR VAI TE MOSTRAR, DO JEITO MAIS REAL E INTERESSANTE POSSÍVEL, A IMPORTÂNCIA DA TÃO ALMEJADA ATLÉTICA. //

LOC 4 (MARIA CLARA): ELAS SÃO A AGITAÇÃO QUE A GENTE PRECISA PRA VIVER A VIDA UNIVERSITÁRIA DE UMA FORMA MUITO MELHOR. / SÃO ORGANIZADAS PELOS PRÓPRIOS ALUNOS. / E NÃO PENSA QUE SÓ POR ISSO VIRA BAGUNÇA, NÃO! / TEM DEPARTAMENTO PRA TODOS OS GOSTOS: / ESPORTES, AÇÕES SOCIAIS, EVENTOS CULTURAIS, MARKETING... / E, SE VOCÊ AINDA NÃO SE IDENTIFICOU COM NENHUM DELES, / PODE PROCURAR SUA ATLÉTICA QUE VOCÊ VAI ENCONTRAR ALGO QUE GOSTE. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (ANDRESSA): EU, POR EXEMPLO, AMIGA, PASSEI POR VÁRIOS DEPARTAMENTOS: ESPORTIVO, DIREÇÃO GERAL, ATÉ CHEGAR NA PRESIDÊNCIA DA MATILHA. / A VITÓRIA, QUE ERA PRESIDENTE NA ÉPOCA, ME PROPÔS ASSUMIR O CARGO QUANDO ELA SAÍSSE. / E EU, MALUCA DO JEITO QUE SOU, ACEITEI. //

TEC: SONORA 4 – VITÓRIA FALANDO SOBRE TER PASSADO POR CARGOS NA MATILHA

LOC 2 (MARIA CLARA): ACHO QUE TODAS AS ATLÉTICAS TÊM ALGO PRA ENSINAR. / BASTA ESTAR DISPOSTO A APRENDER E SE DAR A OPORTUNIDADE. / AFINAL, ELAS DEIXAM O AMBIENTE ACADÊMICO MUITO MAIS PARTICIPATIVO E ACOLHEDOR. / MAIS DO QUE TIMES, ELAS SÃO PONTOS DE ENCONTRO, AMIZADE E PERTENCIMENTO, A ISA, POR EXEMPLO, CONTA COMO SEMPRE SE SENTIU INCLUÍDA EM TUDO REFERENTE A MATILHA E RESOLVEU ENTRAR PRA GESTÃO. / ATUALMENTE, ELA ACUPA O CARGO DE COORDENADORA DE PRODUTOS. / E QUE LEGAL TER PESSOAS QUE SE ENTREGAM E SE PROPÕEM A FAZER PARTE, SÃO ELAS QUE DÃO O GÁS QUE TODA ATLÉTICA PRECISA E QUE CRIAM LEGADOS. //

TEC: SONORA 5 – ISA FALANDO “A MATILHA SEMPRE FOI UMA ATLÉTICA INCLUSIVA” ATÉ “RESTO DA MINHA VIDA”

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (ANDRESSA): OLHA SÓ! PRA QUEM NÃO SABE MUITO SOBRE A HISTÓRIA, / AS ATLÉTICAS NO BRASIL NASCERAM LÁ NO FINAL DO SÉCULO XIX E COMEÇO DO XX. / UM MARCO IMPORTANTE FOI EM MIL NOVECENTOS E DOIS, / QUANDO O MACKENZIE COLLEGE DISPUTOU O PRIMEIRO CAMPEONATO PAULISTA DE FUTEBOL, / CONTRA TIMES COMO O SPORT CLUB GERMÂNIA, HOJE ATUAL ESPORTE CLUBE PINHEIROS! / ESSE FOI UM DOS MOMENTOS QUE AJUDOU A CONSTRUIR A TRADIÇÃO DO ESPORTE UNIVERSITÁRIO E DAS ATLÉTICAS QUE A GENTE CONHECE ATÉ HOJE. //

LOC 2 (MARIA CLARA): E O MACKENZIE PARTICIPOU DE TREZE EDIÇÕES DESSE CAMPEONATO, / CRIANDO UM PATRIMÔNIO SIMBÓLICO ENORME. //

LOC 3 (ANDRESSA): DEPOIS DISSO, O MOVIMENTO CRESCEU, PRINCIPALMENTE EM SÃO PAULO E NO RIO DE JANEIRO. / A ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ACADÊMICA LUIZ DE QUEIROZ, DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, POR EXEMPLO, / COMPLETOU 122 ANOS EM 2025! / A ATLÉTICA HORÁCIO LANE, DE ENGENHARIA DO MACKENZIE, FUNDADA EM 4 DE JULHO DE MIL 915, COMPLETOU 110 ANOS EM 2025. / CRYSTAL MIE, ALUNA DA ATLÉTICA, AFIRMA O COMPROMISSO COM O ESPORTIVO, POIS OS OUTROS DEPARTAMENTOS JÁ ESTÃO MUITO BEM CONSOLIDADOS.

TEC: SONORA 6 – CRISTAL FALANDO SOBRE A FUNDAÇÃO DA ATLÉTICA

LOC 4 (ANDRESSA): E AINDA RESSALTA O QUANTO AS ATLÉTICAS INCENTIVAM A INTEGRAÇÃO ENTRE OS ALUNOS E TE PROPORCIONAM A EXPERIÊNCIA DE CONHECER MUITAS PESSOAS. //

TEC: SONORA 7 - ALUNOS MACKENZIE (LALAI LAIA MACKENZIE MEU CORAÇÃO.)

TEC: SONORA 8 – DEPOIMENTO DA CRYSTAL (ALUNA DO MACKENZIE)

LOC 5 (MARIA CLARA): SEJA EM QUALQUER PARTE DO MUNDO — SEJA A CRYSTAL, DO MACKENZIE, OU A GENTE, DA PUC — NÓS SABEMOS A IMPORTÂNCIA DE UMA ATLÉTICA. / E PRA QUEM ACHA QUE ELAS COMEÇARAM HÁ POUCO TEMPO, TÁ MUITO ENGANADO: TEM HISTÓRIA, E É HISTÓRIA BOA! //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (ANDRESSA): PRA QUEM É FÃ DE ESPORTES, / AS ATLÉTICAS NASCERAM COM FOCO NAS COMPETIÇÕES E NA VIDA ESPORTIVA. / MAS, COM O TEMPO, GANHARAM UM PAPEL MUITO MAIOR: / PASSARAM A

RECEBER OS CALOUROS, ORGANIZAR FESTAS — AS FAMOSAS CHOPPADAS — / E PROMOVER A INTEGRAÇÃO ENTRE ALUNOS DE DIFERENTES CURSOS. /SEM CONTAR AS AÇÕES SOCIAIS. //

LOC 2 (MARIA CLARA): O PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO GOIANA DO DESPORTO UNIVERSITÁRIO, LUSIMAR SANTOS, DIZ QUE O FOCO NÃO É APENAS O RENDIMENTO, MAS O ENTRETENIMENTO, O QUE FACILITA O ACESSO À INTEGRAÇÃO E, PRA NÓS, ALUNOS, ESSA É A MELHOR PARTE. //

TEC: SONORA 9 – LUSIMAR SANTOS: “AS ATLÉTICAS OPORTUNIZAM”

LOC 3 (ANDRESSA): ATLÉTICA NÃO É SÓ VÍDEO ESTOURADO NO TIKTOK FAZENDO GAMMY (BEBIDA EXTREMAMENTE DUVIDOSA FEITA DE VODKA BARATA COM SUCO DE SAQUINHO, MEXIDA COM O PÉ). / NÓS SOMOS ISSO? SIM, MAS TAMBÉM TEM MUITA TRABALHEIRA ENVOLVIDA E PODE ATÉ MOLDAR O CARÁTER DE UMA PESSOA. / AS ATLÉTICAS SÃO MOTORES DE CONVIVÊNCIA, LIDERANÇA E TRANSFORMAÇÃO. / A MARIA CLARA EX DIRETORA GERAL DA MATILHA CONTA O QUANTO FAZER PARTE DE UMA ATLÉTICA ATÉ NOS MOMENTOS DESAFIADORES SÃO UMA FARRA E QUE TUDO VIRA HISTÓRIA PRA CONTAR.//

TEC: SONORA 10– MARIA CLARA: “A GENTE AJUDAVA A LIMPAR, ARRUMAR, PENDURAR BANDEIRÃO... E NÃO ERA NADA FORÇADO, A GENTE REALMENTE GOSTAVA DE ESTAR ALI.”

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 4 (MARIA CLARA): EU LEMBRO EXATAMENTE DE MOMENTOS EM QUE A MARIA QUASE FICAVA LOUCA PROCURANDO LUGARES PRA ORÇAMENTAR PRODUTOS E LUGARES MAIS BARATOS PRA FAZER FESTA. / PARTICIPAR DE

UMA ATLÉTICA TEM TODA A PARTE BUROCRÁTICA, E TEM A PARTE DA LIMPEZA PÓS FESTA. / E TUDO ISSO, NA MAIORIA DAS VEZES, QUEM FAZ SÃO OS PRÓPRIOS DIRETORES, VISANDO ECONOMIA PARA ATLÉTICA. / NÃO TEM NADA DE GLAMUR, MAS É UMA INSTITUIÇÃO QUE, COM TODA CERTEZA, CRIA LAÇOS, AMIZADES E... ÀS VEZES, A GENTE PODE ATÉ ENCONTRAR O AMOR DA SUA VIDA. / NÃO É, ANDRESSA? (RISOS) //

LOC 5 (ANDRESSA): É, GENTE... FOI NA ATLÉTICA QUE EU CONHECI MEU AMOR. / QUEM DIRIA QUE EM UMA FESTA DA UNIVERSIDADE A VIDA IA MUDAR ASSIM, NÃO É MESMO? E A REGIANY QUE FOI A SORTUDA DA VEZ, FOI PRA UMA CHOPPADA E SAIU COM UMA NAMORADA E AÍ AINDA SENDO A PRIMEIRA-DAMA DA MATILHA UMA PIADA ENTRE AMIGOS QUE PEGOU.

TEC: SONORA 11 – REGIANY: (“UMA QUE MARCOU” ATÉ “PRA GENTE JUNTAS”)

LOC 6 (MARIA CLARA): MAS É ISSO: ESTAR EM UMA ATLÉTICA FORTALECE VÍNCULOS, ATÉ MESMO OS AMOROSOS E AINDA TE PREPARA PRA VIDA. //

LOC 7 (ANDRESSA): AS ATLÉTICAS ORGANIZAM EVENTOS, CAPTAM RECURSOS, GEREM EQUIPES... / ME DÁ ATÉ UM FRIO NO ESTÔMAGO, MAS TUDO ISSO É MUITO FAMILIAR. / ME LEMBRA O MERCADO DE TRABALHO. //

LOC 8 (MARIA CLARA): AMIGA, NÃO SE PREOCUPA, PORQUE VOCÊ TÁ MUITO BEM-PREPARADA. / ENTRAMOS NA ATLÉTICA NO PRIMEIRO ANO DE FACULDADE E, SE TEM ALGO QUE FIZEMOS NESSE TEMPO, FOI LIDAR COM DESAFIOS. / SABEMOS EXATAMENTE O QUE FAZER QUANDO NOS FORMARMOS. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (MARIA CLARA): QUEM AMA ESSE MUNDO UNIVERSITÁRIO ESTÁ NO LUGAR CERTO. / SE VOCÊ QUER SE SENTIR VIVO, SE PREPARA PRA ACOMPANHAR CADA EPISÓDIO DO PODATLETICAR. //

LOC 2 (ANDRESSA): VAMOS MERGULHAR FUNDO NESSE UNIVERSO! / CADA EPISÓDIO VAI TRAZER A HISTÓRIA DE UMA ATLÉTICA DIFERENTE: / COMO COMEÇOU, SUAS CONQUISTAS E O IMPACTO NA VIDA DOS ESTUDANTES. //

LOC 3 (MARIA CLARA): ESCOLHEMOS ATLÉTICAS QUE, DE ALGUMA FORMA, NOS IMPACTARAM POSITIVAMENTE, OU NÃO (NÉ, PRIMATA? RSRS). / VOCÊ VAI CONHECER TAMBÉM AS ATLÉTICAS TAGARELA, MATILHA E UNIFICADA. / CADA UMA COM SUA PRÓPRIA ESSÊNCIA E IDENTIDADE. / TUDO CONTADO DE UM JEITO LEVE, COM CURIOSIDADES E BASTIDORES QUE SÓ QUEM VIVE, OU TEM VONTADE DE VIVER VAI ENTENDER. //

LOC 1(MARIA CLARA): E AÍ, CURTIU? / ISSO FOI SÓ O COMEÇO! / AGORA QUE VOCÊ JÁ SABE COMO AS ATLÉTICAS NASCERAM E CRESCERAM, / VEM COM A GENTE DESCOBRIR AS HISTÓRIAS QUE MARCARAM GERAÇÕES. //

LOC 2 (ANDRESSA): SEGUE O PODATLETICAR NO INSTAGRAM E MANDA PARA SEUS AMIGOS! / PORQUE VIDA UNIVERSITÁRIA É MUITO MAIS DO QUE SALA DE AULA. / ATÉ O PRÓXIMO EPISÓDIO! //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1: VOCÊ ACABA DE CONFERIR O PRIMEIRO EPISÓDIO DO PODATLETICAR, COM MARIA CLARA GIRELLI E ANDRESSA VASCO, ACADÊMICAS DE JORNALISMO / A PRODUÇÃO É RESULTADO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO. / A ORIENTAÇÃO É DA PROFESSORA MESTRA DENIZE DAUDT

BANDEIRA. / A EDIÇÃO É DO TÉCNICO DO LABORATÓRIO DE RÁDIO DA PUC GOIÁS, NILSON FILHO. /

LOC 2: NESSE EPISÓDIO, VOCÊ OUVIU UM TRECHO DE UMA MÚSICA DE TORCIDA DO MACKENZIE, QUE VOCÊ PODE CONFERIR NA INTEGRA NO CANAL DO YOUTUBE MAUHOTPANTS. / TERMINAMOS HOJE COM UMA PALINHA DO QUE VOCÊ CONFERE NO PRÓXIMO EPISÓDIO. //

TEC: TEASER DOS PRÓXIMOS EPISÓDIOS

B.2 – Roteiro do Episódio 2: A História da Atlético Matilha

VINHETA DE ABERTURA:PODATLETICAR – ONDE O ESPÍRITO UNIVERSITÁRIO VIRA ESTILO DE VIDA

SONORA 1: GRITO DE GUERRA MATILHA

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (ANDRESSA):NO EPISÓDIO DE HOJE VAMOS FALAR SOBRE A MAIORAL, A QUERIDINHA DOS NOSSOS CORAÇÕES, A ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ACADÊMICA DE COMUNICAÇÃO DA PUC GOIÁS, A MATILHA. //

LOC 2 (MARIA CLARA): PRA QUEM NÃO SABE, A MATILHA SURTIU DA VONTADE DE UNIR DOIS CURSOS: PUBLICIDADE E PROPAGANDA E JORNALISMO. / MAS, NO COMEÇO, COMO CONTA LÉO ROQUE, EX-PRESIDENTE DA ATLÉTICA, A MAIORIA DOS MEMBROS ERA DE PUBLICIDADE. //

SONORA 2 – LÉO ROQUE FALANDO SOBRE A ATLÉTICA SER FORMADA, NO INÍCIO, PELO PESSOAL DE PP, MAS QUE DEPOIS JORNALISMO ENTROU.

LOC 3 (MARIA CLARA): E QUE BOM, AMIGA, QUE OS CURSOS SE UNIRAM E TUDO ISSO MUDOU! / AFINAL, CONHECEMOS GRANDES AMIGOS DE PUBLICIDADE POR CONTA DA ATLÉTICA. //

LOC 4 (MARIA CLARA): A ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DA COMUNICAÇÃO DA PUC GOIÁS FOI FUNDADA EM 2010. / SUA MISSÃO É PROMOVER A INTEGRAÇÃO ENTRE OS ESTUDANTES POR MEIO DE ATIVIDADES ESPORTIVAS, CULTURAIS E SOCIAIS, FORTALECENDO A IDENTIDADE DOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO. / MAS NEM SEMPRE O NOSSO FAMOSO LOBÃO FOI TÃO CONHECIDO ASSIM, COMO EXPLICA LÉO ROQUE.//

SONORA 3 – LÉO ROQUE FALANDO SOBRE NINGUÉM SABER DIREITO O QUE ERA O MASCOTE DA MATILHA.

LOC 5 (ANDRESSA): LEO, A GENTE TE ENTENDE! / PORQUE ATÉ HOJE, QUANDO NOS PERGUNTAM: “MAS POR QUE MATILHA SE O MASCOTE É UM LOBO?”, EU FICO SEM SABER RESPONDER! DÁ PRA VER QUE ESSA CONFUSÃO É DAS ANTIGAS. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 6 (MARIA CLARA): MAS VAMOS LÁ! / DE ACORDO COM O PRÓPRIO INSTAGRAM DA ATLÉTICA: “NOSSO LOBO NÃO É ESSE LOBO QUE VOCÊS CONHECEM. / É UMA ESPÉCIE DE LOBO QUE VIVE NAS REGIÕES FRIAS, SOLITÁRIOS. / IGUAL NOSSOS CURSOS VIVIAM, MESMO SENDO TÃO IGUAIS. / O CURIOSO É QUE, POR MAIS QUE BRIGUEM E VIVAM SOZINHOS, SEMPRE QUE PRECISAM SE DEFENDER, ELES SE UNEM E FORMAM UMA MATILHA. / NÃO UM COLETIVO DE LOBOS COM ALFAS, BETAS E SEGUIDORES, MAS VÁRIOS LÍDERES SOLITÁRIOS UNIDOS POR UM BEM EM COMUM.”/ ESSA É A NOSSA FILOSOFIA:

MOSTRAR QUE OS COMUNICADORES, MESMO DIFERENTES, PRECISAM SE UNIR PRA FAZER ACONTECER. //

LOC 7 (ANDRESSA): E QUANDO FINALMENTE A COMUNICAÇÃO COMEÇOU A DAR CERTO, OS PERRENGUES NÃO ACABARAM, NÉ? COMO TUDO NO COMEÇO, A MATILHA TAMBÉM TEVE SUAS DIFICULDADES. / SEM SABER POR ONDE COMEÇAR E A COMO FAZER UM BOM EVENTO... COMO CONTA LÉO ROQUE. //

SONORA 4 – LEO ROQUE FALANDO SOBRE O PRIMEIRO EVENTO COM A ATLÉTICA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS, QUE FOI BOM, MAS DEU PREJUÍZO. //

LOC 8 (MARIA CLARA): LEO, FAZER PARTE DA GESTÃO DE UMA ATLÉTICA É PRA QUEM AMA MESMO! / TEM QUE FAZER ACONTECER E ASSUMIR AS RESPONSABILIDADES, SEJAM ELAS BOAS OU RUINS. //

LOC 9 (ANDRESSA): PEGAR O CARGO DE PRESIDENTE CARREGA UM PESO ENORME. / TEM GENTE QUE ACHA BOBEIRA, MAS SÓ QUEM VIVE ESSE MUNDINHO UNIVERSITÁRIO SABE! / O ATUAL PRESIDENTE, JOÃO VICTOR, OU MELHOR, JOTSVI, COMO A GENTE CHAMA, CONTA UM POUQUINHO DESSA EXPERIÊNCIA. //

SONORA 5 – JOTSVI FALANDO QUE O PRESIDENTE PRECISA DAR A CARA A TAPA. //

LOC 10 (MARIA CLARA): E QUANDO AS COISAS APERTAM, É A GESTÃO QUE TEM QUE TER PULSO FIRME. / MAS NO FINAL, TUDO VALE A PENA! / COMO DIZ O ALLEONE OU MELHOR NOSSA VICE PRESIDA LELE, A MAIOR GRATIFICAÇÃO É VER TODO MUNDO UNIDO NUM JOGO. //

SONORA 6 – ALLEONE FALANDO SOBRE SER GRATIFICANTE FAZER PARTE DA ATLÉTICA.

LOC 11 (ANDRESSA): EU ENTENDO BEM ISSO, VIU? / PRA MIM, A MAIOR GRATIFICAÇÃO FOI NO JUGS, (JOGOS UNIVERSITÁRIOS GOIANOS) QUANDO FOMOS PRO CABO DE GUERRA. / NINGUÉM QUERIA IR, MAS EU INSISTI. / E QUANDO CHEGOU O DIA, TODO MUNDO DEU A VIDA! / NÃO GANHAMOS, FICAMOS EM SEGUNDO, DETALHE (SÓ TINHA DUAS EQUIPES, KKK), MAS EU CHOREI IGUAL UM BEBÊ ENTREGANDO AS MEDALHAS. / ERA EMOÇÃO DEMAIS VER TODO MUNDO SE ENTREGANDO POR UM OBJETIVO EM COMUM. //

LOC 12 (MARIA CLARA): E É ESSE O PESO DA MATILHA! / ELA IMPACTA A VIDA DAS PESSOAS, COMO FOI PRA EX-PRESIDENTE VITÓRIA. //

SONORA 7 – VITÓRIA FALANDO SOBRE COMO A MATILHA GEROU COISAS POSITIVAS NA VIDA DELA.

LOC 13 (MARIA CLARA): A MATILHA TEM ESSE PODER: DESPERTAR O MELHOR DE CADA UM. / E ISSO QUE TORNA ESSA ATLÉTICA TÃO ESPECIAL!//

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 14 (MARIA CLARA): E NÃO É SÓ PRA GENTE, VIU? / SÃO TRÊS ANOS SEGUIDOS REPRESENTANDO O ESTADO NO JUBS QUE SÃO O JOGOS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS, O MAIOR EVENTO UNIVERSITÁRIO DA AMÉRICA LATINA! //

LOC 15 (ANDRESSA): AMIGA, SENTE O PESO! A JÚLIA PRA GENTE A JUPO, FOI UMA DAS PESSOAS QUE VIVERAM ESSA EXPERIÊNCIA INCRÍVEL EM 2023, QUANDO VIAJOU PRA MACEIÓ PARA JOGAR BEACH TENNIS.//

**SONORA 8 – JÚLIA FALANDO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE VIAJAR
REPRESENTANDO A MATILHA.**

LOC 16 (MARIA CLARA): IMAGINA, AMIGA! / VIAJAR, JOGAR O ESPORTE QUE
AMA, REPRESENTAR A ATLÉTICA E AINDA PEGAR UMA PRAIA... É UM SONHO!
//

LOC 17 (ANDRESSA): E NÃO PARA POR AÍ! / O MATEUS, QUE REPRESENTOU A
MATILHA EM 2024 E 2025, FICOU ENTRE AS QUATRO MELHORES DUPLAS DE
VÔLEI DE AREIA NO BRASILEIRO EM NATAL. //

**SONORA 9 – MATEUS FALANDO SOBRE TER REPRESENTADO A MATILHA NO
JUBS.**

LOC 18 (MARIA CLARA): E É ISSO MATEUS! / A GENTE PRECISA TRANSFORMAR
TUDO EM EXPERIÊNCIA, NETWORKING E CRESCIMENTO. / E QUEM PENSA QUE
A ATLÉTICA NÃO AJUDA NO MERCADO DE TRABALHO TAMBÉM ESTÁ
ENGANADO. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 19 (ANDRESSA): ATÉ DIVULGAR TRABALHO A GENTE DIVULGA! / EU
MESMA, SOU FÃ DO RAUL NOSSO “TOCA RAUL!”, QUANDO VI, O PESSOAL JÁ
TAVA DIVULGANDO O TRABALHO DELE SEM NEM PRECISAR PEDIR. //

**SONORA 10 – RAUL FALANDO QUE O PESSOAL DIVULGOU O TRABALHO
DELE SEM ELE PRECISAR PEDIR.**

LOC 20 (MARIA CLARA): E NÃO É À TOA! / A GENTE GOSTA DO QUE ELE FAZ,
MAS TAMBÉM ADMIRA O SER HUMANO INCRÍVEL QUE ELE É. / E ISSO DEIXA
TUDO AINDA MAIS ESPECIAL. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 21 (ANDRESSA): A MATILHA TEM O PODER DE TRANSFORMAR AS DIFICULDADES EM OPORTUNIDADES, DE TRANSFORMAR PESSOAS EM FAMÍLIAS. / E A ISADORA, ATUAL COORDENADORA DE PRODUTOS DA MATILHA, MOSTRA SUA GRATIDÃO PELA ATLÉTICA. //

SONORA 11 - ISA FALANDO SOBRE A MATILHA SER UMA ATLÉTICA INCLUSIVA

LOC 22 (ANDRESSA): AI, AMIGA, TÔ FICANDO EMOTIVA NESSE EPISÓDIO! / NOSSA IDEIA SURTIU DESSE AMOR PELA MATILHA, PELA COMUNICAÇÃO E PELAS HISTÓRIAS QUE A GENTE ACOMPANHOU. / E UMA DELAS FOI A HISTÓRIA DA ISA, UMA PESSOA COM TANTA FORÇA QUE NOS INSPIRA. / ASSIM TAMBÉM FOI COM O MATEUS QUE AFIRMA O QUANTO A MATILHA CONTRIBUIU NA VIDA DELE. //

SONORA 12 – MATEUS FALANDO SOBRE LIDERANÇA E COMO SER ATLETA CONTRIBUIU NA VIDA DELE.

LOC 23 (MARIA CLARA): É EXATAMENTE ISSO QUE QUEREMOS MOSTRAR, UMA ATLÉTICA TRANSFORMA PESSOAS E APRIMORA O MELHOR DE CADA UM. / E COM O MATEUS, A GENTE VÊ ISSO NA PRÁTICA! //

LOC 24 (ANDRESSA): SE EU PUDESSE DAR UM CONSELHO, SERIA: VIVA INTENSAMENTE! / SE ENTREGUE A TUDO QUE UMA ATLÉTICA PODE TE PROPORCIONAR! //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 25 (MARIA CLARA): E A ANA CECÍLIA, A CECIS, EX-DIRETORA DE MARKETING, SABE DISSO MELHOR DO QUE NINGUÉM. / ELA CONTA COMO

ENTRAR NUM AMBIENTE NOVO, MESMO SEM ESTAR ACOSTUMADA, MUDOU A VIDA PROFISSIONAL DELA. //

SONORA 13 – ANA CECÍLIA FALANDO SOBRE ENTRAR NUM AMBIENTE NOVO E USAR ESTRATÉGIAS NAS REDES PRA APROXIMAR PESSOAS DA MATILHA.

LOC 26 (ANDRESSA): A CECIS FALANDO, ME FEZ LEMBRAR DO NOSSO ÚLTIMO JUPUC, JOGOS INTERNOS DA PUC, QUANDO VÁRIAS PESSOAS ELOGIARAM O INSTAGRAM DA MATILHA. / E ATÉ UM “VOCÊS PRECISAM COBRIR MESMO, PORQUE EM QUADRA NÃO SE GARANTEM” NÃO PENSE QUE LEVAMOS PRO CORAÇÃO, AFINAL TIVEMOS VÍDEO QUE ESTOUROU NESSE MESMO CAMPEONATO, UNIMOS O ÚTIL AO AGRADÁVEL. / E NESSE QUESITO, A CECIS DA O NOME! //

LOC 27 (MARIA CLARA): MAS NÃO É SÓ PRA GENTE QUE A MATILHA É IMPORTANTE! / VAMOS OUVIR O QUE ELA SIGNIFICA PRA QUEM VIVE ISSO TODOS OS DIAS. //

TEC: SOBE E DESCE BG

SONORA 14 – QUADRO POVO FALA

LOC 28 (ANDRESSA): ISSO MESMO! / A MATILHA É MUITO MAIS QUE JOGOS É UNIÃO, É LUTA, ENTREGA! / E MESMO MACHUCADA, COM O DEDO DESLOCADO COMO ACONTECEU COMIGO, NÃO UMA VEZ, MAS TRÊS, OU O OMBRO DOENDO, PÉ TORCIDO OU VÁRIAS COISAS QUE ACONTECEM EM JOGOS A GENTE SEMPRE SEGUE EM FRENTE. / PORQUE FAZER PARTE DA MATILHA É ENTREGAR TUDO DE SI E NUNCA DESISTIR! //

LOC 29 (MARIA CLARA): E AÍ, CURTIU? / AINDA TEM MUITA COISA PRA ACOMPANHAR /ENTÃO, VEM COM A GENTE DESCOBRIR AS HISTÓRIAS QUE MARCARAM GERAÇÕES. //

LOC: 30 (MARIA CLARA): SE VOCÊ GOSTOU, SEGUE O PODATLETICAR NO INSTAGRAM E COMPARTILHA COM SEUS AMIGOS./.

LOC: 31 (ANDRESSA): PORQUE A VIDA UNIVERSITÁRIA É MUITO MAIS DO QUE SALA DE AULA. / ATÉ O PRÓXIMO EPISÓDIO! //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 32: (MARIA CLARA): VOCÊ ACABA DE CONFERIR O SEGUNDO EPISÓDIO DO PODATLETICAR, COM MARIA CLARA GIRELLI E ANDRESSA VASCO, ACADÊMICAS DE JORNALISMO / A PRODUÇÃO É RESULTADO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO. / A ORIENTAÇÃO É DA PROFESSORA MESTRA DENIZE DAUDT BANDEIRA. / A EDIÇÃO É DO TÉCNICO DO LABORATÓRIO DA RÁDIO DA PUC GOIÁS, NILSON FILHO. /

LOC 33 (MARIA CLARA): NESSE EPISÓDIO, VOCÊ OUVIU UM TRECHO DE UMA MÚSICA DE TORCIDA DA ATLÉTICA MATILHA, GRAVADO POR ANDRESSA VASCO. / TERMINAMOS HOJE COM UMA PALINHA DO QUE VOCÊ CONFERE NOS PRÓXIMOS EPISÓDIOS. //

TEC: TEASER DOS PRÓXIMOS EPISÓDIOS

B.3 – Roteiro do Episódio 3: A Trajetória da Atlético Tagarela

VINHETA DE ABERTURA:

PODATLETICAR – ONDE O ESPÍRITO UNIVERSITÁRIO VIRA ESTILO DE VIDA

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (ANDRESSA): AMIGA, HOJE O PAPO TÁ DO JEITINHO QUE A GENTE GOSTA! / VAMOS FALAR DA TAGARELA, (ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ACADÊMICA DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO DA UFG), AQUELA QUE TEM O MASCOTE MAIS CRIATIVO, AFINAL TEM TUDO A VER COM AS ALMAS QUE MOVEM ESSA ATLÉTICA, A MARITACA MAIS FALADEIRA E ANIMADA. / FUNDADA EM 2010, ELA REPRESENTA MUITO BEM O QUE É SER DA COMUNICAÇÃO: FALAR BASTANTE, SE EXPRESSAR E, CLARO, VIVER INTENSAMENTE A VIDA UNIVERSITÁRIA. / AFINAL, QUEM NUNCA OUVIU UM “VOCÊS CONVERSAM DEMAIS” OU UM “COMO ASSIM FOFOQUINHA É PROFISSÃO?” (RISOS). //

LOC 2 (MARIA CLARA): AI, AMIGA, ESSA É A NOSSA VIBE TODINHA! / A TAGARELA É VOZ, ATITUDE E PERTENCIMENTO. / UMA HISTÓRIA CONSTRUÍDA POR ALUNOS QUE SE JUNTARAM PRA TRANSFORMAR A FACULDADE EM UM ESPAÇO MAIS ACOLHEDOR E CHEIO DE ENERGIA. / E PRA CONTAR ESSA TRAJETÓRIA, A GENTE OUVIU QUEM VIVEU TUDO ISSO DE PERTINHO. //

TEC: SONORA 1 – GRITO DE GUERRA TAGARELA

TEC: SOBRE E DESCE BG

LOC 1 (ANDRESSA): NADA MELHOR DO QUE VOLTAR LÁ PRO COMECINHO, QUANDO TUDO AINDA ERA UM SONHO. / A NATHÁLIA BARONI, QUE FOI PRESIDENTE DA TAGARELA EM 2011, LEMBRA BEM COMO ERA QUANDO A ATLÉTICA AINDA NEM EXISTIA OFICIALMENTE. //

TEC: SONORA 2 – NATHÁLIA BARONI

LOC 2 (MARIA CLARA): IMAGINA, AMIGA! / VOCÊ ENTRAR NA FACULDADE, TODA EMPOLGADA PARA PARTICIPAR DE UMA ATLÉTICA... E DESCOBRE QUE ELA AINDA NEM EXISTE? / FOI DESSE MISTO DE DECEPÇÃO E VONTADE DE FAZER ACONTECER QUE NASCEU A TAGARELA, QUE CONQUISTOU O CORAÇÃO DE TANTA GENTE DESDE ENTÃO. //

LOC 1 (ANDRESSA): E UMA DESSAS PESSOAS FOI A LAÍRA MACHADO, QUE TAMBÉM AJUDOU A FUNDAR A ATLÉTICA. / ELA COMENTA DE QUANDO CADA CURSO ERA POR SI SÓ, E COMO A TAGARELA SURTIU PARA UNIR TODO MUNDO. //

TEC: SONORA 3 – LAÍRA MACHADO

LOC 2 (MARIA CLARA): É MUITO BONITO VER, NÉ? / ALGO QUE COMEÇOU DE FORMA TÃO SIMPLES ACABOU SE TORNANDO UM SÍMBOLO DE UNIÃO. / E O MAIS INCRÍVEL É QUE FOI NA GESTÃO DA LAÍRA QUE NASCEU UM DOS MAIORES ORGULHOS DA TAGARELA: A BATERIA! //

LOC 1 (ANDRESSA): E A NATHÁLIA, QUE ACOMPANHOU TUDO ISSO DE PERTO, SE EMOCIONA AO VER COMO AQUELE “EMBRIÃO” DO INÍCIO CRESCER E VIROU O QUE É HOJE. //

TEC: SONORA 4 – NATHÁLIA BARONI

LOC 2 (MARIA CLARA): AI, DEU ATÉ UM ARREPIO! / PENSA! VER UM PROJETO QUE VOCÊ AJUDOU A CONSTRUIR CRESCER ASSIM, DEVE SER UMA SENSÇÃO

INDESCRITÍVEL. / E PRA MUITA GENTE, COMO A LAÍRA, A TAGARELA FOI MAIS DO QUE UMA ATLÉTICA: FOI UMA ESCOLA PRA VIDA. //

LOC 1 (ANDRESSA): E ELA LEMBRA DE UM DETALHE QUE MOSTRA BEM O QUANTO TUDO ERA FEITO NA RAÇA E NO CARTÃO DO PAI! (RISOS)//

TEC: SONORA 5 – LAÍRA MACHADO

LOC 2 (MARIA CLARA): AI, AMIGA, QUEM NUNCA PASSOU UM PERRENGUE PRA FAZER A ATLÉTICA ACONTECER? / E O MAIS LEGAL É VER COMO ESSAS HISTÓRIAS MOSTRAM O AMOR E O ESFORÇO QUE SEMPRE ESTIVERAM POR TRÁS DA TAGARELA. //

LOC 1 (ANDRESSA): FALANDO EM PERRENGUE, A LARISSA URZÊDO, PRESIDENTE EM 2014, CONTA QUE NEM LUGAR PRA GUARDAR OS INSTRUMENTOS DA BATERIA TINHA! //

TEC: SONORA 6 – LARISSA URZÊDO

LOC 2 (MARIA CLARA): DÁ PRA IMAGINAR A BAGUNÇA, NÉ? / OS PAIS REVOLTADOS, OS INSTRUMENTOS ESPALHADOS... MAS É ISSO QUE FAZ A HISTÓRIA SER TÃO REAL E TÃO HUMANA! //

LOC 1 (ANDRESSA): E FOI EM MEIO A ESSES DESAFIOS QUE VEIO A VIRADA DE CHAVE. / A TAGARELA COMEÇOU A SE DESTACAR NAS APRESENTAÇÕES, E O MAYKON CAVALCANTI, PRESIDENTE NA ÉPOCA DO PRIMEIRO TÍTULO DA BATERIA DA TAGARELA NO INTER UFG, COMENTA COMO TUDO ISSO COMEÇOU. //

TEC: SONORA 7 – MAYKON CAVALCANTI

LOC 2 (MARIA CLARA): FOI ALI, EM 2015, QUE A TAGARELA MOSTROU PRA TODO MUNDO QUE NÃO ERA SÓ MAIS UMA INSTITUIÇÃO. / ERA UMA ATLÉTICA COM ALMA, COM RITMO E COM MUITA PAIXÃO PELA CULTURA UNIVERSITÁRIA! //

LOC 3 (MARIA CLARA): DÁ PRA SENTIR A EMOÇÃO SÓ DE OUVIR! / ESSE FOI O MARCO QUE CONSOLIDOU A TAGARELA COMO UMA DAS GRANDES FORÇAS DAS ATLÉTICAS DA UFG.//

LOC 1 (ANDRESSA): MAS A TAGARELA SEMPRE FOI MAIS DO QUE VITÓRIAS. / COMO DESTACA A LARISSA, O QUE FICA MESMO SÃO OS VALORES QUE A GENTE LEVA PRA VIDA.//

TEC: SONORA 8 – LARISSA URZÊDO

LOC 2 (MARIA CLARA): E É LINDO VER COMO ISSO SE MANTÉM. / TODA A TRADIÇÃO, OS EVENTOS, OS LEGADOS... FAZEM PARTE DA ESSÊNCIA DA TAGARELA. //

LOC 1 (ANDRESSA): MAS NEM TUDO FORAM FLORES, VIU? / O MAYKON CONTA SOBRE UM DOS PERÍODOS MAIS DESAFIADORES DA GESTÃO, QUANDO FOI PRECISO REESTRUTURAR TUDO PRA COLOCAR A “CASA” EM ORDEM. //

TEC: SONORA 9 – MAYKON CAVALCANTI

LOC 2 (MARIA CLARA): DECISÕES DIFÍCEIS, MAS QUE MOSTRARAM A REALIDADE DE QUEM FAZ PARTE DE UMA ATLÉTICA. / PORQUE NÃO É SÓ SOBRE LIDERANÇA, É SOBRE COMPANHEIRISMO E CRESCIMENTO. //

LOC 1 (ANDRESSA): E QUANDO VEIO A PANDEMIA, AMIGA, FOI UM DOS MAIORES DESAFIOS DA HISTÓRIA DA TAGARELA. / A MARINA VEIGA, EX-VICE-PRESIDENTE, LEMBRA COMO FOI ASSUMIR A GESTÃO EM PLENA PANDEMIA, COM VOTAÇÃO POR FORMULÁRIO E TUDO! //

TEC: SONORA 10 – MARINA VEIGA

LOC 2 (MARIA CLARA): IMAGINA A LOUCURA! / E DEPOIS, QUANDO TUDO VOLTOU AO PRESENCIAL, O DESAFIO ERA OUTRO: RECONSTRUIR O ESPÍRITO DA ATLÉTICA E REANIMAR OS ALUNOS. //

LOC 1 (ANDRESSA): A PRÓPRIA MARINA FALA SOBRE COMO FOI ESSE PERÍODO PÓS-PANDEMIA, QUANDO O CAIXA TAVA QUASE ZERADO E ERA PRECISO REINVENTAR TUDO. //

TEC: SONORA 11 – MARINA VEIGA

LOC 2 (MARIA CLARA): AMIGA, É INSPIRADOR VER A RESILIÊNCIA DESSA GALERA. / MESMO COM POUCO DINHEIRO E POUCOS VETERANOS, A TAGARELA NUNCA PERDEU A ESSÊNCIA DA MARITACA. //

LOC 1 (ANDRESSA): E O MAIS LINDO É VER O CARINHO QUE AS PESSOAS TÊM PELAS MULHERES QUE SEMPRE ESTIVERAM À FRENTE DA TAGARELA. / O MATEUS WERNER, EX-ALUNO DA UFG, DESTACA ESSE PONTO COM MUITO ORGULHO. / E OLHA, OUVIR ELE LEMBRANDO DE MIM QUE ERA PRESIDENTE

DA MATILHA E DA LUVI DA TAGARELA COM TANTO CARINHO... É GRATIFICANTE DEMAIS! / PORQUE A GENTE SABE O QUANTO É DESAFIADOR QUANDO UMA MULHER ASSUME A PRESIDÊNCIA. //

TEC: SONORA 12– MATEUS WERNER

LOC 2 (MARIA CLARA): VERDADE, AMIGA. / É BONITO DEMAIS VER COMO A FORÇA FEMININA É UM TRAÇO DESSA HISTÓRIA. / E A LUVI, QUE TAMBÉM FOI PRESIDENTE, SABE BEM O QUE É ENFRENTAR PRECONCEITOS, ATÉ DENTRO DA PRÓPRIA ATLÉTICA. //

TEC: SONORA 13 – LUANA VIEZZER

LOC 1 (ANDRESSA): MAS É JUSTAMENTE NESSAS DIFICULDADES QUE A TAGARELA MOSTRA SUA ESSÊNCIA: UNIÃO, ACOLHIMENTO E RESISTÊNCIA. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 2 (MARIA CLARA): AGORA É HORA DAQUELE MOMENTO QUE A GENTE AMA! / SERÁ QUE A GALERA SABE MESMO O QUE É A TAGARELA? //

TEC: SONORA 14 – RESPOSTAS DO POVO FALA

LOC 1 (ANDRESSA): AH, EU AMO O POVO FALA! / TEVE GENTE QUE ACERTOU, TEVE QUEM NEM SABIA DIREITO O QUE ERA (RISOS), MAS IMPORTANTE É QUE NESSE EPISÓDIO VOCÊ DESCOBRE EXATAMENTE O QUE É SER TAGARELA, A MARITACA MAIS ANIMADA DA UFG!//

LOC 2 (MARIA CLARA): E É ISSO QUE FAZ ESSA ATLÉTICA SER TÃO ESPECIAL: ELA É PARTE DA VIDA UNIVERSITÁRIA, DA HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO E DO CORAÇÃO DE QUEM PASSOU POR LÁ. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (ANDRESSA): FORAM MUITAS CONQUISTAS, APRENDIZADOS E HISTÓRIAS QUE MARCARAM GERAÇÕES. / E SE TEM ALGO QUE DEFINE BEM A TAGARELA, É ESSA MISTURA DE AMIZADE, DEDICAÇÃO, PERTENCIMENTO E MUITO BARULHO BOM. //

LOC 2 (MARIA CLARA): A TAGARELA É A PROVA VIVA DE QUE UMA ATLÉTICA VAI MUITO ALÉM DAS FESTAS: ELA FORMA PESSOAS, CRIA LAÇOS E MUDA VIDAS. / ELA É A ESSÊNCIA QUE A GENTE QUIS MOSTRAR PRA VOCÊS HOJE. //

LOC 3 (ANDRESSA): E BASTA SE APROFUNDAR UM POUQUINHO, PRA VER QUE A TAGARELA FOI UM GRANDE ACERTO. / PORQUE ELA NASCEU DO ESFORÇO E DA DEDICAÇÃO DE MUITA GENTE QUE BATALHOU PRA DEIXAR UM LEGADO, PRA QUEM AINDA VAI ENTRAR E ESSA HISTÓRIA. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC (MARIA CLARA): E AÍ, CURTIU? / ESSE FOI O EPISÓDIO SOBRE A TAGARELA DA U-F-G, UMA ATLÉTICA QUE TRANSFORMOU A COMUNICAÇÃO EM MOVIMENTO E AMIZADE. //

LOC 2 (ANDRESSA): E SE VOCÊ GOSTOU, JÁ SEGUIE O PODATLETICAR E FICA DE OLHO, PORQUE NO PRÓXIMO EPISÓDIO VEM MAIS HISTÓRIA BOA! //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (ANDRESSA): VOCÊ ACABOU DE CONFERIR O TERCEIRO EPISÓDIO DO PODATLETICAR, COM MARIA CLARA GIRELLI E ANDRESSA VASCO, ACADÊMICAS DE JORNALISMO./ A PRODUÇÃO É RESULTADO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO. / A ORIENTAÇÃO É DA PROFESSORA MESTRA DENIZE DAUDT BANDEIRA. / A EDIÇÃO É DO TÉCNICO DO LABORATÓRIO DE RÁDIO DA PUC GOIÁS, NILSON FILHO. //

LOC 2(ANDRESSA): NESSE EPISÓDIO, VOCÊ OUVIU UM TRECHO DE UMA MÚSICA DA TORCIDA DA TAGARELA, DISPONIBILIZADA POR LUANA VIEZZER. / E TERMINAMOS HOJE COM UMA PALINHA DO QUE VOCÊ CONFERE NOS PRÓXIMOS EPISÓDIOS! //

TEC: TEASER DOS PRÓXIMOS EPISÓDIOS

APÊNDICE C.4 – Roteiro do Episódio 4: A Atlética Primata

ROTEIRO EPISÓDIO 4 – PODCAST “PODATLETICAR – PRIMATA/PUC GOIÁS”**VINHETA DE ABERTURA****TEC: SONORA 1 GRITO DE GUERRA****TEC: SOBE E DESCE BG**

LOC 1 (ANDRESSA): AMIGA, HOJE A GENTE VAI FALAR DE UMA ATLÉTICA QUE É PRATICAMENTE UMA LENDA NA PUC GOIÁS. / UMA ATLÉTICA QUE CARREGA HISTÓRIA, CONQUISTAS, TRADIÇÃO E, CLARO, MUITA RESENHA. / TÔ FALANDO

DA PRIMATA, A ATLÉTICA DO CURSO DE DIREITO, QUE HÁ QUASE VINTE ANOS REPRESENTA OS ALUNOS MAIS ANIMADOS DA UNIVERSIDADE. //

LOC 2 (MARIA CLARA): E NÃO É EXAGERO, VIU? / A PRIMATA É DAQUELAS QUE FAZEM BARULHO DENTRO E FORA DAS QUADRAS. / DESDE DOIS MIL E 6, ELA VEM MARCANDO PRESENÇA COM FESTAS, COMPETIÇÕES, CONQUISTAS E UMA BATERIA QUE NINGUÉM ESQUECE. / DÁ PRA DIZER QUE SER DA PRIMATA É VIVER INTENSAMENTE O ESPÍRITO UNIVERSITÁRIO. //

LOC 3 (ANDRESSA): O NOME COMPLETO É ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ACADÊMICA CLÓVIS BEVILÁCQUA, EM HOMENAGEM A UM DOS MAIORES JURISTAS DA HISTÓRIA DO BRASIL. / UM JEITO DE MANTER O PÉ NA TRADIÇÃO DO DIREITO, MAS O CORAÇÃO BATENDO NO RITMO DA BATERIA. //

LOC 4 (MARIA CLARA): MAS, CONVENHAMOS, O NOME QUE FICOU MESMO FOI PRIMATA. / E O GORILA, SÍMBOLO DA ATLÉTICA, REPRESENTA FORÇA, UNIÃO E GARRA, TUDO O QUE O PESSOAL DO DIREITO MOSTRA DENTRO DA PUC. E É ASSIM QUE LUIZ FERNANDO MARTINS, ATUAL PRESIDENTE DA PRIMATA, VAI TRAZER PRA GENTE UM POUCO MAIS SOBRE O MASCOTE E O SIGNIFICADO DE SER PRIMATA//

TEC: SONORA 2 – LUIZ FALANDO SOBRE O MASCOTE GORILA E O SIGNIFICADO DE SER “PRIMATA”.//

LOC 1 (ANDRESSA): LÁ NO COMECINHO, A PRIMATA ERA SÓ UM GRUPO DE AMIGOS COM UM SONHO: REPRESENTAR O CURSO DE DIREITO COM A MESMA ENERGIA QUE VIAM EM OUTRAS UNIVERSIDADES. / ERA TUDO MUITO NOVO, SEM ESTRUTURA E COM POUCA AJUDA DA FACULDADE. //

LOC 2 (MARIA CLARA): POIS É! / O PESSOAL SE REUNIA NOS INTERVALOS DAS AULAS PRA ORGANIZAR EVENTOS, VENDER CAMISETAS E JUNTAR DINHEIRO PRA BANCAR AS PRIMEIRAS AÇÕES DA ATLÉTICA. / E O MAIS CURIOSO É QUE, SEGUNDO ANTIGOS MEMBROS, ELES FAZIAM ATÉ SHOWS NOS INTERVALOS DAS AULAS. / IMAGINA O AGITO QUE DEVIA SER ISSO NO MEIO DO CAMPUS! //

LOC 3 (ANDRESSA): ESSAS PEQUENAS AÇÕES COMEÇARAM A CHAMAR ATENÇÃO E FORTALECER A IDENTIDADE DA PRIMATA. / A ATLÉTICA FOI CRESCENDO, GANHANDO RECONHECIMENTO E MOSTRANDO QUE OS ESTUDANTES DE DIREITO TAMBÉM SABIAM COMPETIR E FESTEJAR, CLARO. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (MARIA CLARA): COM O TEMPO, A PRIMATA SE ORGANIZOU DE VERDADE. / CRIOU DEPARTAMENTOS, CARGOS E UMA ESTRUTURA QUE FACILITOU O TRABALHO DA GALERA. / HOJE, TEM PRESIDÊNCIA, VICE, DIRETORIAS DE ESPORTES, EVENTOS, MARKETING, PRODUTOS E ATÉ COORDENAÇÃO DE CALOUROS. //

LOC 2 (ANDRESSA): ESSA DIVISÃO AJUDOU A ATLÉTICA A CRESCER DE FORMA PROFISSIONAL, MESMO SENDO GERIDA POR ESTUDANTES. / E O RESULTADO DISSO TÁ NAS CONQUISTAS: CINCO TÍTULOS DO INTERPUC, CINCO DO JUPUC E UM DO JOJUCO. / É TROFÉU QUE NÃO ACABA MAIS! //

LOC 3 (MARIA CLARA): E O MAIS LEGAL É QUE CADA NOVA GESTÃO TRAZ UM OLHAR DIFERENTE. / ALGUMAS FOCAM MAIS EM EVENTOS, OUTRAS NAS COMPETIÇÕES, MAS TODAS MANTÊM AQUELE ORGULHO DE VESTIR A CAMISA

DA PRIMATA. / AGORA O PRESIDENTE VAI FALAR PRA GENTE UM POUQUINHO MAIS SOBRE ESSA ESTRUTURA.//

TEC: SONORA 3 – LUIZ FALANDO SOBRE A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA PRIMATA

LOC 1 (ANDRESSA): MAS, COMO TODA BOA HISTÓRIA UNIVERSITÁRIA, NEM TUDO FORAM FLORES. / A PRIMATA TAMBÉM PASSOU POR ALTOS E BAIXOS, PRINCIPALMENTE NA PARTE FINANCEIRA. / JÁ TEVE ÉPOCA DE DÍVIDA GRANDE, VIU? DAQUELAS QUE FAZEM QUALQUER GESTÃO SUAR FRIO. //

LOC 2 (MARIA CLARA): E QUEM JÁ FEZ PARTE DE ATLÉTICA SABE: TEM HORA QUE É PRECISO JUNTAR MOEDINHAS, CORRER ATRÁS DE PATROCÍNIO E SE REINVENTAR PRA MANTER TUDO EM PÉ. / E A PRIMATA FEZ ISSO DIREITINHO. / SE ORGANIZOU, CRIOU EVENTOS PRÓPRIOS E VOLTOU A CRESCER. //

LOC 3 (ANDRESSA): É BONITO VER COMO A GALERA NÃO DESISTIU. / MESMO NOS MOMENTOS DIFÍCEIS, O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO E UNIÃO MANTEVE A PRIMATA VIVA E FORTE. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (MARIA CLARA): E NÃO DÁ PRA FALAR DA PRIMATA SEM LEMBRAR O PAPEL IMPORTANTE QUE ELA TEVE DENTRO DA PUC GOIÁS. / FOI UMA DAS PRINCIPAIS ATLÉTICAS ENVOLVIDAS NA CRIAÇÃO DO INTERPUC, AQUELE TORNEIO QUE REUNIA OS CURSOS DA UNIVERSIDADE. //

LOC 2 (ANDRESSA): DEPOIS, VEIO O JUPUC, OS JOGOS UNIVERSITÁRIOS DA PUC GOIÁS. / UM EVENTO QUE FORTALECEU O ESPORTE E O ESPÍRITO DE

COMUNIDADE ENTRE AS ATLÉTICAS. / E LÁ ESTAVA A PRIMATA, AJUDANDO A FAZER HISTÓRIA MAIS UMA VEZ. //

LOC 3 (MARIA CLARA): ESSES EVENTOS NÃO SÓ APROXIMARAM OS CURSOS, COMO TAMBÉM MOSTRARAM O PODER DAS ATLÉTICAS NA VIDA ESTUDANTIL. / E A PRIMATA SEMPRE TEVE UM PAPEL DE LIDERANÇA NESSE MOVIMENTO. / E TEM MAIS UM PONTO QUE MERECE DESTAQUE: O PROTAGONISMO FEMININO DENTRO DA PRIMATA. / DESDE CEDO, AS MULHERES OCUPARAM CARGOS IMPORTANTES E MOSTRARAM QUE ATLÉTICA NÃO É “COISA DE HOMEM”. //

LOC 4 (ANDRESSA): É ISSO MESMO! / MUITAS MULHERES JÁ FORAM DIRETORAS, VICE-PRESIDENTES, LÍDERES DE BATERIA E RESPONSÁVEIS POR GRANDES EVENTOS. / ELAS AJUDARAM A CONSOLIDAR O NOME DA PRIMATA DENTRO E FORA DA PUC. / E NÃO FOI FÁCIL, VIU? / TEVE QUE ENFRENTAR PRECONCEITO, MOSTRAR COMPETÊNCIA E PROVAR QUE O ESPAÇO DELAS ERA, E CONTINUA SENDO, ESSENCIAL PRA PRIMATA SER O QUE É HOJE. / CAROLINA ALVES QUE FOI PRIMEIRO COORDENADORA DO MARKETING E DEPOIS DIRETORA, TUDO ISSO EM QUATRO ANOS, VAI FALAR PRA GENTE COMO FOI ESSE MOMENTO DE LIDERANÇA. //

TEC: SONORA 4 – CAROL FALANDO SOBRE LIDERANÇA E SUPERAÇÃO DENTRO DA PRIMATA

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (MARIA CLARA): A PANDEMIA DE COVID-19 FOI UM DESAFIO PRA TODO MUNDO, E COM AS ATLÉTICAS NÃO FOI DIFERENTE. / A PRIMATA PRECISOU SE

REINVENTAR PRA MANTER O VÍNCULO ENTRE OS ALUNOS, MESMO À DISTÂNCIA. //

LOC 2 (ANDRESSA): FOI UM PERÍODO DIFÍCIL. / SEM EVENTOS, SEM JOGOS E COM MUITOS ALUNOS QUE NEM CHEGARAM A CONHECER O CAMPUS. / MAS, DEPOIS QUE TUDO VOLTOU, A PRIMATA TEVE UM PAPEL ESSENCIAL EM RECONSTRUIR O ESPÍRITO COLETIVO DENTRO DA PUC. //

LOC 3 (MARIA CLARA): ELA VIROU UM ESPAÇO DE ACOLHIMENTO. / MUITA GENTE QUE VOLTOU PRO PRESENCIAL ENCONTROU NA PRIMATA UMA NOVA FAMÍLIA, UM LUGAR PRA FAZER AMIGOS E SE SENTIR PARTE DE ALGO MAIOR. E O LUIZ VAI EXPLICAR PRA GENTE COMO FOI ESSE MOMENTO DE DIFICULDADES //

TEC: SONORA 5 – LUIZ FALANDO SOBRE A RETOMADA DA PRIMATA PÓS-PANDEMIA.

LOC 1 (ANDRESSA): E CLARO QUE A GENTE NÃO PODE ESQUECER DAS FESTAS, NÉ? / PORQUE A PRIMATA TAMBÉM É CONHECIDA POR SEUS EVENTOS ICÔNICOS. / TEVE EDIÇÃO EM ESPAÇO DA PECUÁRIA, CALOURADAS HISTÓRICAS E FESTAS QUE ATÉ HOJE O POVO COMENTA. //

LOC 2 (MARIA CLARA): A ENERGIA DA PRIMATA É ÚNICA. / CADA FESTA, CADA EVENTO É UM JEITO DE CELEBRAR O ESPÍRITO DO CURSO DE DIREITO E MOSTRAR QUE ESTUDAR E SE DIVERTIR PODEM ANDAR JUNTOS. / E NÃO É SÓ SOBRE FESTA! / É SOBRE CONSTRUIR MEMÓRIAS, VIVER EXPERIÊNCIAS E CRIAR LAÇOS QUE DURAM MUITO ALÉM DA FACULDADE. //

LOC 3 (ANDRESSA): E CHEGOU AQUELE MOMENTO QUE A GENTE AMA: O POVO FALA! / A GENTE FOI PERGUNTAR PROS ALUNOS DA PUC GOIÁS: “VOCÊ CONHECE A ATLÉTICA PRIMATA? O QUE ELA REPRESENTA PRA VOCÊ?” //

QUADRO O POVO FALA

TEC: SONORA 6 – RESPOSTAS VARIADAS DOS ALUNOS

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (MARIA CLARA): A PRIMATA É MAIS DO QUE UMA ATLÉTICA. / É UMA HISTÓRIA CONSTRUÍDA COM ESFORÇO, AMIZADE E PAIXÃO. / UMA VERDADEIRA FAMÍLIA QUE HÁ QUASE DUAS DÉCADAS REPRESENTA O CURSO DE DIREITO COM ORGULHO. //

LOC 2 (ANDRESSA): E O MAIS BONITO É VER QUE, MESMO COM O TEMPO PASSANDO, O ESPÍRITO DA PRIMATA CONTINUA O MESMO: VIBRANTE, FORTE E CHEIO DE PROPÓSITO. / QUE VENHAM MAIS ANOS, MAIS CONQUISTAS E, CLARO, MAIS FESTAS DOS GORILAS! //

LOC 3 (MARIA CLARA): ESSE FOI O PODATLETICAR DE HOJE DIRETO DO MUNDO DOS QUERIDOS DA PUC GOIÁS. / ATÉ O PRÓXIMO EPISÓDIO! //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC (ANDRESSA): VOCÊ ACABA DE CONFERIR O QUARTO EPISÓDIO DO PODATLETICAR, COM MARIA CLARA GIRELLI E ANDRESSA VASCO, ACADÊMICAS DE JORNALISMO / A PRODUÇÃO É RESULTADO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO. / A ORIENTAÇÃO É DA PROFESSORA MESTRA DENIZE

DAUDT BANDEIRA. / A EDIÇÃO É DO TÉCNICO DO LABORATÓRIO DE RÁDIO DA PUC GOIÁS, NILSON FILHO. //

LOC (MARIA CLARA): NESSE EPISÓDIO, VOCÊ OUVIU UM TRECHO DE UMA MÚSICA DE TORCIDA DA ATLÉTICA PRIMATA, DISPONÍVEL NO INSTAGRAM DA ATLÉTICA/ TERMINAMOS HOJE COM UMA PALINHA DO QUE VOCÊ CONFERE NOS PRÓXIMOS EPISÓDIOS.

TEC: TEASER DOS PRÓXIMOS EPISÓDIOS

B.5 – Roteiro do Episódio 5: A Atlética Unificada

ROTEIRO EPISÓDIO 5 – PODCAST “PODATLETICAR – ATLÉTICA UNIFICADA/UFG”

VINHETA DE ABERTURA

TEC: SONORA 1 – GRITO DE GUERRA DA ATLÉTICA UNIFICADA

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (ANDRESSA): AMIGA, HOJE A GENTE VAI FALAR DE UMA ATLÉTICA QUE É PURA UNIÃO, GARRA E REPRESENTATIVIDADE. / UMA ATLÉTICA QUE NASCEU PRA JUNTAR TRÊS CURSOS E MOSTRAR QUE O ESPORTE TAMBÉM É COISA DE QUEM VIVE A COMPUTAÇÃO. //

LOC 2 (MARIA CLARA):

É ISSO MESMO! / A GENTE TÁ FALANDO DA ATLÉTICA UNIFICADA DA COMPUTAÇÃO, LÁ DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. / ELA REPRESENTA

OS CURSOS DE CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO, SISTEMAS DE INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, E JÁ TEM MAIS DE UMA DÉCADA DE HISTÓRIA! //

LOC 3 (ANDRESSA): A UNIFICADA É CONHECIDA PELA ENERGIA, PELAS COMPETIÇÕES E, CLARO, PELAS FESTAS QUE MOVIMENTAM O CAMPUS DA U-F-G. / MAS MUITO ALÉM DISSO, É UM ESPAÇO DE AMIZADE, APRENDIZADO E ACOLHIMENTO. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (MARIA CLARA): A ATLÉTICA UNIFICADA FOI FUNDADA EM DOIS MIL E NOVE, JUNTO COM O NASCIMENTO DO INSTITUTO DE INFORMÁTICA DA U-F-G. / NA ÉPOCA, OS CURSOS DE COMPUTAÇÃO SE DESVINCULARAM DA ÁREA DE MATEMÁTICA E DECIDIRAM CRIAR SUA PRÓPRIA IDENTIDADE. //

LOC 2 (ANDRESSA): A IDEIA SURTIU DE UM GRUPO DE ALUNOS QUE QUERIA TER UMA ATLÉTICA IGUAL ÀS DOS OUTROS CURSOS, COMO DIREITO E MEDICINA. / FOI ASSIM QUE NASCEU A UNIFICADA, COM O PROPÓSITO DE UNIR, REPRESENTAR E FORTALECER OS ESTUDANTES DO NOVO INSTITUTO. //

LOC 3 (MARIA CLARA): E O NOME “UNIFICADA” NÃO FOI ESCOLHIDO À TOA. / ELE SIMBOLIZA A UNIÃO DOS TRÊS CURSOS E A IDEIA DE CONSTRUÇÃO COLETIVA QUE SEMPRE FEZ PARTE DA ATLÉTICA. / IOLANDA RIBEIRO, QUE ESTAVA PRESENTE NO COMEÇINHO DA ATLÉTICA, CONTA PRA GENTE SOBRE O NASCIMENTO DA UNIFICADA. //

TEC: SONORA 2 – IOLANDA RIBEIRO DE PAULA FALANDO SOBRE O NASCIMENTO DA ATLÉTICA E A IDEIA DE UNIÃO. //

LOC 1 (ANDRESSA): DESDE O COMEÇO, A GALERA DA UNIFICADA SE DESTACOU PELA VONTADE DE PARTICIPAR E FAZER A DIFERENÇA. / MESMO COM POUCOS RECURSOS, CONSEGUIRAM ORGANIZAR OS PRIMEIROS EVENTOS E AS PRIMEIRAS EQUIPES ESPORTIVAS. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (MARIA CLARA): HOJE, A UNIFICADA TEM UMA ESTRUTURA COMPLETA, COM PRESIDÊNCIA, VICE, DIRETORIAS DE EVENTOS, ESPORTE, MARKETING, FINANCEIRO E PRODUTOS. / É UMA VERDADEIRA EMPRESA UNIVERSITÁRIA, TOCADA POR ALUNOS QUE FAZEM TUDO ACONTECER. //

LOC 2 (ANDRESSA): TEM COORDENADORES DE FUTSAL, VÔLEI, BASQUETE, HANDEBOL, CALOUROS E ATÉ ESTAGIÁRIOS EM CADA ÁREA. / TUDO PRA GARANTIR QUE A ATLÉTICA FUNCIONE DE FORMA ORGANIZADA E PROFISSIONAL. //

LOC 3 (MARIA CLARA): E É ESSA ESTRUTURA QUE PERMITE QUE A UNIFICADA ESTEJA PRESENTE EM TODOS OS ESPAÇOS — NAS QUADRAS, NAS FESTAS, NAS REDES E NO CORAÇÃO DOS ALUNOS. / JOÃO VICTOR BRAGA EX-PRESIDENTE DA ATLÉTICA, CONTA PRA GENTE COMO FOI VIVER ISSO. //

TEC: SONORA 3 – JOÃO VICTOR FALANDO SOBRE COMO É FAZER PARTE DA GESTÃO E A RESPONSABILIDADE DE REPRESENTAR OS CURSOS. //

LOC 1 (ANDRESSA): UM DOS MOMENTOS MAIS IMPORTANTES PRA UNIFICADA É O INTER, O MAIOR TORNEIO UNIVERSITÁRIO DA U-F-G. / É NESSE EVENTO QUE

A GALERA MOSTRA TODO O ESPÍRITO DE EQUIPE E O ORGULHO DE REPRESENTAR O INSTITUTO DE INFORMÁTICA. //

LOC 2 (MARIA CLARA): A IOLANDA, EX-ATLETA E EX-MEMBRO DA UNIFICADA, RECORDA QUE 2017 FOI UM ANO MARCANTE. / NESSA ÉPOCA, A UNIFICADA SE DESTACOU EM DIVERSAS MODALIDADES E CONQUISTOU O RESPEITO DAS OUTRAS ATLÉTICAS. //

TEC: SONORA 4 – IOLANDA FALANDO SOBRE O PRIMEIRO INTER E COMO FOI REPRESENTAR A UNIFICADA NAS QUADRAS. //

LOC 3 (ANDRESSA): E QUEM PARTICIPA DO INTER SABE QUE NÃO É SÓ SOBRE JOGAR. / É SOBRE FAZER PARTE DE UMA EXPERIÊNCIA QUE UNE TODO MUNDO, E IOLANDA SABE BEM DISSO. //

TEC: SONORA 5 – IOLANDA “É uma experiência incrível (INTER)...” (TERCEIRO ÁUDIO 1:44)

LOC 4 (MARIA CLARA): O INTER É UM DOS PONTOS ALTOS DO ANO PRA UNIFICADA, E CADA VITÓRIA É COMEMORADA COMO UM TROFÉU DE UNIÃO. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (ANDRESSA): E SE TEM UM CAPÍTULO ESPECIAL NA HISTÓRIA DA UNIFICADA, É O DA PARTICIPAÇÃO FEMININA. / NA COMPUTAÇÃO, AS MULHERES SEMPRE FORAM MINORIA, MAS DENTRO DA ATLÉTICA ELAS GANHARAM ESPAÇO E VOZ. //

LOC 2 (MARIA CLARA): IOLANDA DESTACA QUE FOI ATRAVÉS DA ATLÉTICA QUE CONHECEU OUTRAS MULHERES DO CURSO E SE SENTIU REALMENTE PARTE DA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA. //

TEC: SONORA 6 – IOLANDA FALANDO SOBRE O ACOLHIMENTO E O PROTAGONISMO FEMININO DENTRO DA ATLÉTICA. //

LOC 3 (ANDRESSA): ESSA PARTICIPAÇÃO FEMININA CONTINUA CRESCENDO, E HOJE ELAS ESTÃO EM TODOS OS DEPARTAMENTOS, LIDERANDO, ORGANIZANDO E REPRESENTANDO, SEMPRE COM MUITA GARRA. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (MARIA CLARA): COMO RELATAMOS NOS OUTROS EPISÓDIOS, NEM SEMPRE É FÁCIL MANTER UMA ATLÉTICA ATIVA. / ISSO EXIGE PLANEJAMENTO, ORGANIZAÇÃO E MUITO COMPROMETIMENTO. //

LOC 2 (ANDRESSA): E A GALERA DA UNIFICADA SABE BEM DISSO. / ALÉM DOS JOGOS, ELES ORGANIZAM FESTAS, AÇÕES SOCIAIS E PROJETOS QUE EXIGEM UMA EQUIPE ENTROSADA E MUITO EMPENHO. / GABRIELLY FONCECA QUE FAZ PARTE DA GESTÃO, EM EVENTOS, CONTA PRA GENTE QUAIS SÃO OS DESAFIOS POR TRAZ DE TODA ESSA ORGANIZAÇÃO. //

TEC: SONORA 7 – GABRIELLY FONCECA FALANDO SOBRE OS DESAFIOS DE ORGANIZAR FESTAS E ATIVIDADES DA ATLÉTICA. //

LOC 3 (MARIA CLARA): E É JUSTAMENTE ESSE TRABALHO NOS BASTIDORES QUE FAZ TUDO ACONTECER. / COMO A IOLANDA MESMO DIZ, SER PARTE DA ATLÉTICA É APRENDER A PLANEJAR, LIDERAR E TRABALHAR EM EQUIPE. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (ANDRESSA): E CLARO QUE NÃO PODIA FALTAR O NOSSO MOMENTO FAVORITO: “O POVO FALA”! / A GENTE PERGUNTOU PRA GALERA: “VOCÊ CONHECE A ATLÉTICA UNIFICADA? / O QUE ELA REPRESENTA PRA VOCÊ?” //

QUADRO O POVO FALA**TEC: SONORA 8 – RESPOSTAS VARIADAS DOS ALUNOS**

LOC 2 (MARIA CLARA): A UNIFICADA MOSTRA QUE, QUANDO A GENTE UNE FORÇAS, O RESULTADO VAI MUITO ALÉM DAS QUADRAS. / É SOBRE CONSTRUÇÃO COLETIVA, RESPEITO E PERTENCIMENTO. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (ANDRESSA): A ATLÉTICA UNIFICADA É MAIS DO QUE UM SÍMBOLO DA COMPUTAÇÃO. / ELA REPRESENTA A UNIÃO DE DIFERENTES CURSOS, A PAIXÃO PELO ESPORTE E A FORÇA DE UMA GERAÇÃO QUE FAZ A DIFERENÇA. //

LOC 2 (MARIA CLARA): AO LONGO DOS ANOS, A UNIFICADA SE TORNOU UMA FAMÍLIA DENTRO DA U-F-G. / E CADA NOVO MEMBRO AJUDA A ESCREVER MAIS UM CAPÍTULO DESSA HISTÓRIA. / E PARA FINALIZAR, IOLANDA DEIXA UM CONSELHO PRA QUEM ESTÁ EM ALGUMA ATLÉTICA. //

TEC SONORA 9 – Último áudio “maior conselho para quem está na atlética...” (0:10)

LOC 3 (ANDRESSA): E ESSE CONSELHO É PRA TODO MUNDO QUE PENSA EM PARTICIPAR DE UMA ATLÉTICA: / APROVEITE, SE ENVOLVA E FAÇA PARTE DESSA EXPERIÊNCIA QUE VAI MUITO ALÉM DA SALA DE AULA. //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC 1 (MARIA CLARA): ESSE FOI O PODATLETICAR DE HOJE, DIRETO DA U-F-G / E CHEGOU A HORA DE SE DESPEDIR... / ESSE É O ÚLTIMO EPISÓDIO DO PODATLETICAR, UM PROJETO QUE FEZ A GENTE CONHECER DE PERTO A FORÇA, A HISTÓRIA E A PAIXÃO DAS ATLÉTICAS UNIVERSITÁRIAS. //

LOC 2 (ANDRESSA): FORAM EPISÓDIOS CHEIOS DE HISTÓRIAS INSPIRADORAS, DE GENTE QUE VIVE O UNIVERSO ACADÊMICO INTENSAMENTE — ENTRE JOGOS, FESTAS, DESAFIOS E MUITA UNIÃO. //

LOC 3 (MARIA CLARA): A GENTE QUER AGRADECER TODO MUNDO QUE PARTICIPOU, QUE ABRIU O CORAÇÃO E COMPARTILHOU UM POUQUINHO DESSE ESPÍRITO ATLÉTICO COM A GENTE. //

LOC 4 (ANDRESSA): E, CLARO, UM OBRIGADO ESPECIAL A VOCÊ QUE OUVIU, TORCEU E FEZ PARTE DESSA JORNADA. / QUE ESSA ENERGIA SIGA SEMPRE VIVA DENTRO DAS UNIVERSIDADES — PORQUE ATLÉTICA É ISSO: É PERTENCER, É CONSTRUIR, É VIVER JUNTO. //

LOC 5 (MARIA CLARA): EU SOU MARIA CLARA GIRELLI...

LOC 6 (ANDRESSA): E EU SOU ANDRESSA VASCO! / ESSE FOI O PODATLETICAR, UM PODCAST QUE NASCEU DO UNIVERSO DAS ATLÉTICAS, E FICOU PRA HISTÓRIA. / ATÉ A PRÓXIMA JORNADA! //

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC (MARIA CLARA; VOCÊ ACABA DE CONFERIR O ÚLTIMO EPISÓDIO DO PODATLETICAR, UMA SÉRIE DE PODCASTS COM CINCO EPISÓDIOS APRESENTADO POR MARIA CLARA GIRELLI E ANDRESSA VASCO, ACADÊMICAS DE JORNALISMO / A PRODUÇÃO É RESULTADO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DECURSO. / A ORIENTAÇÃO É DA PROFESSORA MESTRA DENIZE DAUDT BANDEIRA. / A EDIÇÃO É DO TÉCNICO DO LABORATÓRIO DE RÁDIO DA PUC GOIÁS, NILSON FILHO. //

VINHETA DE ENCERRAMENTO

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

C.1 Transcrição Henrique Esteves

O que acontece? A Atlética sempre foi uma vontade do curso de Direito, de fundar, sabe? Na faculdade de Direito, lá, eu sei que algumas turmas antigas, em 2002, tentaram criar, mas acabou que não foi para a frente. Em 2006, salvo engano, 2006/2, teve um grupo que criou a Atlética, com uma logo de um gorila, e eles montaram junto com o Frederico. Mas, basicamente, fizeram isso: faziam uns showzinhos no intervalo, fizeram as camisetas, venderam... e ficou nisso. Em 2007, esfriou. E aí, naquele momento, eu acho que o Diogo Malone assumiu e continuou fazendo os showzinhos. Acho que eles até lançaram outra camiseta, mas também não virou nada, não aconteceu nenhum tipo de evento. Nesse momento, em 2007, eu estava como diretor de eventos do Centro Acadêmico. Eu tinha estudado em Floripa e, lá atrás, eu tinha visto uma outra pegada de faculdade — algo que não era vinculado só ao Centro Acadêmico, mas a eventos, a esporte, a festa, né? Ao entretenimento, enfim.

E eu era diretor de eventos do Centro Acadêmico, e eu queria trazer isso pra PUC Goiás, na época ainda era UCG, ia virar PUC, acho que em 2009, se eu não me engano. Eu queria trazer essa ideia para a faculdade onde eu estava. Comecei a tentar arrumar uns patrocínios para a Atlética. O Diogo, ali como presidente interino, estava sozinho, não tinha grupo, não tinha nada. Ele só fazia um showzinho ou outro. E, naquele momento, a gente tinha ideias diferentes. Aí ele acabou se afastando, e eu assumi interinamente como presidente.

Aí fiz uma calourada, depois fiz outra calourada, mas assim... tudo muito informal. Não existia uma fundação da Atlética. A gente estava tentando ver se criava o nome, então, através do Centro Acadêmico, a gente fazia os eventos, trazendo a Atlética ali como apoiadora. Fizemos material, uns kits, para ver se gerava engajamento. Era um projeto que, inclusive, eu gostava muito mais de fazer do que as coisas do Centro Acadêmico, porque eu achava que o CA tinha uma outra função, uma função muito mais de representatividade acadêmica e política, entende?

E aí, o que aconteceu? Eu me candidatei a coordenador e ganhei o Centro Acadêmico. Até então, existia uma dificuldade muito grande de fundar a Atlética, porque, além de uma certa oposição da própria faculdade, que não sabia o que era aquilo, então não apoiava, o próprio Centro Acadêmico tinha receio do que poderia virar a Atlética. E, por isso, eles não apoiavam, na verdade, até vetavam.

Então, quando eu assumi o Centro Acadêmico, foi o momento em que a gente conseguiu abrir um espaço para começar a gerar aquele projeto. Aí, em 2008, eu, já coordenando o Centro Acadêmico, convidei algumas pessoas para poder fundar, de fato e de direito, a Atlética. Então, foi esse grupo que eu te mandei acima: estava eu, Marco Antônio, Alzir, Guilherme, Luiz, Marco Túlio e Marcos Vinícius, exatamente. Na verdade, tinham mais pessoas na primeira assembleia. Nós fizemos uma assembleia, algumas reuniões, né, e, nesse primeiro momento, teve um outro grupo que queria apoiar um outro projeto, pessoas que nós não havíamos convidado, mas que, naturalmente, tinham ideias diferentes.

Fizemos uma votação, e nós ganhamos. Então, ali em 2008, foi quando nós realmente fundamos a Atlética de Direito. Como eu estava como coordenador do Centro Acadêmico, eu não queria assumir os dois projetos à frente. Eu achava que a Atlética merecia uma outra pessoa. Então, ali dentro do nosso grupo, o primeiro presidente que nós apoiamos foi o Alzir, e eu assumi como vice, permanecendo como coordenador do Centro Acadêmico. Fiquei, então, em 2008, como coordenador, e o Alzir ficou, em 2008, como presidente. Aí, ali, a gente criou alguns projetos. Nós criamos as calouradas, que deram início aos eventos, e, na época, eu organizava o Praia Jurídica. Então, nós fomos para o Praia Jurídica, e acho que basicamente foi isso naquele primeiro ano.

Ele continuou fazendo uma coisinha ou outra, bem pequena, e só. O Alzir depois sentiu vontade de ir pro Centro Acadêmico e, no final de 2008, ele sai da presidência — eu, como vice, acabo assumindo e ele vai se candidatar ao Centro Acadêmico. Então, ele se afasta da Atlética. A partir dali, no final de 2008, eu assumi, e fiquei entre 2009 e, acho que até meados ou final de 2010, como presidente da Atlética. Acho que foi isso 2009 e 2010. Nesse período, como eu te falei, aquilo ali era quase... era um projeto tratado como um filho, era um ideal, uma coisa que eu gostava muito. Então, a gente falou: “Precisamos criar projetos.” Aí nós criamos o Interpuc.

Como eu também fazia parte do DCE, acho que nessa época eu era secretário-adjunto, e depois acabei assumindo como vice e presidente, nós falamos: “Vamos criar um projeto de criação de Atléticas na PUC.” Então, nós passamos pelos Centros Acadêmicos e por outras lideranças e criamos, através do DCE, um projeto que veio da gente, da Atlética de Direito. A ideia era: “Vamos criar as Atléticas.” Nesse momento, só existia a de Medicina. E aí nós criamos todas as outras Atléticas que existiam na época. Hoje eu não sei como está lá, mas, na época, criamos a da Administração o Flávio Salviano, que era o secretário-geral, montou lá; o Alan, que estava com a gente, montou a da Biomedicina; e as pessoas que estavam vinculadas ao DCE foram

montando as demais. Então, montamos Engenharia Elétrica, Nutrição, Engenharia Civil, Relações Internacionais... vários cursos foram criando suas Atléticas sob a nossa organização. Eu mesmo cheguei a ajudar a montar e divulgar vários estatutos pra poder fundar essas Atléticas de forma geral, dentro da universidade. E aí, nisso, nós criamos, então, o Interpuc. Ele não era vinculado ao DCE, era vinculado às Atléticas, a ideia era criar um projeto para manter e fortalecer essas Atléticas. Dentro do Direito, nós passamos a ter o Pré-Jurídico no primeiro semestre e o Interpuc no segundo semestre. Isso ainda em 2009, que eu acho que foi quando tivemos o primeiro Interpuc, né?

Na época, a gente não participava do campeonato elaborado pela PUC, porque a PUC não deixava as Atléticas se envolverem. Eles queriam fazer uma espécie de ditadura ali, uma ordem de cima pra baixo. Então, nós nos afastamos e foi quando criamos o nosso próprio evento. Em 2009, então, fizemos o Interpuc e o Praia Jurídica. Em 2010, nós fomos pra um campeonato, o JUGS, lá em São Paulo. E aí, em 2010, acho que foi quando eu assumi a presidência do DCE. Nós negociamos com a faculdade e conseguimos uma concessão para a Atlética. Foi assim que nós conseguimos aquela sala, essa mesma que nós inauguramos, até tenho a data anotada aqui...

Ela foi inaugurada no dia 16 de março de 2011, mas nós começamos a construção ainda em 2010. E, em 2010, as Atléticas já estavam conseguindo tocar os projetos sozinhas. Eu ainda era presidente, mas já tinha um grupo bem estruturado. No início era um grupo, depois, na segunda gestão, veio outro, que é esse que está na placa, a diretoria, com pessoas novas. Nessa época, nós já tínhamos os times, já fazíamos os treinamentos, já tínhamos uniforme, já tínhamos ganhado o Interpuc, o JUBs, e também o Circuito Superpraia, que era o Praia Jurídica. Então, as Atléticas realmente cresceram muito.

Em 2011, entrou uma nova diretoria. Eu fiquei até o final daquele ciclo, que foi o período da inauguração da sala. Meu compromisso com eles era inaugurar a sala e entregar a gestão. Eu inaugurei e, logo depois, o Yuri assumiu a gestão. Bom, essa é a história da Atlética até onde eu estive. Depois do Yuri, acho que veio o Guilherme, que ficou muito pouco tempo, nem seis meses. Depois veio a Milena, e, depois dela, o Caio Veloso, que realmente mudou um pouco a cara da Atlética. Ele tocou o negócio, criou projetos, foi muito bacana. Depois do Caio Veloso... aí eu já não lembro bem quem veio. Teve umas mudanças, acho que teve a Bruna, e os presidentes foram mudando dali para frente. Hoje eu já não tenho a mínima ideia de quem está.

Mas, enfim, o início foi isso, tudo isso que eu te contei. As outras Atléticas dos outros cursos também mudaram bastante. O Interpuc, eu acho que nem está acontecendo mais, não sei. Pelo que eu fiquei sabendo, eles estavam participando, da última vez, dos campeonatos que a PUC voltou a organizar, pela Educação Física. Inclusive, criaram a Atlética de Educação Física também. Não sei se estou esquecendo de algo... Lá na sala da Atlética, tinha uns quadros que eu tinha feito, com os presidentes e os períodos de cada gestão, desde o Frederico, que foi o primeiro, lá da criação, depois o Malone, eu, e aí a fundação de fato do Direito, em 2008, quando reformulamos a logo, organizamos tudo, mudamos o visual e fizemos um novo lançamento.

Depois veio o Alzir, eu, o Yuri... Acho que até tem isso aí anotado. Eu não sei o que fizeram com aqueles quadros, se guardaram ou se jogaram fora. Aí, assim, em 2008, nós tínhamos a opção de... Por que eu falo que a gente teve criado novamente? Porque a gente tinha a opção de ou criar novos, tudo zero, mudar tudo, ou... o que a gente quis fazer? “Ah, gente, vamos começar tudo zero, né?”, porque era todo um grupo novo, pessoas novas, projeto novo.

Mas não. Vamos fazer o seguinte: vamos manter o símbolo que foi criado, porque já tem gente que lembra, né? Aí mantivemos o gorila, só demos uma melhorada mesmo, porque ele era magrinho, aí deu a bombada, mudou um pouco a marca, e aí decidimos lançar ela novamente, mas agora mantendo o mesmo símbolo, que é o gorila. Mas aí já era uma Atlética nova. Então, de 2008 para cá mesmo que ela veio a ser fundada, criada, entendeu? 2006, ele era um projeto. Mas é isso... foi bacana, bons tempos.

C.2 Transcrição Iolanda de Paula Ribeiro

Então, como surgiu a Atlética? A Atlética Unificada da Computação nasceu em 2009, a partir do momento em que foi criado o Instituto de Informática. Antigamente, o curso de Ciência da Computação era atrelado ao Instituto de Matemática e Estatística. Então, ali em 2009, estava acontecendo uma reformulação dentro da própria universidade, com a separação de cursos e a criação de novos institutos, porque foi um momento muito promissor na educação pública. Naquela época existia um programa chamado Reuni, cujo principal objetivo era a expansão da educação universitária. E foi nesse contexto que surgiu o Instituto de Informática da Universidade Federal de Goiás.

Naquele momento, o Instituto de Informática teria três cursos: Ciência da Computação, Sistemas de Informação e, se eu não me engano, Gestão da Informação, perdão, acho que eram

esses mesmos. O curso de Engenharia de Software só veio um pouco mais para a frente. Então, ali surgiu a oportunidade de criar também uma Atlética.

O que se conta para a gente é que essa cultura de atlética já existia na UFG, principalmente nos cursos mais antigos, como Direito, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Medicina, Odontologia, Enfermagem, enfim. Esses cursos mais tradicionais já tinham atléticas criadas desde o início, porque essa questão dos jogos universitários e da cultura esportiva e estudantil sempre existiu há muitos anos. Então, o pessoal viu uma oportunidade de criar a Atlética e participar das competições e, obviamente, das integrações universitárias que eram promovidas por meio delas.

Assim, o surgimento da Atlética Unificada da Computação vem daí.

Qual era o objetivo da Atlética naquele momento?

Eu acredito que era fomentar a integração, principalmente porque a gente está falando de um instituto recém-criado, com três cursos novos. A gente sabe que a vida universitária não se restringe à cidade onde a universidade está. Existem pessoas que vêm de outros estados, que passam a enxergar a universidade como um espaço de vivência, de convivência mesmo. Então, o principal objetivo da Atlética, ali naquele momento, era justamente integrar os alunos, e isso sempre foi e continua sendo, por meio de atividades, principalmente esportivas, de competições, sejam elas internas ou entre universidades e faculdades do estado. Ou seja, o principal objetivo sempre foi a integração.

E, naquele contexto, com o Instituto recém-criado e os cursos começando, não tinha desculpa melhor para criar uma Atlética, né?

Basicamente é porque a gente está falando de um instituto que é composto por três cursos, né? Então, a palavra Unificada vem dessa questão de serem três cursos. Então, é a Unificada da Computação, são cursos que remetem à computação. Hoje em dia, a terminologia já mudou em relação à área de atuação desses cursos. Hoje em dia, usa-se muito o termo tecnologia para remeter aos cursos que compõem o Instituto de Informática. Mas o Unificada da Computação surge daí, que ali, na época, eram a Ciência da Computação, Sistemas de Informação e Gestão da Informação. Aí, se eu não me engano, em 2014 ou 2013, foi criado o curso de Engenharia de Software, e o curso de Gestão da Informação foi migrado para a Faculdade de Informação e Comunicação, que é a FIC, porque ela identificou que a estrutura da grade desse curso era muito mais voltada para a questão de comunicação ou organização de dados do que propriamente com

temas relacionados à tecnologia. Foi quando começou a alteração nessa questão de computação para tecnologia, né? Conforme o mundo em si estava evoluindo nesse assunto, teve essa mudança de curso. Mas então, em resumo, unificada vem para remeter à questão de a Atlética ser composta por três cursos, né? Porque é possível você ter uma Atlética para o curso mesmo sendo de um instituto, tá? Então, fica a critério, né, de quem cria, como que vai ser ali a divisão, etc. Aí, no caso, desde quando ela foi criada, sempre se manteve a Atlética relacionada a todos os cursos do Instituto de Informática.

Bom, eu entrei na Atlética em 2015, né? Então, a gente já tinha aí seis anos de atlética, né? Mas o que a gente tinha de relato na época, ainda tinha os fundadores, né? Quando eu entrei, ainda tinha os fundadores da Atlética, vamos dizer assim. Então, assim, o espírito, como eu disse nas perguntas anteriores, sempre foi de integrar, sempre foi de trazer as pessoas do Instituto para esse momento ali que é mais de diversão, mais de farra, de esporte, de competição, de aproximação. Então, assim, o espírito da Atlética sempre foi manter ali a integração entre os alunos, né? Ser um ambiente de acolhimento, né?

Porque a gente estava falando também, agora há pouco, sobre a universidade receber alunos de vários estados do país. Os cursos, né, do Instituto de Informática, eles foram entrando em voga conforme o mundo foi colocando a tecnologia como um dos cursos promissores, colocando esses cursos como cursos grandiosos, vamos dizer assim. Então, o propósito sempre foi aproximar os alunos do Instituto, até porque o perfil do aluno do Instituto de Informática é um perfil de um aluno mais introvertido, que não é muito comunicativo. Então, assim, a gente sempre buscou ser esse ambiente onde as pessoas estivessem à vontade, pudessem explorar esse ambiente universitário.

Então, falando como atlética, o principal foco da Atlética são as questões de competição, as questões esportivas, né?

Então, ali, a gente tinha principalmente como valor a integração, a ética, o espírito esportivo, né, o compromisso com aqueles com quem a gente se relaciona, seja uma outra Atlética parceira, seja o próprio Instituto, a própria universidade, então, assim, o nosso Centro Acadêmico. Então, assim, parceria. Eu diria que esses são os principais valores. E o espírito sempre foi de muita animação também.

Bom, no meu tempo de atlética, eu acho que um dos momentos mais inesquecíveis, com certeza, foi quando eu conheci a equipe do esportivo feminino, né? Porque os cursos de informática, eu

não sei falar hoje em dia, mas, na minha época, as mulheres nos cursos correspondiam a pouquíssimas na turma, sabe?

Por exemplo, a minha turma mesmo, de 40 alunos, éramos três. Então, assim, eu acho que, para mim, foi um momento que eu não me esqueço e foi, obviamente, muito importante para mim. Participar da Atlética foi um momento de encontro mesmo, né? Porque você acaba de entrar na universidade e precisa, de alguma forma, criar laços. Então, assim, participar da Atlética, participar dos times esportivos da Atlética, para mim, foi muito importante, porque foi uma maneira, um caminho que eu encontrei de me relacionar na universidade com pessoas, criar amizades. Então, para mim, isso foi muito importante.

Quanto ao momento inesquecível, eu acredito que o tempo em que eu fiz parte da diretoria da Atlética foi quando a gente fez parte da comissão organizadora do Inter, hoje conhecido como o maior Inter. Uma experiência incrível, você ver como é o processo da organização desse evento, que hoje é o maior do Centro-Oeste, acredito eu.

Muita coisa envolvida, né? As Atléticas que são parte da comissão organizadora ficam responsáveis pela organização de toda a demanda esportiva do Inter, né? Então, assim, foram cinco dias... na verdade, foram muito mais dias, né? Porque, para organizar, você precisa de praticamente um ano de trabalho, desde a definição de quem será a comissão até a execução em si.

Então, assim, foi um ano de muito trabalho. Uma experiência que eu carrego comigo, em questão de relacionamento, de vivência mesmo. Porque, se você conseguir extrair toda essa vivência para um campo, seja da sua vida pessoal, seja da sua vida profissional, você consegue ver que existem aprendizados ali, né?

Então, para mim, foi inesquecível ver como é que o Inter nasce. E eu acho que é isso, né? Além das conquistas esportivas mesmo da Atlética, porque é um momento sublime, assim, né? Você, como uma equipe, como uma Atlética, ver a Atlética ser campeã em algum dos esportes praticados ali, disputados ali no Inter. Então, assim, das coisas inesquecíveis, eu acredito que sejam essas, né?

Bom, como eu respondi na pergunta anterior, né, eu acho que esse ano em que tivemos a oportunidade de fazer parte da comissão organizadora, para mim foi um dos momentos mais grandiosos da Unificada. Porque você é parte da comissão, mas você não deixa de ser atleta.

E o ano de 2017 foi o primeiro ano pós-mudança do nome do Inter, porque anteriormente ele se chamava Inter UFG. Aí houveram questões jurídicas em que esse nome não pôde mais ser utilizado, já que remetia à Universidade Federal de Goiás, né?

Então, assim, é um desafio você fazer parte disso, porque você é responsável, você pode ser responsabilizado por qualquer coisa.

Então, o que eu diria que eu me recordo desse ano, e que eu tenho mais orgulho, assim, eu falo por mim e pelas meninas que disputaram os jogos nesse ano, foi a gente ter condição de ser comissão organizadora e também ter condição de jogar no Inter.

Porque você ir ali jogar com a cabeça focada no jogo, sabendo que tem outras tantas coisas acontecendo à nossa volta, eu acho que eu fico muito feliz ali nesse momento, sabe? Do quanto a gente conseguiu entregar, seja para todo o Inter, né, e também para toda a Atlética.

Foi um ano muito bom para o esportivo feminino, porque no Inter você disputa o pré-Inter para poder jogar no Inter. Então ele tem tipo uma fase eliminatória, aliás, classificatória, anteriormente, e o próprio Inter, que é eliminatório.

Então, assim, foi o primeiro ano em que nós conseguimos classificar em vários esportes para jogar no Inter. É aquela sensação mesmo de evolução do esportivo feminino, que, como eu disse, são poucas meninas, etc.

Então, assim, as condições não são as melhores, mas dentro do que a gente tinha ali, a gente conseguiu fazer acontecer muita coisa.

Acho que o maior conselho que eu posso deixar para quem está na Atlética agora, seja na Unificada, seja em qualquer Atlética, é ser responsável, né? Porque a Atlética, apesar de ela ser responsável por promover esses momentos de integração, que são as choppadas, as sunsets, festas, enfim, campeonatos, torneios, a Atlética, todo mundo tem essa visão de ela ser um lugar de festa, de farra, de muita diversão e etc.

Mas quem faz essas coisas acontecerem são pessoas que precisam ser responsáveis. Então, assim, é ter esse cuidado com o que você quer executar, é ter esse planejamento, essa organização.

Hoje o cenário universitário é um cenário muito dinâmico, então o que eu diria, principalmente para as pessoas que estão na Atlética, é: sejam responsáveis, cuidem de vocês, cuidem de quem está envolvido com a Atlética.

Façam desse espaço um espaço seguro, um espaço que permita com que as pessoas aproveitem a universidade além da sala de aula, além de toda a questão curricular.

Não deixem esse espírito de integração, de felicidade mesmo, né, que é esse ambiente de Atlética... não deixem esse espírito morrer, vamos dizer assim, né?

Enfim, o que eu diria a todos seria isso, né? E também aproveitar, né? Nem tudo é trabalho, nem tudo é responsabilidade. Aproveitar com carinho, com tudo, porque é um momento, assim, é... passa, né? É um momento que passa.

Então tem que tirar proveito enquanto ele existe mesmo. Tem que aproveitar o momento.

C.3 Transcrição Isadora de Moraes

A Matilha sempre me ajudou, foi o meu primeiro contato com a atlética de fato de faculdade. E a Matilha sempre foi uma atlética inclusiva, que sempre fez de tudo para me incluir nos eventos, nos departamentos. Sempre vieram atrás de mim para me fazer parte como membro dos departamentos. Eu já participei de marketing, de eventos, de produtos, e é uma atlética que eu sou muito feliz, que sempre me acolheu, nunca, sendo uma pessoa com deficiência, eles sempre fizeram de tudo, principalmente nos eventos, fazendo com que tivesse o máximo de acessibilidade, buscando os melhores lugares para me atender, sabendo que eu sou uma pessoa que vai sempre nesses eventos, nas choppadas.

Então, assim, é uma atlética que tem todo meu coração e na faculdade também, uma atlética onde eu conheci pessoas, amigos que eu vou levar para o resto da minha vida. São pessoas que eu amo e que fizeram que fazem até hoje diferença na minha vida universitária que fazem esse período se tornar um pouco mais leve e descontraída também porque não fica só naquela parte dura de sala de aula, não. Tem a atlética ali, que está tanto presente na faculdade, no dia a dia, quanto nos eventos. Eles estão sempre me chamando para participar, sempre pedindo minha opinião. Então, assim, eu sou muito grata à Matilha, principalmente pela inclusão que eles fazem comigo, porque é muito raro a gente ver hoje em dia atléticas que se preocupam com isso, sabe? Quando eu falo em pessoas com deficiência, geralmente a gente vê uma dificuldade de ah, será? Não, a Matilha nunca foi assim, será? A Matilha sempre foi, vamos fazer dar certo. A gente vai fazer o evento, a gente vai buscar acessibilidade, a gente vai buscar inclusão e você vai. Então, assim, eu sou muito grata por tudo isso.

C.4 Transcrição João Victor Pinheiro

A minha história da matilha começa em 2022/2, que é quando eu entro como calouro. Desde então eu me interessei para entrar na Atlética, né? Eu comecei apoiando nos esportes, na coordenação de esportes, mas focado no vôlei. Então eu organizava treinos e animava a galera e no próximo semestre, que era 2023/ 1 eu saio da faculdade, mas mesmo assim eu atuo como ajudando o esportivo da Matilha e também na edição e gravação de vídeos de tudo que tinha, assim, apoiava o marketing também, inclusive foi na época que teve o nosso último Jupuc, que eu atuei como técnico do time de vôlei masculino e também ajudava nos vídeos igual eu falei anteriormente.

Já em 2023/ 2 eu entro na faculdade novamente e atuo como diretor de marketing e diretor de produtos eu assumi essas duas pastas da atlética como diretor de marketing continuou um trabalho que tinha com a Ana Cecília que foi uma pessoa muito importante para a atlética, ela atuava mais em designer e eu atuava mais na parte de gravação e edição e postagem de vídeos e conteúdos nas redes sociais. Então a gente tinha uma sintonia muito boa, eu e a Ana Cecília, e a gente fez um trabalho muito bom enquanto ela esteve na Atlética. E quando ela saiu eu continuei na diretoria de marketing e na de produtos eu também atuei, mas não como diretor de produtos, mas eu atuava auxiliando o pessoal e ajudando no que fosse preciso. A gente fez várias coleções esportivas e que ficaram muito legais, deram muito certo.

E depois acaba essas duas partes e eu acabo assumindo a gestão como vice-presidente. E a gente sai de uma gestão que durou muito tempo que foi da Vitória Souza e da Ana Bárbara e entra eu e a Andressa, Andressa como presidente e eu como vice-presidente, a gente fez um trabalho muito legal durante um ano e meio, mais ou menos, acredito que como vice-presidente e a Andressa como presidente a gente assumiu uma gestão que era muito boa também e a gente tinha o intuito de continuar esse legado e lançamos coleções ajudamos nas festas se bem que a Matilha nunca teve um foco de ter festas mas a gente teve a gente fez parte de algumas festas, lançamos coleções muito legais que deram muito certo, a gente fez uma direção de marketing também a gente ajudou a direção de marketing para que desse certo também engajar assim, foi uma gestão muito tranquila durante esses anos e meio.

Porque a Andressa também é uma pessoa que fazia muita coisa era muito confortável para mim ter ela como presidente porque ela tinha uma gestão muito boa, sabe? E eu como vice-presidente acabo que eu não tinha muito algo específico para fazer. Eu dava apoio para todas as áreas possíveis e o que eu conseguia. Em 2025/ 2 eu assumo a presidência da Matilha depois de 3

anos mais ou menos apoiando fazendo parte de outras pastas da atlética e eu vejo que como presidente a gente tem outra visão do que a gente está enquanto a gente não é, na verdade porque a gente precisa fazer com que as coisas deem certo porque se não dá certo, a culpa é do presidente porque ele está lá para dar cara a tapa.

Então a gente não está dentro das pastas de produtos, marketing, eventos ou qualquer uma que for, mas a gente precisa fazer com que as coisas deem certo e eu vejo que na PUC em específico a gente não tem tantas pessoas para trabalhar, igual a UFG tem, igual outra atlética tem de outras faculdades federais, por exemplo, que são nossos maiores concorrentes. Concorrentes não, são as nossas maiores ideais diferentes que a gente tem. Porque lá tem muita gente participando, as pessoas são engajadas, as pessoas fazem acontecer, existem eventos de integração, então as pessoas se sentem interessadas em entrar para a atlética. Porque a gente não tem muito esses momentos de integração, a gente tem o básico e com o básico a gente tem que fazer dar certo. E é isso que eu tento fazer enquanto presidente, mas com o apoio de todas as áreas possíveis.

Mas assim eu estou mais ou menos três anos e meio na atlética e eu aprendi muito durante muito tempo porque eu passei por quase todas as pastas, eu passei por produtos por marketing por eventos, eu não fiz parte, mas eu sempre estive ajudando e esportiva também eu fiz parte então assim, eu aprendi muito tanto fazendo parte desses projetos mas com as meninas que eram presidentes Igual a Vitória Souza, a Andressa, a Ana Bárbara Então eu aprendi muito com elas e hoje eu não tenho um desafio tão grande de ser presidente porque eu aprendi muito com elas. Então a maioria das coisas que acontecem eu fiz parte, mas assim eu tenho um papel muito maior porque eu preciso fazer com que as coisas deem certo e assim o foco, acho que o nosso foco hoje é tentar fazer com que a atlética não morra. Acho que sempre tem esse foco na verdade, mas principalmente agora porque as pessoas estão menos interessadas em fazer parte de atléticas de festas ou coisas do tipo e etc, mas a gente tem essa ideia de fazer com que as coisas deem certo que continue e é isso.

C.5 Transcrição Raul Senna

Então, minha relação com a Atlética começou quando eu fui ver os jogos do meu irmão, que ele estudou na UFG, e eu fui no Inter UFG ver os jogos dele. Ele é muito envolvido com esporte, eu e eles são muito envolvidos, né? Aí, eu por ver ele jogando tanto esporte, que era basquete, vôlei, natação, atletismo e tal, eu vi aquilo ali de fora, assim, tendo muita vontade de entrar

prontinho para uma faculdade e jogar pela Atlética, assim, sabe? Minha relação começou assim e eu falei, nossa senhora agora eu tô doido para começar uma faculdade só para jogar, não vou mentir não.

E engraçado que quando eu fui começar a faculdade, eu não pensei muito na atlética em si. Acabou que eu entrei em publicidade, aí sim eu fui ver a atlética a matilha, que assim, desde a primeira vez eu comecei a treinar, comecei a ir para os jogos hoje, estou completando quatro anos de faculdade, jogando todos os campeonatos possíveis no esporte que eu jogo, que é o vôlei principalmente, agora eu comecei no vôlei de areia. e assim me motivou bastante foi a galera também está junto né ter uma comunidade bem forte assim da Matilha.

Eu já me apresentei em alguns eventos da Atlética, principalmente como DJ, porque eu estava muito envolvido nessa área na época. Então, assim, a atlética fazia a festa junto com outras Atléticas parceiras, né? Eu ia lá tocar, até porque quando a gente vai tocar, assim, numa festa e tem muita gente que a gente conhece, muitos amigos, fica até melhor, né? A gente fica mais feliz, a gente dá um gás a mais.

Ixi, eu tive várias experiências incríveis, sabe? Em especial, quando um amigo meu foi tocar numa festa da atlética, que inclusive a Matias estava participando, na organização, ele me chamou pra cantar uma música lá em cima, e eu achei bom que todo mundo tava junto comigo. Quando eu fui, eu estava morrendo de vergonha de eu subir lá no palco e ninguém cantar, né? Rapaz, eu subi, quando eu subi eu vi todo mundo cantando lá em cima, eu achei bom demais, eu saí, veio outro cara cantar junto também para animar o povo e o povo cantando eu não cantei só não, foi logo umas 5 o povo estava querendo, eu falei rapaz, que loucura, acho que o povo tá gostando, né, velho.

Então, eu sou um cara que não gosta de ficar falando demais para a galera, a me posta, aí, me chama para os negócios e tal, mas assim, acabou que eu por participar de vários jogos, de vários campeonatos pela Matilha, eu vi que quando eu comecei a criar muita amizade, muitos laços assim, lá dentro da atlética, a galera começou a me apanhar muito na música, sabe? Me chamava para os eventos e tal, isso é muito importante porque para qualquer artista é muito bom você ter uma base de fãs, assim, não fãs eu falo amigos próximos que gostam do que você faz, sabe e te ajudam, quer te ajudar em tudo a Atlética me ajudou muito em me botando em show, igual eu falei postando stories com minha música isso aí eu achei muito importante, esse apoio sabe, de geral, assim da matilha.

E eu sinto que esse apoio em geral me deu um gás a mais para eu fazer mais música, mais show, assim, não vou mentir não, sabe?

Ah, com certeza, além do esporte, a atlética pode ser um espaço de descoberta, principalmente de amizades, né, que a gente começa a criar muita amizade nova, querendo ou não, que tá no nosso ciclo que eu falo de trabalho, né, que querendo ou não, quando a gente faz faculdade, a gente tá praticamente pensando no mesmo trabalho, não especificamente, mas a gente tem quase o mesmo pensamento, isso é muito interessante, sabe? você, acaba que você arranja muitas amizades e também possivelmente contatos para futuros trabalhos, sabe, eu achei muito interessante.

Matilha, para mim, significa amizade e companheirismo, porque durante muitos campeonatos eu vi que, mesmo nosso time não ganhando quase nenhum jogo, a gente sempre esteve junto, sempre fazendo barulho, até porque a gente está nessa área de comunicação, então a gente gosta muito de gritar, ficar falando muito, e mesmo perdendo tudo, a gente sempre foi muito amigo e sempre se divertiu, sabe? Isso aí é uma coisa muito interessante para mim, sobre a Matilha, então para mim Matilha fez parte da minha história real, real como pessoa e como atleta mesmo.

C.6 Transcrição Cristal Mie

Olá, meu nome é Cristal Mie, eu sou vice-presidente da Atlético Horácio Lene, Engenharia Mackenzie, e gostaria de informar um pouquinho como as atléticas incentivam os alunos e os atletas a participarem.

A minha atlética foi fundada em 1915. Nós temos 110 anos de história. Isso quer dizer que nós já temos um legado muito bem construído. Então, cada chapa, que é como se fosse o time, cada chapa que muda cada ano, tem a responsabilidade de trazer esse espaço para os atletas, para a vida esportiva, já que a parte social e festiva já está muito bem consolidada. Então eu acho que

O ambiente esportivo da minha atlética é um ambiente muito acolhedor. Então, os DMs, que são diretores de modalidades, estão prontos para receber qualquer tipo de aluno, qualquer tipo de atleta, mesmo aquele que tem experiência e aqueles que também não tem experiência. Porque o ciclo do estudante, do universitário, que gostaria de participar de uma modalidade, nem sempre ele tem experiência em tal. Então, você pode aprender desde o zero e dessa maneira se tornar um atleta da seleção, do time principal.

Atualmente a parte de eventos, que seriam sociais, festivo, de festival, já é uma parte muito bem consolidada entre os universitários, festas entre si. Mas já a parte esportiva não tem tanta visibilidade. Então o que a nossa atlética tenta fazer é retomar campeonatos antigos. No caso, a nossa atlética retomou o campeonato chamado Maquipoli, que seria uma 15 contra a Politécnica. E com essa retomada do campeonato, traz muito mais visibilidade para os nossos atletas e não só a parte de festivais.

Porque todos nós sabemos que a vida de um atleta não é fácil. E principalmente em um país em que não tem tanto apoio, tanto financeiro como visibilidade, como também acessibilidade, é muito importante para que, pelo menos nós da Atlética Horácio Lene, conseguimos fazer com que esse atleta tenha pelo menos uma oportunidade. Isso seria facilitando para os treinos, ouvindo as dores dos times, dando mais importância na parte esportiva do que só o festival, só a parte festiva.

A minha atlética foi fundada em 1915. Nós temos 110 anos de história. Isso quer dizer que nós já temos um legado muito bem construído. Então, cada chapa, que é como se fosse o time, cada chapa que muda cada ano, tem a responsabilidade de trazer esse espaço para os atletas, para a vida esportiva, já que a parte social e festiva já está muito bem consolidada.

Então, assim, fazer parte desse momento em que pelo menos nem que seja um atleta consiga aproveitar esse momento de uma vitória, um gol, uma cesta, um ponto e poder sentir isso como um atleta, que é uma sensação em que só quem já passou sabe como é é muito bom poder fazer parte disso. Acho que tudo, em cada mero detalhe que um atleticano pode ajudar para os seus atletas, com certeza vale a pena. Apesar de todas as dores, todas as reclamações, todos os impasses que uma atlética pode ter, esse mero sentimento que um atleta pode ter, com certeza vale a pena.

Então, fazer parte de uma atlética, ainda mais em um cargo mais alto, que seria responsável de uma parte geral, mesmo que seja de apenas um curso, que é da engenharia e química, é bem cansativo e complicado. Existem muitos detalhes, como a parte esportiva, que seria inscrições, técnicos, treinos, materiais para os treinos, jogos, arbitragem e muitos detalhes que é preciso muita atenção e que um deslize um erro que você pode cometer pode interferir na vida de muita gente de um time inteiro que normalmente tem mais do que 10 pessoas então é preciso muita atenção no que você faz tanto a parte também financeira, que são alavancar eventos, a parte comercial que também traz propostas de produtos interessantes e também a parte social, que a gente faz parte de algumas ações sociais, e que valoriza essa parte da atlética. São detalhes

em que você tem que se programar muito bem. E entender exatamente cada detalhe do que você vai fazer. Porque precisa de muitas informações para que tudo dê certo. E como as atléticas são pessoas voluntariadas, que querem fazer parte dessa história, querem fazer parte desse time, nem sempre são pessoas preparadas. E sempre a gente tem que estar ensinando, tendo paciência. E é como se fosse um seu amigo, ele quer te ajudar, e você tem que demonstrar isso para ele, E demonstrar esse mesmo interesse em que você é apaixonado. E entender que mesmo assim que você erra, você tem que pegar essa responsabilidade e aprender com isso pra que não aconteça novamente.

Com certeza, o evento que mais me marcou participando da Atlético no momento foi um campeonato em que a gente reatou desde muito tempo, para você ter noção, nem tem histórico na internet, não tem nenhum lugar informando quando foi o último, que é o campeonato Maquipoli, que seria a Mackenzie contra a Politécnica. é a nossa atlética da Horácio LÊNIN, Engenharia Mackenzie. Junto com a Politécnica, nós nos juntamos e preparamos esse campeonato para 9 de agosto. Essa preparação foi super em cima da hora, nós começamos em abril do mesmo ano. Foi em reunião todas as semanas, todas as semanas, às 8 da noite, estávamos lá conversando, trazendo a parte financeira, trazendo a parte social, foi um campeonato em que a gente não cobrou nada dos atletas financeiramente foi apenas uma doação em relação a cada atleta e essa doação seria de um quilo de alimento não perecível e nós doamos para o clube em que cederam o espaço para que nós conseguimos realizar esse campeonato foi um campeonato super legal com direito a premiação a patrocinador de um energético que foi da Red Bull, foi assim, todo mundo, todo mundo do meu time da Atlético tava assim empenhado pra que tudo desse certo.

Então material pra tatame de lutas material de rede bola poste assim s muitos detalhes em que uma pessoa comum tipo a torcida não presta muita atenção, mas que estão essenciais, não tem como fazer um campeonato, um jogo de vôlei sem a rede, não tem como fazer um jogo de vôlei sem a poste, entendeu? Então, foi um campeonato que, assim, valeu muito a pena. a nossa vitória foi exatamente no último jogo que aconteceu no dia que foi no basquete feminino quando já estava perto do final a gente sentiu, escutou o apito tocar e assim a gente sabia que naquele momento não era só a sensação de ter ganho, mas você faz parte de um como se fosse um coração, sabe cada esporte é um membro em que não tem como você funcionar sem aquela modalidade A gente não tem como uma atlética funcionar sem a parte esportiva, sem os atletas, sem as modalidades. Então, na verdade, foi uma vitória tanto geral para a atlética, como eu tenho certeza de que foi para todos os meus atletas. Tipo, essa rivalidade é uma rivalidade muito

antiga, que é uma 15 contra a pole, né? Então, poder dar esse gostinho, dar esse campeonato para os atletas, sabe? E ainda mais poder ter passado por essa experiência de ter vencido o geral, nossa, com certeza valeu cada dor de cabeça, cada reunião que a gente fez. Foram mais, nossa, foram mais de... foram muitas reuniões que a gente marcou para poder fazer esse campeonato.

Atualmente eu sou vice-presidente da atlética Horácio Lene, engenharia Mackenzie. Desde o início eu fui com a intenção de conhecer muitas pessoas, porque eu sei que pessoas são tudo, é o meio, enfim. O César, que foi o ex-presidente, ele que me colocou na atlética. Eu entrei como assistente, fui... dei o up, né? Para diretora comercial e esse ano eu entrei como vice-presidente.

C.7 Transcrição Lusimar Santos

As atléticas têm um papel fundamental no que diz respeito à integração social, cultural e esportivo. As atléticas têm essa facilidade de transitar de uma forma leve e sutil no desporto universitário. Então, eu penso que o movimento das atléticas é extremamente importante para o desenvolvimento e proliferação da prática esportiva no meio acadêmico. Os jogos, os torneios e os campeonatos universitários realizados entre as instituições de ensino superior, na verdade, ele tem várias vertentes. A vertente esportiva, hoje, no atual cenário, é a vertente visual. As instituições de ensino superior, não só em Goiás, mas no Brasil afora, fazem um grande investimento no que diz respeito do marketing esportivo, tem instituições que têm um aporte financeiro alto para valorizar a sua marca, a sua imagem. Então, acho que o desporto universitário promovido entre as universidades é extremamente importante, não apenas para o esporte universitário, mas para o esporte em geral, até porque os bons atletas que fazem parte dos clubes esportivos estão também inseridos no sistema educacional. A educação hoje é extremamente abrangente.

Hoje o acesso...vejo que a participação e inclusão do movimento das atléticas no cenário esportivo estadual, principalmente aqui em Goiás, é extremamente importante, porque as atléticas oportunizam uma quantidade maior de participantes, até porque o foco não é rendimento, o foco não é apenas a competição, mas o entretenimento. E isso facilita bastante o acesso à integração social e, acima de tudo, a formação de caráter e de um cidadão melhor no meio acadêmico. Então, eu vejo que é extremamente importante a participação do movimento das atléticas no cenário esportivo em Goiás. Vejo que o principal desafio eu acho que o desafio maior é atingir todas as atléticas porque nós temos aqui em Goiás hoje um movimento muito forte das atléticas da Universidade Católica, a Universidade Federal a UEG a UNRV Tem um

volume imenso. Só que tem outras instituições que também têm as suas atléticas. Então, o objetivo talvez é chegar num evento que consiga reunir todas essas atléticas.

Nós temos várias atléticas com potencial esportivo, outras com potencial financeiro. E muitas vezes acontece jogos de atléticas separadas. Exemplo, jogos só da medicina, jogos só do direito. Então, o nosso maior desafio hoje é trazer todo esse corpo estrutural para um único evento. Eu acho que esse é um desejo nosso para poder chegar num mega e um estruturado evento expositivo das Atléticas. Vejo que o aspecto cultural, ele se fortalece sim com esses eventos esportivos, porque nós vamos criando um hábito de sempre realizar esse evento. Vou te dar alguns exemplos. O Inter UFG foi um evento que ficou marcado. Ele criou, ele entra já numa agenda cultural nossa. O Jupuc também é um evento grande que sempre fez parte da característica esportiva e cultural. Então vejo que esses jogos ele cria um ambiente esportivo e cultural dentro da comunidade universitária. Nós da FGDU sempre nos preocupamos com a inclusão, com a diversidade. Eu, pessoalmente, procuro sempre garantir o acesso à participação, independente da modalidade esportiva, independente do gênero, independentemente de cor, de raça, de etnia.

Nós sempre procuramos tratar o desporto universitário com muito respeito até porque somos todos seres humanos todos buscamos o mesmo objetivo que é a nossa prática esportiva saudável, com respeito sempre buscando não apenas a vitória, mas o congraçamento, o respeito e o meio de integração social então nós nos preocupamos bastante com a garantia dos direitos de todos os nossos alunos atletas dentro dos nossos eventos e das nossas competições.

C.8 Transcrição Ana Cecília Ferreira

Eu resolvi entrar na Atlética assim que eu entrei na faculdade. Eu queria conhecer novas pessoas, construir novos relacionamentos de amizade. E foi muito importante para mim, principalmente por isso, porque eu consegui entrar em um ambiente novo que eu não estava acostumada. Então eu conheci novas pessoas, participei de eventos e desenvolvi muito a área profissional, que também era uma das principais metas. Entrar no marketing na matilha, evoluir a questão do design, aprender mais sobre o design esportivo, colocar isso na prática.

E isso foi muito importante para mim. Reestruturar uma identidade que já é sólida, né? Manter essa marca viva. E a estratégia que eu usei, né, assim, no meu período na matilha, que eu comecei como design e depois fui social media e afim, gerenciei ali, a estratégia principal foi

colocar as pessoas que fazem parte da matilha para se envolver. Então, tinha gente que não sabia muito sobre a atlética, que não fazia tanta questão assim, qual foi a intenção? Bora chamar esse pessoal aí para participar dos vídeos, porque aí elas vão saber, elas vão procurar entender um pouco mais sobre a atlética. O que é isso que eu tô participando aqui? E eu queria pegar essas pessoas que não tinham sido alcançadas pra se envolverem e pra conhecerem né. Mas claro que sempre o público-alvo, pessoas que você vê ali que já gosta disso que já gosta de estar nesse meio, que gostam de esporte ou que gostam de estar em festas, em eventos. Então, eu fui atrás dessas pessoas e coloquei ali para participar mesmo.

A diretoria esportiva, eu fazia sempre questão de nossa, bora gravar um vídeo, bora participar de uma trend, vamos fazer alguma coisa, porque o principal objetivo da atlética era ter essa unidade. Isso que fazia tudo funcionar. Se o marketing não estava unido, as coisas não iam pra frente. Se a nossa gestão não estava unida, as coisas não iam pra frente. Então sempre tinha um atrito ou outro, porque às vezes uma pessoa discorda da outra e não consegue expor isso. Então, quando a gente agrupa, quando a gente tem um marketing unido, a gente tem um grupo unido, as coisas fluem. Então, assim, sempre fazer questão das pessoas. Acho que foi a principal estratégia, mostrar as pessoas, fazer as pessoas se sentirem pertencentes.

Então, nos aniversários da Matilha, o que a gente fazia? A gente fazia uma estratégia completamente emocional, um vínculo completamente emocional ali, contando a história.

A gente resgatava vídeos antigos de pessoas que já participaram, porque a gente queria que mantesse vivo, não só para a gente que já estava participando, mas a memória dos que já tinham participado anteriormente então a gente tinha esse contato muito próximo com o pessoal antigo com os nossos lobinhos antigos. E o momento que me marcou muito ali dentro da Matilha foi realmente um dos aniversários que a gente fez ali um movimento ali no campus, né? Colocou fotos e todo mundo pôde participar, as pessoas foram de verde. E eu vejo que isso continua vivo e é muito importante porque a gente sai de todo o ambiente digital ali e mostra os nossos momentos, mostra tudo. E eu acho, sim, que o marketing ajudou e ajuda muito o engajamento dos alunos, porque as pessoas começam a se tornar envolvidas. Nossa, eu quero participar disso. Nossa, eu quero aparecer aqui. As pessoas gostam muito de estarem presentes. Então, foi muito importante para construir um relacionamento com esses alunos, para chamar mais alunos. E uma ação que eu mais orgulho de ter feito foi a cobertura do JUGS porque ali a gente conseguiu captar muita coisa, gravar muito vídeo, fazer muitas fotos e ter muito arquivo, muito arquivo

mesmo pra atlética, sabe? Cobrir ali momentos tão especiais da nossa torcida foi muito, muito, muito importante acho que foi onde as pessoas mais se engajavam ali.

Queria ter a fotinha delas também. Foi muito legal, eu gostei muito. Achei que ficou tudo muito bom. E eu vou levar tudo isso que eu aprendi na diretoria da Matilha os aprendizados o design né pra vida porque marcou muito a minha vida literalmente em todas as áreas, conheci pessoas incríveis, foram conexões transformadoras e simplesmente redefiniu a minha visão sensível de arte, né? Porque é muito mais do que só esporte, né? A gente envolve muito sentimento. Então, me impactou de uma forma de enxergar o design como algo transformador. E na minha gestão, no marketing, um dos maiores desafios que eu enfrentei foi na questão de planejar. Porque às vezes a gente tem muitas coisas assim que são fora do contexto, sabe? O calendário da atlética é muito variável. Então eu vejo que a gente teve uma dificuldade ali, às vezes, em questão de data, de deixar uma coisa ou outra passar sem querer. Mas, no mais, eu acho que foi um período muito bom. E hoje a Matilha representa pra mim uma família. Foi muito lindo, sim, tudo que eu vivi. E recomendo todo estudante a participar. Porque a gente faz conexões maravilhosas. E, principalmente, a gente desenvolve muito o nosso profissional. É muito legal mesmo estar junto e somar, né? A gente sente que tá fazendo alguma coisa, pertencendo a um lugar. E a matilha significa muito pra mim, com certeza eu vou levar assim pra minha vida.

C.9 Transcrição Júlia Potenciano

Eu acredito que a atlética tem um papel muito importante em dar visibilidade para esses esportes que não têm muito espaço, se comparado a esportes mais disputados, mais tradicionais. Eu acho que isso é uma ótima oportunidade de ampliar novas oportunidades e valorizar esportes menos tradicionais, como o beach tennis. Eu acho que investir nessas modalidades ajuda muito a criar conexões, novas oportunidades para atletas, igual nós tivemos com o JUBS e o Beach Tennis. E eu acho que ajuda muito a ampliar, digamos, o catálogo de esportes que os atletas podem competir. Então isso acaba dando mais chances para outros atletas e dando mais visibilidade também para estes que gostam de outros esportes.

Eu acredito muito que a experiência em Maceió ajudou a fortalecer a imagem da atlética dentro e fora da faculdade. Até hoje eu conheço pessoas que foram para Maceió com a gente, que a gente não conhecia aqui em Goiânia e chegou a conhecer em Maceió. E às vezes eu encontro com essas pessoas em outros campeonatos universitários. e é muito bom essa sensação, sabe, de fazer novas amizades, conhecer novas pessoas e você tá ali, a sua imagem com aquela pessoa

é tipo, nossa, ela viajou e foi jogar e tipo, igual a mim, sabe, então é uma conexão, querendo ou não, com essas pessoas e pra fora da faculdade também inclui amigos, né, que assim, vê a gente postando e, nossa, um monte de gente achou o máximo eu viajar para jogar até hoje. vezes eu comento assim ou me perguntam e eu amo falar sobre isso porque eu me sinto assim uma atleta profissional e tenho muito orgulho de falar sobre isso e as pessoas também acham isso muito incrível, porque de verdade é muito incrível você viajar pra poder jogar e representar a sua atlética, porque é a sua família, sabe? Você tá ali representando não só eu, a Lali, o Lorenzo e o Rogério mas apresentando todo mundo da Matilha que ficou em Goiânia e ficou torcendo pela gente na faculdade também nem se fala eu gosto de brincar com a Ana Laura que a gente deixou um legado porque foi um marco muito grande na história da Matilha essa conquista da gente poder viajar e jogar em nome da Atlética e eu tenho certeza que isso vai ficar muito marcado dentro da Atlética e dentro da faculdade também, porque isso acaba que vai ser repassado de um para o outro e nunca será esquecido.

Matilha, para mim, representa união e família. Todos lá são muito unidos, te dão um suporte incrível para tudo que você precisa. Nas competições, parece que está todo mundo ali competindo dentro da quadra, dentro do campo, parece que está todo mundo ali dentro, junto com os jogadores, e não só na torcida, porque são todos torcendo por todos. e não deixou ninguém na mão. Então, a Matilha é muito importante para mim. Foi e é ainda hoje um marco muito importante na minha história universitária e na minha vida no todo, porque aprendi muita coisa, tanto com a atlética em si, quanto com pessoas que estão dentro da atlética. e acho que todo mundo devia experimentar pelo menos uma vez fazer parte da sua atlética de poder viver essas experiência porque você acaba se encontrando ali na faculdade mesmo que não sejam pessoas que você vai ver todos os dias na sala de aula, porque é muita gente dentro da atlética, mas acaba que é uma coisa incomum, sabe? quando você encontra no pátio, você encontra no campus, você conhece aquela pessoa e é como se vocês fossem amigos mesmo, porque vocês estão fazendo parte de uma coisa maior. Então, a matilha é muito importante para mim, eu só tenho a agradecer muito, me ajudou muito tanto no pessoal também, em questões de comunicação, ser social, fazer novas amizades e tanto no como eu falo? no meu profissional esportivo como atleta aprendi muito com cada um também e é isso.

C.10 Transcrição entrevista Regiany Rodrigues

Fala meus filhos, vocês estão bom? Eu sou a Regiany namorada da Andressa, a ex-primeira-dama da Matilha. Eu queria aproveitar esse momento para falar um pouco sobre a importância da Atlética para a gente. Ela não foi só uma organização ou um grupo, mas fez parte da nossa história, trouxe experiências, aprendizados e também muitas memórias boas. Para a Andressinha, a Atlética sempre teve um peso ainda maior. Ela se dedicou de verdade, colocou energia, carinho, liderança em tudo que fez. Eu vi de perto o quanto isso foi importante para ela crescer, se desafiar e também conquistar respeito e admiração. E claro que não dá para esquecer das brincadeiras no meio disso tudo. Uma que marcou foi quando, por ela ser presidente, um amigo acabou me chamando de primeira-dama. Foi uma piada que pegou e acabou virando parte da nossa história também. Mostrando como a Atlética juntava não só trabalho, mas também momentos leves e divertidos. Eu e a Andressa a gente se conheceu em um evento universitário. A próxima vez que a gente se viu foi também num evento universitário, num jogo universitário. Então, por fim, fica claro como a Atlética foi especial tanto para a Andressinha quanto para a gente juntas, ela deixou lembranças, amizades e situações que a gente vai carregar para sempre te amo, Andressinha.

C.11 Transcrição Mateus Werner

Bom, meu nome é Matheus Werner Oliveira Cunha, tenho atualmente 22 anos, estou formando em jornalismo. Bom, desde que eu entrei na faculdade, eu sempre tive interesse para as organizações atléticas, muito pelo esporte, por eu jogar sempre durante a minha época de escola, minha partida escolar e também por times. Então eu via no meu universitário, através das atléticas, oportunidades para continuar fazendo aquilo que eu já fazia, logicamente, além de estudar o curso no qual eu escolhi. Então, dentro da tagarela da matilha, eu estive presente tanto na gestão quanto atleta em inúmeros jogos, em modalidades diferentes entre elas. E eu percebo a diferença muito pela cultura das mesmas. A Tagarela possui da Universidade Federal, então as pessoas têm uma fé, eu acho, maior, se dedicam um pouco mais por aquilo fazer parte do seu dia. Às vezes o curso é integral, então você está sempre presente, sempre tudo muito junto. E pelo fato também das federais terem, pelo menos em Goiânia, uma audiência maior voltada às festas universitárias, uma cultura maior, uma história maior. Então acaba que isso une mais. dentro da Matilha eu acho que é muito esse afeto de escolha sabe, porque a Matilha é uma Atlética que tem até um pouco de, acho que se não me engano são 12 anos, a Matilha é 15 enfim, ou são bem próximos ali do tempo de criação mas eu percebo que na Matilha é uma

coisa mais interna mesmo assim que já foi grande, mas aí com a caída do Interpuc das festas da PUC que a Matilha ficou ali no meio, junto, mas eu acho que não deixa de ser uma coisa grandiosa, e não deixa de ser tão grande quanto.

O vôlei sim sempre esteve presente na minha vida, como eu mencionei, e através das atléticas eu tive mais oportunidade de jogar campeonatos, né? Tanto de areia quanto de quadra. Eu sempre joguei muito vôlei de quadra desde criança, desde os times de base, nos times de escola, jogando na rua com amigos, enfim. E dentro da Atlética eu tive esse espaço que eu procurei, que eu sabia que existia e competi muito também no vôlei de areia, né? Com a pandemia, na verdade, eu entrei na faculdade pós-pandemia 2022 Então durante a pandemia eu desenvolvi muito esse gosto pelo vôlei de areia de jogar mesmo, dupla, tudo muito na regra, como o esporte condiz e dentro da Atlética eu disputei inúmeros campeonatos cheguei a jogar um brasileiro, fui quarto lugar Brasil Então foi uma porta muito grande obrigado.

A atlética teve muita importância, não só nesse lado do esporte. Como atleta, lógico que ele me desenvolveu muito, principalmente perfil de liderança, de autoconfiança, de cobrança, porque quando eu iniciei a faculdade, eu deixei muito de lado. Logicamente, para priorizar os meus estudos, deixei de lado algumas coisas. Deixei de jogar por times, então joguei sempre pela atlética. e contribuiu muito para essa continuação, dessa formação, desse molde de caráter, não só de atleta, mas de universitário, como estudante, que foi muito importante porque é o nosso, eu falo que é a nossa melhor parte da faculdade, porque é onde a gente se encontra, onde a gente integra, conhece pessoas, conhece histórias, pessoas que estão ali, colegas de curso que estão vivendo a mesma fase que você e que se unam no mesmo propósito, que é o amor pela atlética em si.

Ter representado a Matilha e um brasileiro e ter ficado em quarto lugar, ou seja, entre as quatro melhores duplas do Brasil universitário, foi surreal. Estava jogando ao lado de um grande amigo meu que eu encontrei na faculdade. Então, foi uma viagem muito marcante, aconteceram várias coisas lá que me marcaram muito. não só positivas, mas também algumas coisas negativas, mas eu foco muito nessa ideia de ter representado algo que eu sempre acreditei, que foi o esporte, a minha formação de caráter, a minha formação de vida, e, no caso, ter representado a Matilha, que é o meu amor, assim, né, o lobão que a gente fala, ter levado isso para fora de Goiás, fora de Goiânia, nosso estado, foi uma experiência única, e eu ter voltado com um grande resultado, né. Eu acho que foi uma das melhores experiências da minha vida, com certeza.

Sim, pelo fato de estar na gestão da Atlética, e como diretor esportivo, tanto na Tagarela quanto na Matilha, só que nesse caso da questão do JUBS, do brasileiro, eu estava na gestão vigente na época relacionada ao esportivo, eu sempre apoiei, busquei os melhores recursos, os melhores amistosos, os melhores investimentos. Tentei organizar sempre uma melhor comunicação para os nossos calouros, quando chegavam, para os nossos atletas, para os nossos estudantes, para que eles entendessem o quanto isso é fenomenal, o quanto participar de uma atlética jogar é muito bacana e o quanto isso pode te ajudar externamente, em todas as áreas da sua vida. Então sim, foi muito importante esse apoio da presidente atual na época de toda a gestão que me incentivaram lógico que a gente correu atrás de alguns patrocínios que a gente conseguiu também então sim, acredito que fez total diferença e foi sim essencial.

Com certeza, eu acho que trouxe diferentes aprendizados. A minha passagem na Tagarela foi curta, né? Foi cerca de seis meses, eu entrei no início do ano e não cheguei nem a rodar o Inter, né? Que é o grande campeonato, por conta que colidia com a data do brasileiro. Então, eu tive que escolher, né? E quando eu escolhi ir para o brasileiro, eu entendi que eu precisava também sair da gestão, porque eu era tanto da gestão da Tagarela quando estava iniciando ali na gestão da Matilha. E foram diferentes aprendizados, né? São pessoas diferentes, entidades diferentes, que representam, assim, os mesmos cursos, né? A área de comunicação. Na verdade, a Tagarela tem três cursos a mais, mas, enfim, é nesse sentido. E trouxe diferentes aprendizados, como eu falei. São moldes diferentes, são instituições diferentes, entidades diferentes. A PUC, a Atlética, ela é um pouco mais interna, ela realmente mais dentro da faculdade uma coisa mais voltada a quem realmente participa até pelo que a matilha e pelo que a PUC proporciona. Agora a UFG a Federal ela te dá mais amplitude como eu mencionei, questão de festas, CA,, baterias, que a gente não tem tanto isso na PUC, nas atléticas da PUC. Então, foram experiências diferentes. É curioso porque em ambas as gestões eu estive abaixo, estava sendo direcionado por mulheres, gestões e isso foi muito importante acho que a liderança feminina eu admiro muito ambas que estiveram presentes as duas presidentes da época então a Tagarela me ensinou muito sobre amor, sobre família sobre ter um grupo ali no WhatsApp onde você pode desabafar e falar tudo tudo, tudo ao mesmo tempo as pessoas sempre conversavam, faziam rolê juntos faziam questão de te integrar de te trazer pra dentro, sabe então é literalmente uma família. A matilha é essa questão mais de lutar por algo, sabe? De vestir a camisa, acho que é muito disso. Porque é uma coisa que não tem tanta força, tanto dentro da faculdade como de entidade. Mas o seu amor por aquilo te faz querer que aquilo cresça, sabe? Nesse sentido.

Eu sempre tive o espírito de liderança e de comunicação na minha vida, desde criança. Sempre gostei muito de tomar a frente das coisas, sempre gostei muito de falar, de conversar, de estar bem inteirado, de todo mundo estar falando a mesma língua, sabe? Curioso, enfim. Mas eu vejo que é o meu perfil hoje, um pouco mais velho, analisando. E a experiência de atleta universitário contribuiu muito. então me dá uma certa confiança, sabe? Dentro do meu aspecto profissional de eu buscar sempre a melhora uma qualificação melhor com os treinos quando você fala de esporte é nesse sentido e dentro do trabalho também a gente traz muito disso dessa unidade, dessa vivência da pressão que você passa ali dentro do jogo então você consegue transferir isso para outras áreas da sua vida seja ela na sua vida pessoal, com sentimento saúde mental, quanto na área profissional, desde o trabalho até a criação talvez de um portfólio de uma bagagem, enfim.

C.12 Transcrição entrevista Vitória Souza

A minha entrada na faculdade foi um pouco diferente do comum, já que foi dentro da pandemia, já em 2021. Fazia um ano da Covid, do isolamento, da quarentena e tudo, mas ainda não sabia ao certo se ia voltar já, porque já fazia muito tempo, ou se ia ser semipresencial, online. Acabou sendo online até basicamente final do ano. A minha aproximação com a atlética veio desde o início, desde antes da minha matrícula na faculdade, já que eu pesquisei bastante eu pesquisei muito sobre o meu curso muito sobre a minha faculdade e muito sobre a minha atlética. Então antes mesmo de eu estar na faculdade eu já sabia da minha atlética E aí eu pensei, eu vou entrar porque eu sempre gostei muito de participar das coisas desde pequena e aí eu falei eu vou participar de algum departamento Tranquilo, né e aí eu me voluntariei para ser o departamento de calouros e acabei já assim que me voluntariei passou uma semana, eu era presidente.

Fazer a faculdade, uma parte dela, né, no online, olhando agora pra trás, foi muito positivo. Eu achei que seria completamente negativo que eu ia odiar, mas querendo ou não, né, eu já tava meio acostumada, que eu fiz meu terceiro ano do ensino médio inteiro, basicamente, online, né, então eu já tava um pouco mais acostumada. Foi muito bom, eu até rendi bastante, eu estudei bastante, aprendi bastante. Óbvio que as aulas práticas não era a mesma coisa, tanto que eu entrei na faculdade pensando, ah, eu vou ter que querer tanto TV, tanto rádio, E aí quando eu fiz remotamente esses cursos, eu odiei esses cursos, né? Quando eu fiz remotamente essas matérias, eu odiei eu falei, eu nunca vou mexer e nem trabalhar com rádio e televisão, mas quando a gente vai pra prática, né? Pro presencial, de fato, é totalmente diferente

Quando a gente pega para a questão da atlética mesmo, no online, é totalmente diferente do presencial, porque a demanda muda completamente, né? No presencial, a demanda é muito maior, você precisa se desdobrar em mil para tentar fazer o melhor para todo mundo ainda, né? E é todo mundo te cobrando presencial ainda, porque no online, a cobrança é menor, as demandas são menores e não tem muito o que você fazer, né? O máximo que dá para fazer é um marketing, é um vídeo, é tentar reaproximar as pessoas de forma remota de alguma maneira e no presencial não no presencial você precisa de eventos esportivos no presencial você precisa de festas no presencial você precisa de uma recepção você precisa estar ali conversando com as pessoas diariamente ou se não, o contato de uma atlética a atlética é uma grande família ali dentro da faculdade ela não faz sentido se você não estiver dentro dela de fato.

Assumir a Atlética na pandemia é um grande desafio, né? Porque você realmente não sabe direito o que fazer, ainda mais eu que peguei, de fato, no meu primeiro período de faculdade. Então, você ficava, o que eu faço? Aí você pedia conselho, né, para as conselheiras, que eram as ex-presidentes da atlética, que é algo que a gente faz sempre que muda de gestão. O ex-presidente, o ex-vice, ele fica ali como conselheiro para auxiliar, para ajudar. Mas elas também não sabiam direito o que me auxiliar, o que fazer. Porque elas também estavam vivendo pela primeira vez uma quarentena pela primeira vez a atlética de forma remota. Então eu acho que eu senti esse déficit, eu senti a falta da ajuda, a falta de conselho. Foi muito difícil, mas eu tive amigos incríveis que toparam essa ideia E eu falei, ó, vocês vão comigo porque eu caí de paraquedas, né, na presidência eu falei assim, ó, se eu for, vocês vão comigo vocês vão me ajudar e me apoiar sempre e foram isso que eles fizeram até o final da minha gestão mesmo.

Eu peguei a matilha num momento muito fragilizado, né? Porque teve a pandemia e também ela tinha muitas dívidas, tanto que a presidência passou para mim, porque o ex-presidente, que durou, assim, uma semana, ele desistiu por conta das dívidas, né? Por conta que precisava pagar muita gente. A gente não tinha dinheiro nenhum no caixa. Então, eu peguei a matilha com o caixa zerado, com dívidas a pagar, com pessoas cobrando produtos que não tinham chegado em decorrência à pandemia. E assim, completamente caótica e igual disse, ninguém estava ali para me aconselhar de fato eram conselhos muito rasos que assim, na prática não adiantava muita coisa, eu fui aprendendo tudo na marra mesmo quebrando a cara, errando bastante, mas acho que qualquer pessoa que pega o cargo de presidência vai errar em algum momento, isso é completamente comum e aí várias pessoas que estão em volta acolherem o presidente, o vice ou qualquer pessoa da gestão, porque não é fácil, não é uma tarefa fácil ser alguém da gestão da matilha, ser alguém de uma gestão de uma atlética, porque são muitas pessoas para você

organizar e tentar fazer o bem para todo mundo, você não vai agradar todo mundo. Você em algum momento vai errar e em algum momento você vai faltar com alguma coisa porque você está se doando na outra parte também. Porque, querendo ou não, você está na atlética, você está, você tem uma responsabilidade, você tem. Porém, você também tem outras, você também tem seu estágio, você também tem a sua faculdade, a terminar, de fato, seus estudos. Muita gente trabalha também. Você tem família, você tem casa, você tem amigos, suas saídas para administrar também. E você também, mesmo você estando na gestão, você também quer viver a vida universitária, né? Você também quer viver aquelas festas, aqueles jogos. E assim, quando você está dentro da gestão, é muito difícil você realmente aproveitar. Porque tem muito estresse antes da diversão.

Ali na pandemia, no período de 2021, a gente foi meio que empurrando com a barriga mesmo, assim. A gente foi tentando fazer o que era possível. Então, era mais o marketing, que a gente trabalhou bastante, fez bastante vídeo, a gente incentivou a vacinação também, porque, querendo ou não, a atlética e as postagens, elas se tornam também um meio político ali. Não político de você estender um lado, mas sim político de você abraçar bandeiras. E a Matilha, ela sempre abraçou muitas bandeiras, né? Então a gente sempre se posiciona nessas situações. Então a gente fez campanha de vacinação a gente falava pontos de vacinação, que era importante se prevenir porque querendo ou não a gente queria que voltasse o mais rápido possível a presencial e quando foi em 2022 que realmente as aulas voltaram, se eu não me engano em março. A gente já se organizou um pouco antes eu sendo basicamente uma caloura no mundo presencial, estando no meu terceiro período, Mas vivendo uma vida de caloura, porque era a primeira vez que eu estava vivendo a faculdade também a gente teve reuniões antes, a gente juntou todas as atléticas da PUC a gente fez uma reunião vamos organizar uma colorada pros calouros e eu era caloura e eu era presidente, e eu estava meio que tipo, meu Deus, como faz isso? O Diego, que é o meu vice, meu amigo, ele me ajudou muito, tanto que eu falei assim, ó, Diego, neste, na primeira colorada, eu queria muito viver a calourada, eu queria muito ser uma colorada, de fato, e aí ele falou, não, fica tranquila, nesse primeiro momento eu cuido e você vai curtir sua vida universitária. Tanto que eu recusei cortesia, porque eu falei assim, eu vou pagar, eu quero viver essa vida universitária sem preocupações nesse primeiro momento, porque eu sei que depois vai vir um grande desafio, vão vir vários desafios, né? Então..., Mas eu fui pegando o jeito também, porque como era tudo muito novo, eu fui pegando de pouquinho em pouquinho. Então eu ia em bastante reuniões, todas online, a gente conversava bastante nos grupos, e a gente ia trocando uma ideia, entendendo. tinha um pessoal

nas gestões antigas das outras atléticas que também foram auxiliando e sem eles acho que realmente a primeira calourada não seria possível porque estava todo mundo meio que perdido ainda.

A prioridade da minha gestão, assim, foi realmente tornar o que a Matilha era para mim na minha cabeça. Então, eu queria que as pessoas participassem, eu queria que as pessoas interagissem, eu queria que a Matilha fosse reconhecida de alguma forma. Porque por mais que os ex-alunos falem que a Matilha sempre foi uma atlética de renome, que todo mundo falava da Matilha, eu não acredito muito nesse discurso, porque eu recebi muitos feedbacks positivos, depois. A gente sempre que tinha qualquer coisinha podia ser até negativo tipo, aí, não acredito que a matilha vai em tal lugar aí, que não sei o que, mas as pessoas falavam da Matilha, a gente era lembrada, a gente era convidada para tudo, a gente foi basicamente convidado para todas as festas que teve no início da pandemia, a gente estava em todas as festas. Eu brinco que em uma reunião uma pessoa de uma gestão de outra atlética chegou em mim e falou assim, “Mas a matilha tá em tudo, ela tá em todas as festas o caixa de vocês deve estar gigante.” E assim, o nosso caixa, eu sempre fui meia mão de vaca, na minha vida mesmo, então o caixa financeiro, ele ficava totalmente na minha mão, até porque como eu vou confiar dinheiro de outras pessoas, porque não é o meu dinheiro, é o dinheiro de outras pessoas, na mão de uma pessoa que eu nem conheço, já que eu estava no início da faculdade, eu falei, não, vamos deixar o dinheiro comigo, e eu vou passando o que eu acho que é necessário. Então, a nossa prioridade primeiro foi estabelecer uma família, estabelecer uma comunidade mesmo, dos alunos nossos de publicidade e jornalismo, realmente se conhecerem, se entenderem, então a gente fazia muita reunião no bar, a gente criou um grupo, e todo mundo ia pro bar depois da faculdade, enfim não pra conversar pra dialogar eu lembro que no primeiro dia o bar assim ficou bem lotado lotado de pessoas da Matilha porque a gente queria criar primeiro uma comunidade, depois foram outras coisas. Então, depois foi, nossa, tem a existência do Jupuc. Vamos criar uniforme e tentar fazer jogos. Porque, querendo ou não, os jogos, o esporte, o esportivo, ele é muito importante numa Atlética, até porque é a base de uma Atlética, né? E gera interação e gera assunto para que a comunidade, a comunidade, ela se una cada vez mais, né? Então, a gente começou no esportivo. E aí, o primeiro JUPUC, que, assim, de todo mundo, foi muito legal. Acho que foi a melhor coisa da faculdade, assim, pra mim. Foi superdivertida. A gente passava vergonha, passava, mas foi incrível. E depois a gente começou a tipo, ok, quais são as coisas que estão em déficit, né? A gente conseguiu pagar nossas contas. O nosso caixa agora está verde, está positivo. Vamos ver o que dá pra gente começar a orçar. A gente começou a orçar roupas

casuais. Só que, porque as pessoas pediam muito looks e roupas só que, muitas vezes as pessoas pedem só que elas não comprem e a gente poderia ficar no vermelho aí eu conversei, assim, a gente só falou gente, vale a pena? Todo mundo falou, acho que não vale aí a gente deu uma segurada e começou a investir em outras, coisas então a gente começou a investir em banner que a gente precisava em eventos a gente começou a investir em outras coisas que eram importantes principalmente, querendo ou não, em eventos principalmente em festas porque a festa, ela traz um retorno muito bom para a gente, mas a gente investiu também em caneca, produtos, assim, o inicial de produto para a gente foram as canecas e a blusa do JUPUC. Para todo mundo tá uniformizado e está com essa caneca para as festas, assim pra, querendo ou não, gerar um marketing positivo para a gente nas redes sociais.

A nossa estratégia como gestão, porque eu não gosto nem de falar que a ideia foi minha, acho que foi uma gestão muito unida, obviamente a gente teve nossos desafios particulares entre a gente, só que assim, a minha base era muito bem estabelecida, então a gente conversou e falou, ó, vamos ver o que dá para a gente priorizar e ver o que vai realmente gerar resultado. Então, no início, a gente tinha muita festa. A gente estava em muitas festas. Nosso nome sempre estava nos banners, assim. Sempre estava nas postagens. Até porque, né, as atléticas procuram muito a Matilha por conta do marketing, né? Por conta da comunicação. Então, a gente sempre recebia convite mesmo. E depois, acho que foi uma coisa muito interna de realmente participar, de realmente ser aquela atlética. Tipo assim, gente, eles perdem em todos os jogos. Mas eles são tão legais, eles são tão animados. A gente está perdendo, mas a gente está comemorando de estar jogando. A gente está comemorando de estar junto então acho que o mais importante para a gente foi realmente estabelecer essa comunidade de alunos e os alunos estarem juntos entre si, sabe?

Amiga, como foi organizar os primeiros eventos presenciais da Matilha, eu citei lá em cima que foi a primeira acalorada, né? Que as primeiras reuniões foram presenciais, mas eu deixei o vice comandar, porque eu queria muito viver a era da faculdade. E depois a gente foi errando e acertando várias vezes, né? A cada evento a gente aprendia cada vez mais, a gente aprendia o que deu errado, o que deu certo, o que compensava. e a gente foi formando uma relação também com outras atléticas, o que foi muito importante para a gente em questão de evento.

E uma coisa que na minha gestão, assim, e eu quis passar para a frente é, não é para baixar a cabeça para nenhuma atlética. As outras atléticas, elas podem ser maiores, elas podem ter mais dinheiro, mais alunos, mas se você não concorda com o posicionamento, você tem que falar o

seu posicionamento, porque não adianta na hora do vamos ver dar alguma coisa errada, e você só ter concordado e falado, é, eu sabia que estava dando errado, mas eu preferi concordar. Não, eu acho que você tem que dar a sua opinião e isso gerou muito atrito com outras atléticas também com outras pessoas que já eram mais antigas e que também não estavam acostumadas com pessoas impondo opinião mesmo, assim então, tipo, quando tinha alguma coisa errada a matilha sempre se posicionou a gente nunca deixou escapar nada nunca deixou, aí, vamos deixar e empurrar com a barriga não, a gente tinha um posicionamento claro e nítido e acho que foi muito positivo até para selecionar quem realmente quais atléticas e quais pessoas iam estar do nosso lado para essa jornada mesmo da faculdade.

Para mim, o evento mais importante e mais legal sempre foi e sempre vai ser o Jupuc. O Jupuc teve a edição 2022 que eu participei e a 2023. 2024 teve alguns empecilhos em questão da direção da faculdade, mas foi muito importante estar ali e era muito divertido, porque eu acho que traz um mar que a gente perde, né? A gente vai crescendo e a gente perde um pouco da criança interior que está dentro da gente. E eu acho que os jogos internos da universidade trazem a gente lá pra criança interior da gente que estava nos jogos internos do colégio então gera competição gera a brincadeira gera piada, gera assunto gera união, e eu acho que isso é o mais importante. A união, a Matilha ela nunca vai para um jogo pensando, nossa a gente vai ganhar, vamos quebrar todo mundo, porque a gente precisa ganhar, não! A gente vai com o pensamento de a gente não é o melhor, a gente tem certeza disso, mas a gente tem certeza também que a gente é unida, que a gente é animada que a gente vai rir no final, que se alguém fizer um gol, a gente pode estar perdendo de 18 a 1, aquele um gol vai ser comemorado mais que tudo e vai ser lembrado para sempre.

E eu acho que o Jupuc traz uma coisa que para mim é importante na minha vida, que é ajudar o outro, pensar no outro. Então, no Jupuc a gente fazia a inscrição e também tinha que doar o alimento, cada aluno inscrito. Então você também ajudava o outro de uma forma indireta. E na hora do jogo você percebia que você também estava ajudando as pessoas em volta de você. Então você via um colega seu de faculdade que você não conversava há mil anos ou que nunca conversou. Se ele se machucava, você ia correndo falando “Ó, aqui tem band-aid, tem esparadrapo quer ajuda? te levo para a fisioterapia ou, por exemplo, nossa, você está com sede? Eu trouxe água, pode pegar” a gente estava ajudando uns aos outros isso é muito importante porque ali pode criar uma amizade ou não ali pode criar afeto de alguma maneira uma reciprocidade também eu acho que é isso, a gente cria uma união e a gente se solidariza com o outro, a gente tem empatia pelo outro eu acho que isso é o mais importante do Jupuc.

Mas eu como uma boa universitária jovem e que gosta de uma festinha, eu também não posso falar das Ninguém Mandou Juntar, assim. A Ninguém Mandou Juntar é um evento da Matilha que vem de muitos anos e que a gente tem um carinho muito grande. A gente começou a fazer temática e foi muito legal o engajamento. As pessoas já sabiam que todo semestre ia ter uma Ninguém Mandou Juntar e todo mundo ia. Todo mundo, não, você vai na Ninguém Mandou Juntar e eu acho que você tem que ir. E era muito legal porque, querendo ou não, quando a gente tá um pouquinho alterado, as coisas são mais engraçadas, assim, de alguma maneira. Então, chegava na segunda, todo mundo tinha fofoca do outro aí, você viu que fulano pegou tal pessoa? Você viu que fulano fez tal coisa? E era muito legal, mas a minha choppada, assim, né? A minha festa favorita, com certeza, foi a calourada para os próprios alunos da Matilha. A primeira que a gente teve foi muito especial para mim, porque foi só alunos de jornalismo e publicidade e propaganda da PUC e estava todo mundo tão unido, tão feliz e tinha piscina, e tinha jogo, e tinha música por mais que não estivesse cheio eu acho que isso nem era o principal para mim ali eu acho que era o momento de viver todo mundo junto a gente tinha futebol de sabão estava todo mundo querendo viver aquele momento de alguma maneira.

O meu maior aprendizado como presidente, ele pode parecer até um pouco estranho, né? Porque é aprender que as pessoas às vezes não vão gostar de você. Porque eu vim de um lugar, assim, no meu colégio, eu estudei no mesmo colégio por 12 anos. Então eu conhecia todo mundo, já tinha contato com todo mundo, todo mundo que estudava comigo estudava basicamente a vida inteira. Então ali eu estava num lugar de muito conforto. Ali todo mundo gostava de mim, eu era amiga de todo mundo, todo mundo da escola me conhecia, todo mundo da minha sala era amigo meu de alguma maneira. E aí quando eu chego na faculdade eu entendo que as pessoas talvez não vão gostar de você e isso foi muito estranho pra mim eu fui ficando um pouco desesperada, tive alguns surtinhos assim ainda mais quando você tá num cargo de liderança, porque aí você tem que entender que tem pessoas que não vão concordar com você sempre e às vezes a pessoa também não vai enxergar o que você tá fazendo, você pode estar fazendo as melhores coisas do mundo aquela pessoa só vai enxergar o que ela quer então às vezes você tá preocupada muito com aí tá todo mundo pedindo produto, vou fazer produto só que aquela pessoa ela quer festa e aí ela vai reclamar, falando, nossa, você nunca faz festa então é entender que também você não vai agradar todo mundo. E tá tudo bem, você não precisa agradar todo mundo, você tem que fazer o seu melhor, e eu sei que eu sempre, sempre, sempre dei o meu melhor sempre tento engajar a galera, fazer as coisas e se a pessoa não estivesse satisfeita, e se ela não fosse eu sinto muito, ela estaria perdendo um dos momentos mais incríveis da faculdade,

que é estar dentro de uma atlética eu falo que a atlética é um crescimento pra qualquer pessoa, você sendo presidente vice, diretor geral, qualquer pessoa da gestão ou só como participante ali de aluno mesmo é incrível, eu acho que é um sentimento de família mesmo.

O conselho que eu dou para todo mundo que vai entrar numa atlética, numa gestão de atlética, é sempre o mesmo. Boa sorte. Porque é muito cansativo. Assim, ele é cansativo mentalmente, fisicamente. Quando você vai fazer um evento, você não vai fazer um evento para curtir. As pessoas vão ir para curtir, mas você vai acordar às sete da manhã. Você vai lá, vai limpar chão, vai carregar coisa pesada, vai limpar tambor que você nunca viu velho. Você vai pegar banheiro químico e você vai ficar das 7 da manhã até as 2 da manhã do outro dia, porque você vai ter que limpar aquele lugar depois do evento. E aí, ó, mansa ali tá tudo podre, você tem que limpar porque você vai estar trabalhando durante o evento, você não está indo só para curtir e aí tem o antes também, né! O antes ele também pega muito da gente desgasta a gente de certa maneira, porque é reunião toda semana é reunião que acaba meia-noite, numa quinta-feira, depois de você ter ido para a faculdade, estagiado, trabalhado, enfim é muito cansativo e mentalmente também por conta desses pontos que eu citei e porque vai ter muitos comentários é cansativo mentalmente pelos comentários. Você vai escutar muita coisa às vezes você não vai se sentir apoiado da forma que você deveria e você também não vai se sentir compreendido da forma que você queria, mas é o que eu disse, você tem que dar o seu melhor Independente de qualquer comentário ou qualquer coisa.

Quando você entra numa gestão, quando você entra numa atlética, você tem que ter ciência que você está pegando uma responsabilidade. Não adianta eu entrar num conjunto de pessoas que querem fazer algo e não fazer nada, porque eu vou virar um encosto, eu vou virar um problema, assim, de verdade. A gente já teve vários problemas com pessoas que faziam nada. E isso, tipo, fica cansativo, porque eu fico com dois pesos, no lugar de ficar com um e você com o outro. Eu fico com dois e é muito cansativo mesmo. Então você tem que ter a ciência que você está pegando uma responsabilidade para você e que você precisa entregar resultado de alguma maneira não para outra pessoa, mas para si próprio para o conjunto para realmente as coisas fluírem e darem certo no final.

A Matilha, ela representa para mim família, assim, eu colocaria que é a minha família da faculdade. Nos momentos difíceis, o que me apoiou foram pessoas atléticas. O que me distraía era atlética. O que me estressava bastante também era atlética, mas assim, eu aproveitei muito,

assim, eu curti o máximo que eu podia e não me arrependo em nenhum momento, assim. Eu pegaria e faria tudo de novo.

Sem atlética eu não teria conhecido muitos amigos, eu não teria me aproximado de pessoas que eu jamais teria proximidade, ainda mais pessoas de outro curso, várias risadas foram por conta da atlética, várias fases que eu fui por conta da atlética, então é impossível eu falar que a Atlética, que a Matilha, ela não gerou coisas positivas para mim, porque ela realmente foi um aprendizado, uma lição de vida mesmo.

Num mundo ideal, o melhor seria a gente selecionar quem entra na gestão. Porém, com o passar dos anos, a quantidade de alunos foi diminuindo. E isso, querendo ou não, impacta diretamente na Atlética, porque a gente tem menos pessoas interessadas na gestão. Então, não tem como a gente ficar selecionando, porque a gente precisa de gente, a gente chama gente a todo momento, porque a gente precisa dessas pessoas. Então, a gente vai ver... Obviamente, a gente sabe quem rende mais, quem dá mais resultado. E isso impacta nos outros semestres, né? As pessoas vão subindo de cargo. Então, a Andressa mesmo, né? Ela começou como diretora esportiva, porque ela percebeu que todo mundo era horrível nos esportes. Ela foi para ajudar, se manteve muito proativa, sim. E foi crescendo até ela chegar no cargo de diretora geral. E depois eu olhei e falei, essa é a pessoa que eu preciso. É a pessoa que realmente está ali pelos alunos, ela se diverte, ela é animada, ela conversa com todo mundo e ela está disposta a abdicar um tempo dela de lazer para fazer as coisas acontecerem. E aí foi quando eu decidi colocar a Andressa de presidente, né? Porque eu achei importante e eu achei muito bonito de ver a alegria dela, porque o meu maior medo era passar a presidência para uma pessoa que, assim, ia deixar a atlética morrer. E eu não queria que a Atlética morresse, porque foram realmente uns três anos e meio de muito esforço, muito mesmo, muito esforço meu e dos meus amigos, e que eu via que deu algum resultado de certa maneira, então eu queria que esse legado continuasse, que o nome da Matilha ele perpetuasse mais com o tempo.

E a Girelli, ela sempre foi uma pessoa muito animada, muito proativa, e ela chega nas pessoas que ela nunca viu na vida e conversa, e ela tem esse jogo de cintura, de perguntar, de criar uma amizade de forma rápida, que eu mesma tenho essa dificuldade, né? E a Girelli não, ela sempre tá ali conversando com uma pessoa que ela nunca viu na vida. E sabendo a vida inteira da pessoa em 5 minutos e eu brinco que a Girelli... E eu brinco que a Girelli, ela foi a minha caloura da minha gestão, assim porque a gente sempre tem a caloura do semestre quem mais se destacou, quem mais foi o destaque, assim e a Girelli, pra mim, ela foi da gestão inteira porque desde a

hora que a Girelli entrou na gestão ela surpreendeu todo mundo Eu falei, gente, eu acho que eu nunca conheci assim ela...

Desde a hora que a Girelli entra na faculdade, participa das coisas da matilha, eu vejo algo que eu nunca vi na minha vida. Eu falo, gente, essa menina é muito animada, ela é doidinha da cabeça, mas ela é muito animada. E a gente precisa disso numa gestão também, para que as coisas fluam de forma mais leve, né? E ela conversa com todo mundo, que é muito bom, porque une as pessoas. E a Girelli ela entra no departamento de calouros por isso. Porque ela conversa com qualquer pessoa, sem nenhum empecilho. E ela traz essas pessoas para a gente e isso para um Atlético é muito positivo.

E o mais importante na Andressa e na Girelli, né, em vocês, é que vocês conseguem sentir a mesma coisa que eu sinto, a magia da Atlético, a magia da Matilha, que é a união da família. Eu acho que vocês sempre vão estar torcendo pela Matilha, mesmo que a gente estiver perdendo, vocês vão se divertir, vocês vão comprar produtos, vocês vão nas festas, mesmo que às vezes vocês não queiram ir nas festas, vocês vão. E acho que é isso, eu acho que vocês vivem vocês têm e é isso, eu acho que vocês vivem a matilha da mesma forma que eu vivi, com os olhos brilhando assim, cheio de orgulho de tudo que você já viveu desde o primeiro semestre.

C.13 Transcrição Maria Clara Cunha

A gente sempre ajudava a arrumar, a limpar, pendurar bandeirão e não era nada forçado. A gente realmente gostava de estar ali, a gente realmente gostava daquilo.

C. 14 Transcrição Nathália Bariani

Sobre a primeira pergunta de como eu entrei pra Tagarela e o que me motivou a assumir a presidência eu acho que a minha situação é muito específica porque quando eu entrei não tinha atlética. Então eu entrei na faculdade que na época a gente ainda chamava de Facomb em 2010 e não tinha atlética eu lembro de ter ficado muito chateada um pouquinho frustrada porque eu sempre fui uma pessoa muito ativa, muito esportiva eu jogava de tudo e eu meio que fui um pouco com essa expectativa de participar, né, também dos Jogos Universitários. Eu conheci um pessoal que já estava na faculdade, então eu via que tinha os jogos, o pessoal já jogava há muito tempo. E quando eu cheguei e descobri que não tinha uma Atlético na Facomb, eu fiquei muito triste, porque era uma coisa que eu gostaria de fazer, né, de participar. Então, na verdade, foi

um pouco a partir disso que a atlética nasceu, né? Tinham algumas outras pessoas na minha turma de calouros, que também tinham esse interesse, a gente começou a conversar e descobriu isso, não só na turma de propaganda, né, porque eu fiz publicidade e propaganda, mas tinha também um pessoal na turma de RP, em especial a Laira, né, que era muito também ativa, muito interessada, na minha turma tinha o Chacal, e tinha uma veterana minha, a Paulinha, que foi a primeira presidente, que também estava interessada, quando a gente começou a conversar nesse período de começo de faculdade eu não sei exatamente como que é agora mas assim na minha, ainda tinha trote, tirando o trote tradicional do Vaca Brava, tinha um trote dos calouros dentro mesmo da Facombe, e acabava que, tirando isso, assim, a gente tinha muitos momentos de contato, a gente passava essas primeiras semanas muito próximos dos outros, né, alguns mais veteranos, enfim. Então, essa conversa surgiu, a gente começou a conversar, ah, não tem atlética, e se a gente fizesse uma, o que é que precisa, o que é que não precisa? E surgiu a ideia de criar, então, uma atlética, né? Para a gente, o nosso objetivo era conseguir participar dos jogos, né? A gente queria jogar no Inter-UFG, e foi a partir daí, assim, que as coisas foram caminhando de forma muito natural. Eu lembro que no primeiro ano a Paulinha foi, né, a presidente, e logo em seguida, e eu não me lembro se ela formou no ano seguinte, ou se de toda forma ela já só queria ajudar nesse processo mesmo, mas logo depois dela fui eu, né, que foi um processo quase natural, assim. Não foi uma coisa muito pensada, eu acho que foi um processo orgânico de a gente tinha começado a falar sobre isso, nós queríamos fazer, a gente começou a fazer da maneira que podia, da maneira que conseguia entrar em contato com as atléticas, com o pessoal de outros cursos e acabou sendo aquele pequeno núcleo ali que começou a fazer tudo, então não tinha uma estrutura, não tinha gente foi um pouco tudo na base da necessidade, digamos assim, era eu que estava lá e aí a gente foi.

Sobre a segunda pergunta de quais eram os principais desafios eu acho que não era nem liderar a atlética era criar a atlética mesmo porque a gente não tinha a menor ideia de como fazia isso, não tem o manual de como você criar uma atlética a gente não tinha dinheiro a gente não tinha engajamento também das pessoas, porque tinha sempre aquele pequeno grupo que gostava muito queria jogar, queria participar tinha um outro grupo um pouco maior muito tradicional da faculdade de comunicação, que era o povo que queria ir para a festa. Então, assim, o Inter UFG parecia mesmo, e era, né, uma festa muito grande na época, não só compreendido como o evento da festa, mas como todo o evento da farra, né, que envolvia o Inter UFG. Então, tinha esses dois grupos aí, mas a gente tinha dificuldade no começo de achar gente que quisesse mesmo participar, porque a gente não tinha muito a oferecer, né, além da possibilidade de criar

alguma coisa. Então, a gente nem tinha dificuldade de liderar uma atlética, mas quanto de colocar as estruturas mesmo pra que ela virasse alguma coisa, pra que ela nascesse de forma efetiva. Porque os primeiros anos foram, assim, a gente acreditava muito, a gente gostava muito, se divertia bastante, mas os primeiros anos foram muito difíceis, assim, de conseguir ter gente da gente se entender mesmo. E a no caso eu falo por mim também eu era muito nova então apesar de eu já tinha começado a trabalhar fazer outras coisas quer queira eu tinha 17, 18 anos, então eu também era muito imatura então não era muito simples, né, às vezes lidar com todo mundo sob pressão, quando não se tinha uma estrutura muito clara e tava todo mundo só tentando ajudar, né, a gente acabava se sobrepondo às vezes e era um pouco tinha um pouco de conflito nessa questão de cada um achava que as coisas eram melhores de uma forma até que a gente começou a ser mais coeso. Que eu acho que é natural de qualquer coisa incipiente que está começando, que está sendo criada sem ter nenhum modelo prévio de como aquilo é feito. Então, a gente foi aprendendo junto no processo. Mas foi muito gostoso, foi difícil, mas eu acho que foi muito prazeroso também para todo mundo que estava ali, porque a gente, apesar de pequenos passos, a gente via esses passos. A gente dava passinhos pequenos fazia uma coisinha aqui, conseguia uma coisinha lá conseguia duas coisas para nossa mini bateria ou mesmo conseguir ser aceito para participar do primeiro Inter, foi uma coisa muito emocionante e a gente via essas pequenas coisas e acreditava e gostava da ideia de que aquilo poderia virar, digamos assim então acho que realmente os principais desafios eram todos ligados a criar algo que não existia digamos assim.

Pergunta número 3 vai muito na direção do que eu já tava falando na estrutura inexistente aí, perdão, corta na edição na estrutura não tinha nada era um bando de doido uns 4, 5 doidos que queriam jogar no InterUFG queriam participar e a gente fazia tudo, né? Não tinha nem bateria quem começou a puxar a bateria não me lembro bem se foi em 2010, 2011 acredito que mais 2011 foi até a Bárbara Falcão, né, que é também jornalista, grande jornalista e é uma pessoa muito querida e ela já era uma pessoa mais ligada a essa musicalidade, assim, né. Então, era tudo muito diferente, porque a gente tinha uma estrutura pequena, digamos assim, diretiva, né, tinha presidente, vice-presidente, e mais uns três, quatro diretores, entre aspas, mas, na verdade, não tinha essa hierarquia entre nós, né, nós éramos, entre aspas de novo, a diretoria, mas era basicamente o grupo que estava querendo ali fazer essas coisas acontecerem e assumir um pouco a responsabilidade de correr atrás. Porque, por exemplo, era muito diferente o InterUFG naquela época. Não era, pelo menos a última vez que eu vi, o InterUFG já era um evento muito maior, que era, assim, construído por uma empresa de fora, né? Uma produtora, se eu não me

engano, na época que eu me lembro era B2. Enfim, existia esse suporte de fora, né? Era um evento que já era, digamos, tinha sido terceirizado. E na nossa época não era isso, era a gente que fazia tudo. E a gente, eu quero dizer, todo o comitê organizador do Inter UFG eram as atléticas, né? Eram os grupos de trabalho das atléticas que eram escolhidas naquele ano. Tinha sempre uma atlética que era, digamos, atlética diretora. Eu não me lembro se no meu ano foi uma das engenharias ou se foi direito, mas eu acho que era engenharia, civil? Bom, enfim, não lembro, não tem muito tempo. Quando eu falei que eu entrei na faculdade em 2010 deu até um estranhamento de pensar que já tem 15 anos, né eu realmente não lembro, mas era esse grupo das atléticas que organizava o Inter UFG então assim, além da nossa dificuldade de criar mesmo a nossa própria atlética, porque no primeiro ano a gente conseguiu participar, fez tudo, mas ainda era um processo de construção ainda tinha todo o processo de criar o Inter UFG. Porque toda a questão de festa, de jogo arbitragem era tudo a gente que fazia não tinha nenhuma outra empresa não tinha nenhuma consultoria ninguém de fora que trabalhava para isso Então, na nossa época, era tudo mesmo no Ferreira Pacheco, não existia um outro lugar para as festas. Os jogos eram todos lá e as festas eram todos lá. Então, era uma coisa muito mais universitária do que aberta para a cidade, como eu percebo que viraram as festas, pelo menos. Óbvio, era possível as pessoas entrarem, mas não era divulgado dessa maneira e eu acho que não era nem objetivo, porque era uma coisa assim a gente jogava desculpa, deixa eu beber uma água aqui só um minutinho então, a gente jogava o dia inteiro e logo em seguida eram as festas, muitas vezes a gente que era da diretoria, a gente jogava antes das festas a gente tinha um momento ali de reunião entre os comitês das atléticas pra resolver disputas que tiveram de contestação de arbitragem alguma coisa que tinha acontecido qual era o problema, qual que tinha que fazer o que não tinha sido feito, o que precisava resolver para as festas, então era um contínuo, eu lembro que no primeiro InterUFG eu não saía do Ferreira Pacheco porque você chegava, você jogava o dia inteiro e aí depois você ia para essas reuniões e logo em seguida já ficava para a festa porque senão não tinha jeito, né? E no outro dia estava lá de novo então foi muito rico assim, foi muito prazeroso, mas era realmente muito era tudo muito diferente, assim, do que eu vejo de fora, né, agora. Tanto em termos de atlética, quanto em termos do próprio Inter UFG, que era um outro tipo de evento. Tanto era a gente que fazia tudo, que eu lembro até hoje que na época, nos jogos a bebida que tinha disponível dentro do Inter UFG, era o MÉ, né? E era a gente que fazia até isso, assim, eu lembro que tinham as caixas d'água e a gente fazia caixa d'água de Mé com vodka e suco, que eu não sei se é uma coisa que cabe no seu podcast, mas enfim, fica aí a informação para você. A gente fazia, né? Então era uma coisa muito intensa, assim, muito, muito intensa. E a nossa dificuldade era realmente conseguir fazer tudo. Não tinha

essa estrutura que eu vejo que o pessoal tem ainda, né? Eu falo, gente, porque eu ainda sinto a tagarela muito minha, no sentido de me sentir ainda muito parte, né? E uma coisa que me dá muito orgulho de ver o que virou. Apesar de eu ter dado apenas o pontapé inicial, né? Eu até saí muito cedo da Atlética. Quem realmente tocou isso foram as meninas que eu te dei o contato, né? A Láira, a Luana. A Karen também foi uma pessoa muito presente. O Iaguinho tinha muita gente muito melhor que eu na minha opinião e que levou isso para a frente com muita beleza e virou essa coisa linda que hoje, mas na minha foi mesmo assim um embrião, a gente fez muita coisa, mas era um embrião do que é a Atlética hoje. Pelo que eu vejo, é muito mais estruturada. Outra coisa que também me emociona muito, duas coisas especialmente me emocionam quando eu olho para a Atlética hoje. A primeira é a bateria. eu lembro que o primeiro um ano que a Atlética ganhou a bateria que foi a primeira vez, uma das primeiras que teve uma apresentação séria, consistente eu não estava no Brasil, eu já estava fora e eu assisti online e eu chorei assim tanto, porque teve um peso emocional muito grande de ver eu nunca imaginei, eu só queria jogar e dei um pontapé e esse negócio cresceu pra muito além de mim cresceu pra muito além da nossa ideia original e olha que coisa linda que virou então eu lembro que eu fiquei muito emocionada assim nesse momento e a outra coisa que me emociona muito quando eu olho pra Atlética e que eu vejo que realmente a Tagarela virou uma coisa muito diferente do que era, mas que era realmente o que a gente sonhava que virasse é ver o engajamento que existe na Tagarela, é ver como as pessoas entram na Atlética já sabendo o que ela é, querendo ser parte querendo que ela exista e fazendo várias coisas pra que ela realmente continue e cresça e continue sendo esse espaço de compartilhamento, de prazer, de diversão, de engajamento mesmo entre os próprios alunos, né, dos diversos cursos, que até os cursos também mudaram, né, agora tem gestão da informação, mas eu vejo muito isso, é muito bonito, assim, me toca muito ver que realmente aquilo que a gente imaginou e que a gente esperava que acontecesse e que a gente foi vendo acontecer, mas não dessa maneira, né? Que é realmente ver que as pessoas querem participar, que elas gostam daquilo, que elas se jogam, e criou mesmo essa cultura da atlética que a gente não tinha. Porque ela não existia dentro da nossa realidade quando a gente começou ali em 2010. Então, essas duas coisas me emocionam muito, assim. É muito diferente, mas eu acho que é o que a gente queria lá atrás, né? um pouco assim a realização do nosso sonho. E uma outra coisa que é muito diferente que eu percebo é realmente a parte de esporte também, justamente por ter mais engajamento, talvez também por ter adicionado um curso ali, eu vejo que existe mais gente disposta a jogar, né? Porque quando a gente começou, não tinha, não tinha gente o suficiente, né? Antes de mais nada e as pessoas que tinham também não tinham todo esse interesse eu não sei se mudou um pouco o perfil também do pessoal que entra,

mas eu lembro que no primeiro ano a gente era um time de meninas nós éramos sete ou oito meninas e nós jogamos tudo, absolutamente tudo. Todas as modalidades, todos os jogos, as mesmas oito ou nove pessoas. Só de pensar nisso hoje, meus músculos chegam a dói. Mas foi muito intenso, foi muito divertido, mas a gente gostava, a gente se divertia muito, mas o motivo pelo qual a gente jogou tudo é porque não tinham outras pessoas e o masculino ainda era mais difícil, porque na época tinha bem menos homem também dentro da faculdade e talvez um perfil na época dos cursos que eram um pouco mais talvez... Um pouco menos ligados a essa ideia do esporte, enfim, um pouco o estereótipo, mas na nossa época tinha menos gente. Então era assim, era difícil que a gente não tinha espaço para treinar, a gente não tinha nada. Foi realmente um período assim de incubação, de construção, a gente levava e voltava carregando as coisas num carro, da coitada da pessoa que tinha um carro, ela tava carregando 15 pessoas, não sei quanto material, e roupa, enfim. Então foi muito... Era muito incipiente, assim, mas foi um processo muito bonito de construção e de ver o que virou. sabe? A única coisa que eu acho que ainda era parecida era o engajamento da torcida, né? Porque nós éramos poucos, mas quem ia da nossa torcida era mais animada, era a galera que se garrava mesmo, o Escravos de Jó, na época, eu não lembro como começou ou por que começou, mas eu lembro que foi desde o primeiro Inter-FG a gente ia fazer o Escravos de Jó e a nossa torcida, assim, era uma coisa que parecia uma unidade, assim, para todo jogo que a gente ia a gente perdeu muito rápido, né? Jogamos dois, três primeiros dias e depois a gente tinha sido um pouco eliminada de quase tudo, mas a nossa torcida era realmente, assim visceral, sabe? O pessoal ia, gritava, a gente tinha, sei lá dois, três instrumentos, o povo levava, a gente não sabia nem tocar mas tava todo mundo batendo lá, batucando e gritando, então isso é uma coisa que eu vejo que continuou aumentou, né, assim, a quantidade hoje é bem maior, mas esse esse prazer, esse fogo, esse companheirismo, assim, do pessoal que ia torcer, né, e da gente que parava de jogar e ia torcer para o nosso outro time, né, porque não tinham vários times, tinham dois era uma coisa muito intensa que eu vejo que continuou hoje, né, de uma maneira muito parecida, só que bem maior, digamos assim.

Dos projetos ou eventos que marcaram a minha gestão e que eu me orgulho eu acho que eu me orgulho de a gente ter conseguido participar no primeiro ano, né? Igual eu te falei, quem era presidente era Paulinha, mas a gente era um corpo muito único, né? Então o primeiro e o segundo ano apesar de eu ter sido presidente eu acho que era uma coisa muito pra forma e vice primeiro e depois presidente era uma coisa muito pra forma porque na verdade nós éramos um corpo diretivo que éramos as pessoas que estavam ali fazendo e ninguém tinha mais poder de

decisão do que do que o outro, né? A gente sempre foi muito parceira e as nossas escolhas eram muito coletivas, mesmo quando a gente discutia, não concordava, a gente chegava às vezes um ponto, sempre em que a decisão era tomada de forma coletiva, então esses dois primeiros anos eu vejo muito como os meus anos na diretoria, né? Da Tagarela. Mas não com essa ideia do presidente. Eu acho que uma das coisas mais difíceis, se eu não me engano, foi no segundo ano. Foi em 2011, que foi quando nós fomos roubados, eu e a Laira. a gente tava fazendo as inscrições no DCE, né, recebendo dinheiro das inscrições e tudo mais, se eu não me engano, na época eram 6 mil reais que é uma fortuna, assim, de dinheiro, e era um dos últimos dias e a gente tava lá e ficamos nós duas no DCE o tempo todo, e até hoje a gente não sabe exatamente como, nunca descobrimos quem, não, juro pra você, eu não tenho ideia de como aconteceu, porque nós duas estivemos no DCE o tempo todo, a gente nunca saiu, nunca deixou o dinheiro sozinho. Roubaram o dinheiro das inscrições, tá, gente? Debaixo do nosso nariz.

E foi um baque, assim, foi um baque emocional, foi um baque financeiro, né, que demorou também pra conseguir recuperar, a gente teve que pegar um empréstimo de uma outra atlética, porque é isso, né, nem fundo de caixa a gente tinha. Mas foi muito difícil, assim, a gente se sentiu muito traída, porque com certeza foi alguém da universidade, mas era alguém provavelmente próximo da gente, que sabia, assim, que a gente tava ali, porque a gente tava comunicando tava fazendo as inscrição tinha um monte de gente vindo enfim fazer então n foi nenhum estranho n foi uma coisa ao acaso não foi também ali alguém de dentro e debaixo do nosso nariz e a gente ficou muito mal assim além da agonia de ter que recuperar esse dinheiro de enfim ser uma dívida que a gente não tinha como arcar nem como atlética nem digamos individualmente nós ficamos muito emocionalmente, assim, arrasadas, né? Tristes, nos sentimos traídos, falando, poxa, a gente tá aqui, sabe? Dedicando nosso tempo, nossa energia e praticamente quase todos nós trabalhávamos também nessa época, né? Quem meio período, quem estágio, quem tempo integral, mas assim, não era uma coisa que a gente fazia com tranquilidade, tipo assim, falar, eu não tenho mais nada pra fazer, eu vou fazer uma atlética aqui.

Não era isso, a gente fazia porque a gente acreditava, porque a gente gostava e a gente estava fazendo aquilo para a gente e para a faculdade em si, né? Para os nossos colegas, para os nossos companheiros de curso. Então, foi um sentimento de traição muito grande, de desânimo, né? Porque a gente falou, gente aqui se matando para isso, sabe? Foi bem difícil, assim. Não foi um momento muito agradável, mas foi um momento que me marcou. Então, foi uma coisa difícil que eu nunca vou esquecer, assim. e a Láira a gente foi na delegacia ver o que podia ser feito e

eu vi que não tinha nada que podia ser feito, foi realmente muito difícil. E já entra um pouco numa outra pergunta que eu vi que tem ali na frente, que é qual era o relacionamento com outras atléticas, com a universidade.

Com a universidade inexistente, era uma coisa que era feita para nós, por nós. Não tinha nenhum tipo de apoio, nenhum tipo de suporte, a gente nem procurou inicialmente porque não era uma coisa que havia um grande interesse de ser criada e o nosso DCE, na época o diretório acadêmico também era uma coisa pouco presente na universidade para temas relacionados a esses não sei se na universidade, acho que não, mas na nossa faculdade de forma específica não era um corpo diretivo presente não era um diretório acadêmico com o qual a gente tivesse muito contato então enfim era um pouco nós por nós digamos assim a gente não tinha nenhum tipo de apoio, nem nada mas também não tinha da parte da universidade nenhum tipo de entrave não existia também nada dessa linha digamos que era um pouco indiferente. E nesse momento a gente também não tinha nenhum contato direto com reitoria ou com essa parte, digamos, da auto-organização do InterUFG, enfim. Porque nós éramos recém-chegados, né? A gente também estava em estágio probatório dentro mesmo da liga das atléticas, a gente não fazia nem parte da liga, nós éramos uma atlética convidada. Então, era um pouco inexistente.

Mas que eu me orgulho de ter participado, eu me orgulho de tudo, assim. Acho que às vezes eu sinto que eu fiz menos do que eu gostaria de ter feito, mas eu fiz tudo que estava ao meu alcance naquela época. Em termos de tempo, de maturidade, de energia, enfim. Eu me dediquei muito à atlética, coloquei meu coração ali dentro desde a criação até o momento em que eu saí e eu acho uma pena não ter podido participar mais, mas eu tenho muito orgulho da gente ter conseguido jogar mesmo, sabe? Porque no primeiro ano a gente só tinha um sonho não tinha um real, não tinha gente, a gente só tinha mesmo muita vontade e eu me orgulho muito da gente ter a partir desse dessa semente, né? Assim, que eu cheguei que eu plantei, porque eu comecei, né, quando eu cheguei, fui eu a pessoa que saiu perguntando tem atlética, vamos fazer? E se a gente, o que a gente pode fazer? Qual que é a modalidade? Quem que a gente procura, né? Não fiz nada sozinha, mas eu acho que esse desejo se manifestou muito através de mim. Então eu me orgulho muito de ter dado a cara a tapa, sabe? Olhando pra trás, obviamente tem muitas coisas que a gente poderia ter feito diferente, que eu poderia ter feito diferente, poderia ter feito melhor, mas fiz tudo o que eu podia com as condições que eu tinha na época, né, com o que eu conseguia fazer na época, e até mais um pouco, eu acho. Então, eu me orgulho muito de tudo que a gente construiu, porque eu olho a Atlética hoje, e eu penso em como que tudo isso virou muito mais do que a gente, né? Porque no começo, a Atlética éramos realmente nós, assim. Não

só o diretivo, mas, igual eu te falei, o pessoal também que ia mais pela festa, mas estava animado, gostava da ideia, mas no primeiro ano a gente se a gente era no total assim entre quem foi para assistir e a gente que foi pra jogar se nós éramos 30 nós éramos muitos assim então mas eu acho que não era nem isso não então ver, assim, que isso cresceu e que isso virou o que virou, eu fico muito orgulhosa, eu acho que o meu grande orgulho, assim, eu acho que o meu grande a minha grande realização, o que eu acho que eu fiz foi realmente ter colocado essa vontade, essa paixão corrido atrás e buscado essas pessoas e ter acreditado muito. Então, eu acho que eu me orgulho de tudo, assim, de tudo.

O primeiro Inter UFG foi muito emocionante, porque a gente realmente não sabia se a gente ia ser aceito, porque não era assim você chegava e jogava, né? E que ele volta, né, de novo pra relação com as atléticas. A gente foi bem recebido, de uma certa maneira, assim, o pessoal gostava também, né, até porque era um evento que era autopromovido, então todo mundo acreditava, todo mundo queria jogar, todo mundo gostava. Tinha uma lógica ali em fazer o evento para que o evento acontecesse, não era uma coisa que a gente fazia, por exemplo, para ter lucro com o InterUFG. Todo o lucro que se tinha do InterUFG, ele voltava para o fundo de caixa do InterUFG sucessivo. Então, eu acho que as atléticas, elas foram receptivas, né? Foram receptivas com a gente e nos ajudaram depois, quando a gente teve esse problema do roubo, por exemplo, foi a engenharia elétrica que também estendeu a mão pra gente e cobriu o nosso gasto. Então, assim, foi rico desse ponto de vista. Até porque, de novo, como era uma coisa que a gente fazia, era tudo a gente, e quando eu digo a gente, eu não digo só a gente da Tagarela, mas nós como atléticas, pessoas da atlética que organizavam o evento, faziam tudo, a gente estava em contato o tempo todo, né, assim, com aquelas pessoas. Então, se criou um grupo muito funcional, mas muito acolhedor e a gente recebia, assim, esse suporte. Tinha sempre uma ou outra, né, que tinha um certo conflito, assim, eu lembro que a atlética do direito a Mafiosa, não era, se eu não me engano, era um pouco complicada e, como sempre, a medicina, né? Medicina dá trabalho desde os primórdios da UFG, se eu não me engano. Mas, tirando isso, a gente funcionava bem, assim, era um ambiente muito agradável.

Sobre a pergunta 6 de como a gente conseguia engajar na verdade é que a gente não conseguia muito nós conseguimos engajar aquele grupo de pessoas que era, digamos, as do primeiro ano umas 20, 30 pessoas que talvez eram também quem queria jogar, que gostava de jogar que nunca tinha tido essa oportunidade, teve grande parte era caloura, na verdade ou caloura, ou ali

no segundo ano mais do que o pessoal mais velho a gente conseguiu trazer essas pessoas porque elas também acreditavam na ideia. E como a gente fazia tudo junto e era tudo muito pequeno, também tinha um sentimento de uma coisa que era construída a várias mãos, né? Então, uma coisa que a gente gostava muito era de fazer festa, né? Na Facomb, a gente fazia muita festa e acabava que isso retroalimentava um pouco, né? Essa sensação de descoberta universitária, de conhecer essas outras pessoas dos outros cursos, criar um pouco essa rede que ia além de um curso só de propaganda ou só de relações públicas ou só de jornalismo a gente conseguia se abrir um pouco mais, até um pessoal da biblioteconomia às vezes se aproximou um pouco da gente, mas foi eu acho que o princípio da abertura dessas portas para que a gente pudesse interagir mais entre cursos, porque na época era um pouco separado eu não sei como é hoje mas por exemplo propaganda era de tarde jornalismo e relações públicas era de manhã majoritariamente, Biblioteconomia eu nem lembro assim que horas eram as aulas porque era como se fosse realmente um curso parte do nosso a gente tinha pouco contato então, aos poucos, eu acho que a atlética foi também uma plataforma para que as pessoas pudessem se conhecer mais. Mas, no começo, a gente tinha muita dificuldade de engajamento, porque a gente tinha pouca estrutura mesmo.

E no Inter em si, né, no evento em si quem foi, igual eu falei antes, era uma torcida muito unida era um grupo muito agarrado, então a gente fazia tudo e era um pessoal que tinha muito prazer de estar ali o problema foi chegar lá, né, conseguir fazer com que as pessoas chegassem até o Inter, mas eu fico muito feliz de ver que perdão eu fico muito feliz de ver que a Tagarela hoje cumpre essa função de forma ainda muito mais intensa, né, de forma muito mais ampla, de forma muito mais consistente, né, de criar mesmo essa plataforma onde as pessoas dos diversos cursos, elas podem se relacionar de uma forma mais orgânica, mais natural, mais prazerosa até, né, e isso se reflete, eu acho, né, no futuro profissional das pessoas, se reflete também nessa lógica de se sentir parte da sua própria faculdade não se sentir parte digamos da UFG mas parte da faculdade de comunicação Então peço desculpas porque eu sei que eu não sei a nomenclatura certa porque agora se eu não me engano, é FIC, que é informação e comunicação, mas na minha cabeça também acho que por causa desse exercício todo, já ficou faculdade de comunicação e biblioteconomia. Mas acredito que a atlética tem um papel muito importante, assim, nessa construção de um sentimento de pertencimento em vários níveis, né, o seu curso, mas também a sua universidade e aquele grupo de amigos, né, que é uma coisa muito rica também, porque tem poucas coisas, eu acho, que são mais ricas pra gente do que as relações, né, os relacionamentos. Outra coisa que eu acho que ajudou a gente, vou voltar um pouquinho

atrás, mas porque eu lembrei disso agora, foi o Tiffu. o Tiffu foi muito divertido desde sempre e foi uma coisa que eu acho que reativou um pouco esse sentimento de pertencimento e de engajamento porque o Tiffu era uma coisa interna que eu acredito que ainda tenha o torneio Facomb de futebol mas era muito leve não existia nenhum tipo de pressão o Tiffu era uma festa onde a gente jogava futebol então eu acho que também foi um evento importante, além, óbvio, de ser um evento divertidíssimo, eu não sei se ainda tem se tiver recomendo que todo mundo vá porque com certeza deve ser bom igual era mas era uma possibilidade também da gente introduzir o esporte ou abrir mesmo a possibilidade de um momento de interação até com outras atléticas, teve um ano que a gente convidou as meninas da atlética de direito, mas era da PUC, se eu não me engano, pra jogar com a gente, também foi muito legal mas pra própria Facomb pra pessoas que às vezes não se sentiam à vontade de ir jogar de ir no InterUFG, que existia um tipo de rivalidade mais séria, os times eram fortes, existia mesmo uma lógica muito voltada para campeonato esportivo, né? O Tiffu tirava um pouco esse peso, essa seriedade, né? Num campeonato universitário. Era só mesmo um momento de confraternização entre as pessoas da nossa faculdade. Então eu acho que ele quebrou um pouco essa barreira, né, porque você ia pro Tiffu você acabava, enfim, ficando mais próximo do pessoal da Atlética as coisas perdiam um pouco, digamos, essa esse peso que elas talvez tivessem no imaginário de algumas pessoas então o Tiffu eu acho que foi, teve um papel assim, fundamental também em abrir as portas, né, da Atlética e do esporte também pra algumas pessoas que talvez não tivessem se aproximado, né, do futebol ou da atlética em si, se fosse uma coisa digamos um pouco mais formal.

As últimas perguntas eu acho que eu posso responder junto, né? Porque elas são muito interligadas. E o momento marcante eu acho que eu já falei um pouco dele quando eu falei ali em cima sobre o momento do roubo e sobre a gente ter realmente conseguido participar, né? Do primeiro InterUFG que a gente se propôs a participar. E também quando eu já não estava na minha gestão, mas me marcou muito quando eu vi o pessoal da bateria conseguir se apresentar de uma forma tão bonita, assim, né? Então, mexeu muito comigo. Mas sobre o que a Atlética representou pra mim e que aprendizados eu levo, eu acho que são duas coisas que se intercalam e que conversam de várias formas. A Atlética foi uma das primeiras coisas e talvez uma das últimas na minha vida que eu fiz exclusivamente por prazer.

Com relação ao estudo, com relação à faculdade e escolhas profissionais, para mim, pessoalmente, eu sempre acabei, por motivos pela vida, pela minha condição social, enfim, tendo uma visão muito utilitarista, né? Eu faria aquilo porque aquilo me daria um retorno. Eu

vou estudar isso porque tem essa possibilidade de trabalho. Eu vou escolher essa possibilidade de trabalho porque ela vai me dar um retorno X ou Y, né? Dificilmente eu fazia algo só porque eu gostava e a atlética foi uma coisa que eu fiz e que eu corri atrás e que eu quis criar exclusivamente porque eu gostava porque era uma coisa que me dava tesão, eu tinha prazer eu gostava de jogar, eu sempre gostei de jogar mas eu gostava dessa lógica, dessa energia coletiva de fazer esporte de grupo de participar de um evento como um grupo de me sentir parte de uma coisa que pra mim fazia um sentido então a Atlética pra mim ela representou muito essa busca de construir algo que eu acreditava só porque eu queria, sabe sem esperar nada em retorno disso sem ter nenhuma expectativa de que aquilo fosse me trazer algo ou que aquilo fosse ser bom pra mim de alguma maneira e eu tava te dizendo que são coisas interconectadas, né enfim, interligadas porque o que eu levo pra vida profissional é muita coisa, mas nunca foi esse o meu objetivo eu acho que essa ideia de eu vou entrar ali, eu vou aprender isso, eu vou conhecer fulano como lógica de raciocínio era muito mais ligada ao contexto das empresas júniores ou das empresas experimentais a gente tinha duas na FACOMB que era a Inova e a Ponto que eu não lembro se a Ponto na época já chamava Ponto mas eram essas duas e pensar em aprendizado profissional era uma coisa que como lógica de raciocínio era muito mais voltada para a empresa Júnior mas eu acho que poucas coisas me ensinaram tanto para a minha vida profissional quanto a atlética porque especialmente pelo fato que eu comentei antes, que era uma coisa o evento em si, o InterUFG, ele era não só promovido, mas ele era realizado por nós por todas as atléticas, mas nós enquanto pessoa, pessoa física a gente teve um uma formação intensiva em resolução de problema, assim, porque o evento daquele, agora o porte é muito maior, né, assim, é um evento muito mais aberto, muito mais amplo, muito mais estruturado, mas já na época era um evento muito grande. Era um evento para milhares de pessoas que envolvia festa, envolvia álcool, né, envolvia toda uma questão de calendário mesmo, de organização de evento, regulamentação, então, assim, foi um grande aprendizado eventos é uma coisa que por si só já te ensina muito, também é muito ligado com a minha carreira, eu mexo muito com o evento cultural hoje não só eu, mas algumas pessoas também, a Luana, por exemplo Luana Pimenta, também trabalha muito com evento, eu acredito que ela também tem aprendido muito nesse período mas uma das coisas mais importantes que eu trago de lá é uma capacidade muito afiada de resolução de problema. Então, tem o networking também, né, que eu acho que era feito de forma muito orgânica e natural, porque todas aquelas pessoas que estavam ali, assim como eu, o interesse delas era fazer com que o evento acontecesse, né. Essa lógica da empresa júnior, né, de pensar em fazer uma coisa para aprender e para criar contatos, ela é muito mais ligada às empresas júnior, que também tinham ecossistema muito já estruturado na UFG nesse período,

principalmente nessas áreas das engenharias, das exatas. Eu não me lembro se o direito também tinha, mas eu acredito que sim. Então, já tinha muita gente que estava ali naquele meio, mas o objetivo profissionalmente era mais esse.

Mesmo assim, muitas das pessoas que tinham esse interesse das empresas júniores e participavam, elas também participavam da Atlética. Eu acho que por uma questão de mentalidade mesmo, de construção, de empreendedorismo, de querer fazer uma coisa e falar, não, vamos aqui arregañar as mangas e vamos fazer. Então, em alguns pontos, né, esses contatos eles se sobrepunham, mas eu acho que todo mundo que estava ali, estava ali porque queria fazer, queria jogar, queria que o evento fosse bom, e a gente acabava convivendo muito, né, tanto a nível de trabalho, então, conhecendo muita gente dali, e também convivendo em momentos que não eram, digamos assim, o famoso networking oficial, né, o happy hour e tudo mais, mas era como se fosse porque a gente trabalhou um ano inteiro para poder fazer esse evento e no evento a gente tinha igual eu comentei antes as reuniões de avaliação dos problemas e tudo mais e depois a gente ia para a festa então acabava convivendo muito com essas pessoas e muitas delas estão na minha vida até hoje. Menos do que o pessoal da diretoria da Tagarela, mas porque a gente também teve uma outra história de vida juntos depois. Mas são contatos que acabam ficando para a sua vida no futuro. Eu lembro que tinha um pessoal lá que era da administração, que, a gente depois se encontrou quando eu ainda estava no Brasil em vários momentos profissionais a gente teve várias trocas profissionais também então essa parte do networking ela acaba funcionando mas eu acho que principalmente em aprender a fazer as coisas, né era um espaço onde a gente não tinha supervisão né, éramos todos universitários, era a gente que fazia era a gente que arcava com as consequências de tudo que pudesse acontecer e existia ali uma grande responsabilidade em termos de responsabilidade legal que tinha muita bebida tinha possibilidade de alguém se machucar mesmo jogando todas essas coisas a gente foi aprendendo enquanto fazia a própria gestão do evento como um todo foi uma grande experiência profissional aprendi mais do que muitos trabalhos formais da minha vida e muitas habilidades indiretas também então como eu estava dizendo, habilidade de resolver problema, porque eu vou falar pra você era um problema atrás do outro que surgia tanto na parte de pré-produção quanto no evento em si mas também assim, capacidade de comunicação sabe, capacidade de lidar com pessoas muito diferentes porque nós éramos todos, a gente tinha esse interesse comum mas éramos todas pessoas muito diferentes tanto dentro da Atlética, mas quanto dentro da Liga das Atléticas em si da Liga da UFG que eu nem sei mais como se chama hoje tem um tempinho já mas foi uma escola muito grande e é uma coisa pela qual eu tenho

muito carinho eu imagino que a experiência das pessoas que vivem a tagarela hoje seja um desculpa estou com a garganta meio ruim eu imagino que a experiência das pessoas que vivem a tagarela hoje seja muito mais intensa do que a gente conseguia proporcionar naquela época mas eu acredito que o sentimento, assim, de prazer, de pertencimento, ele seja ainda muito parecido.

E eu hoje, eu vejo, assim, eu saí, né, depois, na metade da minha primeira gestão, de novo, não lembro, mas eu saí ali entre 2011 e 2012, logo depois do InterUFG, talvez. Mas a gente continua sendo parte, né, da Atlética, assim, a gente sai da Atlética, mas a Atlética não sai da gente, né, eu sempre falo isso. Então, eu continuei sempre acompanhando, vendo de longe, infelizmente, ou felizmente, enfim, foi o que foi. Minha vida me levou para outros rumos, né, até fisicamente, então, assim, eu não tive tão presente fisicamente mais quanto eu gostaria na Atlética teve um Inter que eu perdi quando eu tava fazendo, no final do intercâmbio acabei não vivendo essa fase, digamos assim mais estruturada da Atlética, mas eu fico muito feliz e eu fico muito orgulhosa, eu tenho certeza, assim, que eu dei mesmo só o pontapé inicial fiz muita coisa, mas não fiz nada comparado ao que todo o resto das pessoas fez, né para que a Tagarela virasse o que ela é hoje, que para mim é uma prova final de que realmente uma atlética, um espaço desse de colaboração, ele realmente só pode existir, ele só pode viver se ele for sonhado, desejado e produzido a nível coletivo. E eu vejo que a atlética, que a Tagarela conseguiu fazer isso, os meninos conseguiram, né? Eu vejo que hoje, obviamente, existe um trabalho muito grande por trás, exige um trabalho que continua sendo feito, ele nunca termina, mas eu percebo que ele é mais orgânico hoje.

Conseguiu chegar nesse ponto onde a Tagarela já é uma instituição por si só, ela já faz parte do imaginário da faculdade e isso é uma riqueza muito grande. E eu fico muito orgulhosa, fico até emocionada de falar, porque não orgulhosa de mim só, orgulhosa do projeto, do que ele virou, e feliz de ver que, assim, uma coisa que eu pensei, que eu sonhei, que eu quis, hoje, com uma pequena contribuição minha, virou uma coisa que toca tanta gente, faz parte da vida de tantas pessoas, então, assim, eu sinto que eu sou uma partezinha pequena da tagarela, mas eu sinto que ela é uma parte muito grande de mim. Então, é isso. acho que eu respondi todas as suas perguntas, eu espero que a Tagarela ainda tenha muitos e muitos anos de vida e que ela seja cada vez mais cada vez mais ativa cada vez mais rica de tudo de gente, de dinheiro de jogo, de esporte enfim, eu acho que tem uma tem uma riqueza inexplicável assim, de fazer parte de um movimento como esse, tanto da gente que começou, que era do diretório do diretivo e tudo mais quanto de quem faz parte mesmo como atleta, como parte da bateria, como parte da torcida se

sentir parte de uma coisa maior que você é uma riqueza muito grande e eu espero que ainda a UFG possa proporcionar isso pra muita gente e no específico que a Tagarela possa proporcionar isso pra todo o pessoal ali da comunicação, do sistema de informação, porque eu acho que enriquece o percurso universitário, enriquece a vida, te oferece muitas relações importantes e prazerosas e ricas também, né? Para a vida, de forma geral. É isso._

C. 15 Transcrição Láira Machado

Meu nome é Láira Machado, eu fiz relações públicas de 2010 a 2013 na Federal. Na época a faculdade de comunicação era a Facombe, a gente chamava de Facombe. E em 2010 foi o ano que a Atlética foi criada, a Atlética de Comunicação foi criada. Eu fiquei sabendo da Atlética logo que eu entrei. Eu sempre fui apaixonada por esportes, então logo de cara eu já me dispus a participar, a ajudar. E meu primeiro Inter foi em 2010 e a gente foi com a cara e a coragem, com poucos atletas para jogar todas as modalidades. Porque nós tínhamos acabado de iniciar, as pessoas não tinham esse hábito, os alunos da faculdade de comunicação não tinham esse hábito de participar do Inter através de uma atlética, não era uma cultura da faculdade participar desse evento. Então a gente começou isso lá em 2010 e aí logo no ano seguinte eu já me tornei presidente da Atlética.

Quando eu entrei eu fui diretora de esportes, depois eu em 2011 me tornei presidente. Nós começamos a implantar essa cultura de união dos cursos, porque antes da Atlética, na verdade até em 2010 mesmo quando a Atlética foi criada a gente não conseguiu fazer a Calourada Unificada mas antes da Atlética era cada curso por si era cada um por si depois que a Atlética surgiu todos os cursos se uniram e a gente começou a fazer eventos para toda a faculdade de comunicação não eram mais eventos isolados de cada curso então foi em 2011 que nós fizemos a primeira Caloucom foi criada na minha gestão nós retomamos o Tiffu, o Tiffu era um evento da Facomb antigo, mas que tinha deixado de ser realizado por falta de pessoas mesmo pra poder tocar e organizar e a gente absorveu esse evento pra Atlética como um evento da nossa agenda, do calendário da Atlética. Então em 2011 também não retomamos e fizemos o Tiffu novamente, e a partir da foi uma crescente e eu falo que a Atlética foi uma crescente porque em 2012 nós viemos com uma calourada ainda maior 2013 foi o ano que nós criamos a bateria da Tagarela e foi sempre, sempre foi um sonho, né, além de esporte também sou apaixonada por música, e a gente sempre acompanhava e via as outras atléticas ensaiando, a gente participava dos inter só na parte esportiva e sempre ficava com muita vontade, com um anseio muito grande de

participar da bateria, do duelo de baterias. Em 2013, nós tomamos a decisão, a gestão, eu estive na gestão como presidente da Atlética de 2011 a 2013, e em 2003, na verdade, minto, foi em 2012.

No final de 2012, nos juntamos um grupo da faculdade que tinha interesse em tocar na bateria, em tocar na bateria. Nós fizemos uma reunião com esse grupo, eram mais ou menos umas 30 pessoas. Nós fomos atrás de um professor, e foi aí que nós conhecemos o Griff, muito provavelmente ele é conhecido até hoje dentro da Tagarela por ter acompanhado por muitos anos a bateria. E quando a gente conversou com ele, inclusive, bateu demais a sinergia, o pensamento, porque a Tagarela foi criada para poder fazer música com coração desde o início, para trazer coisa diferente. E a gente fez isso, né? Nós revolucionamos o duelo de baterias do Inter-FG. então em 2013 ou em 2012 nós começamos esse processo tomamos essa decisão juntamos esse grupo, esse grupo topou pagar uma mensalidade e foi aí que eu peguei o cartão do meu pai porque nós não tínhamos dinheiro nós não tínhamos crédito porque éramos apenas universitários que estavam ali começando a vida e a carreira profissional ainda nem tinha iniciado, todo mundo ali começando mesmo, então, apesar de que eu sempre falo que a Atlética foi uma escola, a Atlética foi uma escola para a vida, uma escola para a nossa carreira profissional, porque tudo que eu sei sobre gestão, eu comecei aprendendo lá na Atlética. Gestão de eventos gestão de pessoas gestão de uma forma geral, então pegamos o cartão do meu pai compramos os primeiros instrumentos compramos os instrumentos necessários para a gente dar início, dar o pontapé inicial, dividimos a compra em seis vezes, eu não esqueço, dividimos a compra em seis vezes, parcelado para poder pagar, todo mês a gente pegava as mensalidades, todo mundo juntava para poder pagar meu pai, pra poder pagar o professor. E aí a gente começou, né, nós começamos ali do zero mesmo, com todo mundo se apoiando, carregando instrumento pra lá e pra cá, com o carro da mãe, porque não tinha onde guardar. Então, eu lembro, assim, com muita emulsão do dia do duelo de baterias, em 2013, que eles chamaram a bateria, eles anunciaram a bateria tagarela pra poder entrar pra se apresentar e eu me emocionei assim demais, tanto que nós no nosso primeiro ano de apresentação nós ficamos em sexto lugar e pra gente foi como se fosse uma vitória a gente comemorou como se a gente tivesse ganhado a Copa do Mundo porque foi muito ...só de estar ali só de estar participando já foi uma grande vitória, e pra mim foi uma realização sem descrição, assim, não consigo nem expressar o quanto eu fiquei orgulhosa, o quanto eu fiquei feliz de poder ter dado esse primeiro passo, de poder ter participado, e depois eu consegui acompanhar, porque eu conhecia muitas pessoas na faculdade, eu acabei acompanhando todo esse processo de criação da tagarela e da atlética, desde quando

eu entrei até quando eu saí da faculdade, então eu participei de todas as recepções de calouros, de todos esses anos. Então eu vi essa cultura sendo implantada dentro da faculdade, esse amor, o meu sangue ferve por você, tagarela, todos esses cantos, todas essas músicas que iniciaram lá atrás, que nós começamos, o Escravo de Jó, depois os Jogos, então eu acompanhei e a Tagarela foi num crescente. No segundo ano ficou em terceiro lugar no terceiro ano ficou em primeiro lugar então uma felicidade grande gigantesca olhar hoje e ver o quanto ela cresceu o quanto a Atlética cresceu o quanto isso uma coisa que nela existe ela tá ali, né, na veia da faculdade. Quem entra, já entra sabendo, já entra conhecendo. então é isso todo esse trabalho que foi iniciado lá atrás é gratificante olhar hoje acompanhar e ver que ele deu continuidade que teve continuidade e finalizando como eu falei a Atlética foi uma escola a Atlética me ensinou a aplicar, inclusive, muitas coisas que eu aprendi na faculdade, me fez entender o quanto o relacionamento é importante, muitos empregos que eu consegui depois de ter formado, e até na época da faculdade, eu usava a atlética como referência, porque é muito claro que quando você está em posições de liderança, mesmo quando você ainda não tem uma vida profissional ali encaminhada, isso é visto com bons olhos. Então, sempre foi visto com bons olhos a minha participação ativa dentro da atlética. Fora a quantidade de pessoas que você conhece, eu conheci muitas pessoas de outros cursos, de outras faculdades, e isso faz com que você seja uma pessoa bem relacionada, e isso com certeza te traz bons resultados no futuro, isso te traz visibilidade, né, de uma forma boa, positiva, e eu aconselho que as pessoas participem, que elas vejam como funciona, que inclusive é na prática, é fazendo que a gente aprende. Então, um abraço aí para toda a equipe de vocês, um abraço para quem está escutando, para todos os universitários que têm dúvida, se participam ou não é muito gratificante você ver um trabalho seu sendo perpetuado.

C. 16 Transcrição Marina Veiga

ANDRESSA SILVA VASCO: Começou a gravação. Marina, como foi o início da sua trajetória dentro da Tagarela? Como tudo começou?

MARINA: Eu venho de uma família em que o esporte sempre foi muito presente. Meus pais são formados em Educação Física, e meu pai foi atleta de futebol. Então o esporte sempre fez parte da minha vida. Sempre pratiquei muitas atividades físicas e, quando entrei na faculdade, queria continuar praticando algum esporte, especialmente handebol, que sempre foi o meu preferido.

Quando entrei, no começo do ano, eu estava machucada. Assim que me recuperei, faltava cerca de uma semana para o Pré-Inter. Entrei no time muito rápido, joguei, e tudo aconteceu naturalmente. No segundo semestre, quando voltamos a treinar, não havia mais time de handebol feminino treinando pela Tagarela. O único esporte feminino ativo era o futsal, então entrei para o time de futsal.

Dentro do futsal conheci a Michele, que era diretora esportiva da Tagarela. Ela viu potencial em mim para entrar para a atlética e me incentivou a participar do processo seletivo. Eu não entendia muito bem como funcionava, porque meu contato com a atlética era apenas como atleta, não conhecia o lado das festas ou dos projetos sociais. Ainda assim, me candidatei para diretora esportiva e entrei no fim de 2018. Meu primeiro evento foi o Tifu, em 1º de dezembro. A partir daí, comecei minha trajetória na Tagarela.

Fiquei como diretora esportiva por cerca de quatro anos, de 2018 a 2021, e em 2022 assumi como vice-presidente.

ANDRESSA SILVA VASCO: Como funcionava o processo seletivo na sua época? Quais eram os critérios?

MARINA: Primeiro, a gente se inscrevia por um formulário, escolhendo a diretoria de interesse. Depois, havia uma reunião presencial com todos os candidatos. Lembro que foi numa sala, à noite. A atlética inteira participava e nos apresentavam um case fictício. Por exemplo: “A Tagarela tem tal problema no esportivo; como você solucionaria?”. Então precisávamos apresentar uma resposta.

Além disso, conversávamos individualmente com alguns membros da atlética. Com base nas respostas e no perfil da pessoa, decidiam quem seria aprovado.

ANDRESSA SILVA VASCO: E para ser vice-presidente? Como funcionou, especialmente no pós-pandemia?

MARINA: A Tagarela funciona com eleição. É diferente de muitas atléticas, que trabalham com indicação. Temos estatuto, quórum, regras de votação. Os cargos do executivo são presidente, vice-presidente, tesoureiro e gestão de pessoas.

Minha eleição foi por acaso. Eu já estava há muito tempo na atlética, mas estava no meu último ano, fazendo TCC e cansada. A pandemia trouxe muitas mudanças e muita gente nova entrou na atlética sem vivência universitária anterior. Eu e um amigo éramos os únicos que ainda estavam desde antes da pandemia. Eu já tinha preenchido o formulário de saída da atlética, mas

na semana seguinte preenchi o de candidatura, porque me pediram muito para ficar, precisavam de alguém experiente.

As eleições foram online. Criamos formulários e todos os diretores com mais de um ano votavam. Acabei assumindo a vice-presidência, mas um mês depois o presidente precisou sair porque passou a trabalhar numa empresa de eventos que não permitia vínculo com atléticas. Ele me deixou sozinha na gestão, mas seguimos com o restante da diretoria.

ANDRESSA SILVA VASCO: Quais foram suas principais responsabilidades como vice-presidente no pós-pandemia?

MARINA: Dois desafios foram enormes:

1. O financeiro. Tudo ficou mais caro :os fornecedores, quadras, estruturas. A Tagarela tinha pouquíssimo dinheiro em caixa, cerca de mil reais, então precisávamos garantir que esses custos não recaíssem sobre os atletas. Uma festa que antes custava 20 mil passou a custar 50 mil. Tivemos que nos reinventar totalmente.
2. O espírito universitário. Esse foi o maior desafio. As pessoas que voltaram para a faculdade eram calouros que viveram o ensino médio na pandemia. Muitos não sabiam o que era vida universitária, muito menos o espírito de uma atlética. Precisamos ensinar a eles o que era ser Tagarela, engajar gente para jogar, para ir aos eventos, para entrar na diretoria. Foi um processo longo, mas eu acredito que conseguimos.

ANDRESSA SILVA VASCO: Você enfrentou algum problema por ser mulher, seja na vice-presidência, seja no esportivo?

MARINA: Não. Desde o início eu lidava com times dos quais eu mesma fazia parte, então era tudo muito natural. Depois, quando virei coordenadora, já era muito respeitada, amiga de todo mundo, então nunca tive problema por ser mulher. Tive mais dificuldades com times insatisfeitos com decisões da atlética do que comigo enquanto diretora.

ANDRESSA SILVA VASCO: Você tem algum momento marcante dentro da Tagarela?

MARINA: Muitos. Mas destaco três:

Como atleta: O Inter 2019. O sistema era diferente: só oito atléticas participavam, após o Pré-Inter. Jogar o Inter já era uma vitória. Ganhamos de um dos favoritos por uma bola. Eu fiquei suspensa por dois minutos e só voltei faltando 30 segundos. Foi o jogo mais emocionante da minha vida pela Tagarela.

Como vice-presidente: A Calourada 2022. Faltando um mês para o evento, descobrimos que o espaço contratado não tinha alvará. Perdemos R\$ 7.500 de sinal e tivemos que mudar tudo. Conseguimos realizar na 2ª Ipês, foi o primeiro evento universitário de lá. A festa foi a maior em público da história da Tagarela. Eu e o Henrique choramos no palco.

Inter 2022: Mesmo com poucos recursos e com toda a dificuldade do retorno pós-pandemia, ficamos em oitavo lugar na classificação geral nossa melhor colocação até então. Foi muito emocionante.

ANDRESSA SILVA VASCO: A Tagarela te ajudou profissionalmente?

MARINA: Muito. Hoje tenho uma produtora e meus sócios são pessoas que conheci na atlética. A faculdade de Jornalismo na UFG é muito teórica. A prática eu tive na Tagarela: comunicação, gestão, organização de eventos. Também sou repórter esportiva do Vila Nova, e grande parte da minha bagagem veio do esporte dentro da Tagarela.

ANDRESSA SILVA VASCO: Deixe uma mensagem final para quem quer entrar na Tagarela.

MARINA: A Tagarela é muito mais que uma instituição estudantil: é casa, família e experiência de vida. A atlética te ensina a conviver, resolver problemas, lidar com pessoas e criar vínculos que você leva para sempre. Se tiver oportunidade, entre. Mesmo que não passe na primeira tentativa, tente de novo. A Tagarela pode mudar sua vida se você deixar.

C. 17 Transcrição Maykon Cavalcanti

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Legal. Deixa eu entender. Você estuda na PUC, né?

ANDRESSA SILVA VASCO: Isso, eu estudo na PUC. Eu faço Jornalismo na PUC. Então a minha atlética é da Comunicação também, é a Matilha. Não sei se você já ouviu falar.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Legal, olha...

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Sim, conheço. Inclusive, quando eu entrei, a gente tinha uma parceria bem legal. Até hoje eu tenho contato com a Babi, que era presidente na minha época. Ainda conversamos, somos amigos.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: A gente se tem no Instagram, conversa... no trabalho também. A gente chegou a fazer parcerias e tal.

ANDRESSA SILVA VASCO: Aí eu sou presidente da Matilha atualmente.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Ah, é? Legal.

ANDRESSA SILVA VASCO: Eu estou no meu terceiro mandato, estou há um ano e meio na gestão da Matilha. E eu queria um trabalho que tivesse a minha cara. Que quando o orientador ou a banca olhasse, soubesse que é o meu trabalho.

ANDRESSA SILVA VASCO: Então, não tem nada que seja mais a minha cara do que isso.

ANDRESSA SILVA VASCO: Eu quis fazer sobre atlética porque achei que teria tudo a ver comigo.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Pronto.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Legal, legal. O meu TCC também... só contextualizando, a minha primeira ideia de TCC tinha a ver com atlética. A minha ideia inicial era fazer como se fosse um comercial que falasse sobre a dedicação dos diretores, dos ritmistas, dos atletas... exaltar esse amor que a galera tem pelas atléticas.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: A ideia era incentivar as pessoas a participarem das atléticas, sabe? Só que aí esbarrei no problema da produção audiovisual, que demandaria tempo que eu não tinha. Uma dedicação que infelizmente, na época, eu não podia ter.

ANDRESSA SILVA VASCO: Certo. E qual foi o curso que você fez?

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Publicidade.

ANDRESSA SILVA VASCO: Você entrou na atlética em 2015?

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Não. Eu entrei na faculdade em 2014. No início de 2014. Os cursos da UFG de Comunicação não têm entrada no meio do ano, né?

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Então entrei em 2014/1 e já no meu primeiro mês de faculdade eu me envolvi com a atlética.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Na minha época a bateria era unificada junto com a atlética. Eu vi uma apresentação da bateria e fiquei encantado. Comecei a ir aos ensaios e ajudar o pessoal.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: A gente tinha um problema muito grande de logística e eu era uma das únicas pessoas que ia aos ensaios de carro, então ajudava a transportar os instrumentos.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Com o tempo fui fazendo amizade. Eu gosto muito de esporte, embora seja muito ruim em todos. Comecei a ir aos treinos mais pela resenha do que pela prática.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Com dois, três meses de faculdade eu já estava bem dentro. Já participava da bateria inclusive.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Com dois, três meses eu já era praticamente um diretor, porque participava das reuniões. A presidente morava perto da minha casa e eu dava carona pra ela, então ela me convidava para ir às reuniões do Inter.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Eu não participava das reuniões da atlética, mas ia nas da bateria e ajudava muito. Então com pouco tempo eu já estava praticamente dentro da diretoria.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: As eleições aconteciam sempre depois do Inter. Então, depois do Inter de 2014 eu entrei oficialmente na atlética. E depois do Inter de 2015 eu me tornei presidente.

ANDRESSA SILVA VASCO: Certo.

ANDRESSA SILVA VASCO: E como era a atlética? Como era a Tagarela? Porque você falou que a primeira vitória no Inter foi nesse ano, né? Foi o ano que você entrou, que você falou... Foi antes de você ser presidente?

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: É... então... Em 2014 a gente pegou pódio pela primeira vez. Ficamos em terceiro lugar.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Eu não era diretor, só ajudava o pessoal. Não era oficialmente da diretoria.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: E pra você ter uma ideia... duas semanas depois a gente fez uma festinha pra comemorar o título. Fizemos com a bateria. Uma semana depois já foi a eleição.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: E aí eu já me tornei presidente.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: E foi até assim, uma loucura, porque a gente não tinha instrumento para todo mundo. Acho que eram uns trinta e poucos instrumentos, e chegou lá mais gente do que a gente imaginava. Então, por exemplo, quem estava tocando ficava ali uns

quinze minutos e tinha que passar para outra pessoa, porque não tinha como todo mundo tocar ao mesmo tempo.

Foi completamente fora do planejado, mas a gente sabia que aquela empolgação inicial era por causa do título. Depois, naturalmente, o pessoal iria saindo, porque manter o ritmo exige esforço e identificação muito grandes. Mas, mesmo assim, pelo que lembro, em 2016 foi o ano em que tocamos com a maior quantidade de ritmistas. Acho que foram uns sessenta e poucos ritmistas. Mas, de fato, a grande mudança foi o impacto no cenário das atléticas.

Para o cenário externo, passamos a ser vistos como uma atlética competitiva. E, internamente, dentro da FIC, fomos reconhecidos como uma agremiação séria, que tinha benefícios reais em participar. A gente ganhou um alcance muito maior. Na FIC, tínhamos em torno de mil alunos, e antes do título conseguíamos atingir cerca de 10% a 20% deles. Depois do título, estimamos que chegamos a alcançar quase 30% de engajamento, com atletas treinando frequentemente.

ANDRESSA SILVA VASCO: E esse título foi específico da bateria, né? O pódio foi da bateria ou da Tagarela no geral?

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Então, o que acontece? Na época, não tinha separação entre bateria e atlética. A única que tinha essa divisão era Medicina. E, inclusive, as atléticas eram conhecidas pelo nome do curso. A gente, por exemplo, era chamada de "Comunica", que era a atlética de Comunicação. Administração era "a atlética de Administração", Agronomia "a atlética de Agronomia", e assim por diante.

Nós fizemos parte do movimento que levou o nome da bateria a se tornar o nome da atlética. Era como se fosse nosso nome oficial. Na época, formalmente, éramos a Associação Atlética Acadêmica de Comunicação e Informação. Mas todo mundo nos conhecia como Tagarela, porque fizemos essa mudança de identidade.

Por isso, estou te explicando isso: na época, não havia diferenciação entre atlética e bateria. Então, quem foi pódio, quem foi campeão, foi a atlética e a bateria também, porque era tudo a mesma coisa.

ANDRESSA SILVA VASCO: Ahh, é a mesma coisa.

ANDRESSA SILVA VASCO: Então não tinha essa separação. Porque agora, não sei se você chegou a ver no Inter... tem o pódio da bateria e tem o campeão geral, né?

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Ah, então... sim, sim. Também tinha essa separação: eram duas competições completamente diferentes. A competição de bateria e a competição esportiva. Isso sempre foi distinto. Então a gente foi pódio da bateria. Na parte esportiva, a gente nunca teve pódio.

ANDRESSA SILVA VASCO: Entendi. E você falou que antes fazia parte da atlética... mas o que te levou a assumir a presidência da Tagarela?

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Então... eu sempre tive essa facilidade com organização. Eu gosto de fazer parte da estrutura das coisas, porque me sinto útil. Desde moleque, eu participava dessas coisas, representante de turma, organização dos jogos escolares...

E tem algo que carrego até hoje: eu gosto muito de esporte, só que sou ruim em todos. Então gosto de participar de forma útil. Mesmo que eu não jogue bem, eu quero estar ali para contribuir no que for necessário.

Na reta final da faculdade, por exemplo, eu foquei no time de futsal masculino. Eu jogava mal, mas ia em todos os treinos, ajudava os meninos no que precisavam, levava e buscava, ficava na beira da quadra dando água o que precisasse. Isso me motivava.

Além disso, eu me senti muito abraçado pela atlética. Até hoje, meus melhores amigos vieram desse período. Então o que me motivou a assumir a presidência foi ver que a atlética estava em um processo de transição: deixando de ser algo bairrista, de um grupo pequeno da FIC, para se tornar uma atlética com representação real na universidade.

Ela precisava de alguém disposto a colocar a cara a tapa. A então presidente, estava saindo e entrando no mercado de trabalho. Normalmente, quem assumia a presidência era alguém do terceiro ano, porque no quarto ano o foco era o TCC.

No estatuto, na minha época, era assim: para entrar na atlética, precisava ter um ano de curso. Para ser diretor, precisava ter um ano dentro da atlética. E para ser presidente, precisava ter um ano como diretor. Era um ciclo certinho.

Minha entrada como presidente aconteceu porque também não tinha outros candidatos. Só existiam candidatos à vice. Então acabou sendo uma combinação de oportunidade com motivação.

Outra tradição nossa era que a gestão atual sempre sabia quem seria a próxima, porque a gente preparava essas pessoas. Claro que era por eleição, então podia não acontecer e às vezes realmente não acontecia. Mas, no geral, havia essa preparação.

No meu mandato, que era para ser dois anos, mas acabou sendo um ano e meio, eu já sabia quem iria assumir depois. Era a Vitória e a Maria. Eu já ia passando as coisas para elas.

Enfim me estendi aqui, mas o que me motivou foi querer fazer parte de algo grande e a oportunidade que surgiu.

ANDRESSA SILVA VASCO: Sobre a eleição, eu entrevistei a Luvi, que foi a presidente antes do último mandato agora. Ela falou que continua a mesma coisa: a pessoa tem que ter um ano de atlética, depois um ano de diretoria, e é escolhida por votação. Então, pelo que ela disse, o processo continua igual.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Na verdade, isso foi e voltou. O que aconteceu é que tivemos que mudar o estatuto quando eu entrei, porque entrou um curso novo. Antes éramos só a Faculdade de Comunicação, Relações Públicas, Jornalismo e Publicidade. Aí entrou Biblioteconomia e Gestão da Informação, e tivemos que mudar o estatuto para “Comunicação e Informação”.

Aproveitamos essa mudança para ajustar o estatuto e permitir que eu pudesse ser presidente, porque não havia pessoas aptas a cumprir os requisitos. Isso se manteve por vários anos.

Depois, quando foram abrir o CNPJ, acho que por volta de 2020 ou 2021, voltou a lógica antiga. Eu não sei exatamente o ano. A Luvi deve ter te explicado melhor, porque foi quando entraram na Liga do Inter, e aí realmente tiveram que fazer adaptações.

Lembro que quem cuidou dessa atualização foi o Lucas Chitão, que era calouro da minha turma e também virou presidente. Ele chegou a me consultar sobre isso, perguntando como era antes. Expliquei que o estatuto havia sido ajustado em 2015 para permitir minha candidatura, e ficou assim até por volta de 2020/2021.

ANDRESSA SILVA VASCO: Ela falou que a mudança para se encaixar na Liga Inter foi por volta de 2023.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Pois é, eu já não lembro. Eu me formei em 2018. Até a pandemia eu ainda tinha contato com o então presidente, mas depois fui me afastando, comecei a trabalhar... tive uma empresa que atendia atléticas. Em 2022 fechei a empresa e depois disso

perdi o contato com os presidentes mais novos. Então realmente não sei a linha do tempo certinha.

ANDRESSA SILVA VASCO: E para você, qual foi o principal desafio que você enfrentou sendo presidente da Tagarela?

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: A primeira grande dificuldade é financeira. Acho que você sabe muito bem disso: uma atlética é 100% independente, depende totalmente do próprio faturamento. Se não tem caixa, não tem caixa. Patrocínio financeiro mesmo é quase impossível. No máximo, permuta.

E, pelo menos na UFG, na FIC, não tínhamos nenhum apoio dos diretores. Isso foi um grande desafio. Ganhamos o Desafio de Baterias e não tinha premiação nenhuma. Nada.

Então tivemos que lidar com esse holofote sem ter recursos. Tínhamos que dar um passo maior para conseguir dinheiro e investir mais.

Outro grande desafio é que, na minha época, o cenário das atléticas era muito mais fechado e preconceituoso. E nós éramos claramente vistos como uma atlética “alternativa”. Levantávamos a bandeira de que éramos uma atlética do público LGBTQIA+.

Nossas festas eram voltadas para esse público: pop, funk, performances de drag queens... temos até uma história muito legal: estávamos praticamente fechados com a Pabllo Vittar para fazer um show. Na época, ela era bem pequena, tocava em algumas boates em Goiânia, e a gente conseguiu fechar para levar..., mas acabou não...

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Então, a gente deu ali um espaço, no início, para drags que estavam começando a fazer apresentações. Eu fui o primeiro presidente homem da Tagarela e o primeiro presidente heterossexual da Tagarela. Não vou dizer que isso foi um problema, não é sobre isso, mas, defendendo o meu público, tivemos vários enfrentamentos.

Nós chegamos a marcar festas em alguns espaços e, quando o proprietário entendia melhor o tipo de festa, recusavam fechar com a gente, porque viam como “festa promíscua”, já que era uma festa voltada para o público gay. E a gente sempre teve essa proposta: pegação, apresentações burlescas, drags... Isso gerava preconceito. Mas, ao mesmo tempo, a gente via como positivo, porque criava um espaço seguro e de confiança para uma galera que não tinha isso dentro da universidade.

ANDRESSA SILVA VASCO: E em relação às conquistas, qual foi a maior durante a sua gestão dentro da Tagarela?

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: A minha maior conquista, cara... eu diria que foi a mudança do nosso branding. Com muito orgulho, eu digo que mudamos a forma como as atléticas se comunicavam. Nós adotamos o nome Tagarela, fomos a primeira atlética a colocar o nome da bateria no próprio logo. Antes disso, era tudo separado: “Atlética Comunica” e “bateria Tagarela”. Nós unimos tudo nós éramos a Tagarela, atlética e bateria.

Isso movimentou muito o cenário. A própria Matilha, que era nossa parceira, não se chamava Matilha ainda era atlética de Comunicação da PUC. Nas atléticas da UFG também era tudo por curso. Nosso logo e nossa identidade impactaram as outras atléticas. A gente contratou um ilustrador e um designer profissional, fez uma identidade completa. Ele até hoje tem orgulho disso no Behance.

Nós lançamos uma camisa, e ela vendeu para todos os cursos. Umas 400 camisetas, sendo que éramos uma atlética pequena. Então, pra mim, nossa maior conquista foi esse posicionamento de marca. Não foi esportiva, não foi medalha foi identidade.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: (Quando você falou, não te escutei.)

ANDRESSA SILVA VASCO: E teve algum momento que foi importante para você, que te marcou como pessoa dentro da Tagarela?

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Eu diria que foi a minha saída da gestão. Eu ainda tinha tempo de mandato, mas já sabia quem assumiria a Vitória e a Maria. Elas não sabiam que eu ia sair; achavam que eu cumpriria meu segundo mandato completo. Mas foi uma decisão pessoal, eu queria sair naquele momento.

Para mim, foi uma sensação de dever cumprido e, mais ainda, de ter construído algo importante na minha vida. Eu entrei uma pessoa e me formei outra. A faculdade foi muito mais enriquecedora no pessoal do que no profissional. Durante minha gestão, quando acabou meu primeiro mandato, desliguei todos os diretores. Fizemos um processo seletivo do zero. Só ficou eu e o vice-presidente. Por quê? Porque vícios estavam sendo criados, amizades demais e pouco profissionalismo.

Conseguimos separar o pessoal do profissional. E, quando eu me desliguei, percebi que construí um grupo de amigos que é meu até hoje. Até hoje passo meus réveillons, meus carnavais com essa galera. A Vitória, que eu te passei contato, é uma das pessoas que mais falo. Ela mora em

São Paulo, eu no Tocantins. Então, pessoalmente, minha saída foi o momento mais marcante, porque consolidou quem eu me tornei.

ANDRESSA SILVA VASCO: E como funcionava a escolha da gestão? Como você fez essa escolha depois do desligamento?

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Era uma eleição normal. As pessoas se candidatavam. Mas, claro, alguns diretores se destacavam e ficavam mais próximos da gestão, com mais acesso às informações, mais desenvolvimento.

O desligamento total aconteceu porque, na mudança do estatuto, havia algo que permitia isso. Fizemos votação: reeleição primeiro, depois votação pelo desligamento de todos os diretores, mantendo apenas a presidência e vice. Depois, muitos voltaram. Queríamos apenas uma mudança oficial. E, mesmo assim, erramos muito escolhendo diretores novos que não tinham muito a ver. Foi tudo via processo seletivo, por entrevistas.

Mas teve casos muito positivos, como o Jefferson, que era totalmente desconectado da atlética e vinha da política estudantil. Ele virou nosso braço ativista, essencial em pautas importantes.

Fazíamos assembleias, só a diretoria participava. A assembleia de reeleição, depois assembleia de desligamento, e então o novo processo seletivo. A única forma de remover alguns diretores era remover todos e recomeçar.

ANDRESSA SILVA VASCO: E você acha que algo da sua gestão impactou a atual gestão?

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Acredito que sim. Principalmente a aproximação com outras atléticas. Isso não existia antes. Sempre fui muito sociável, tinha muitos amigos de outras atléticas. Fizemos nossas primeiras colabs: uma chopada com Relações Internacionais, treinos juntos com outras atléticas...isso virou uma marca da Tagarela depois: essa parceria, essa proximidade com outras atléticas.

ANDRESSA SILVA VASCO: Quer deixar algum conselho para quem está assumindo agora?

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Quem é o presidente atual?

ANDRESSA SILVA VASCO: O Jesse.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Legal. Eu até comprei uma camiseta da Tagarela. Guardo tudo até hoje.

Meu conselho pode não ter muito a ver com o seu trabalho, mas vai para o lado emocional. Aproveita. Aproveita a experiência. Isso vale para você também, como presidente da Matilha. Gerir pessoas é uma das coisas mais difíceis do mundo. Hoje eu tenho 60 funcionários e muita coisa que sei veio da Tagarela. A forma de diálogo, de lidar com pessoas diferentes... aprendi ali.

Então: aproveita. É o único momento da sua vida em que você consegue curtir e ter responsabilidade ao mesmo tempo. Na vida adulta isso não acontece. A parte técnica do conselho: escute as pessoas. Gestão de atlética não pode ser centralizada. Tem que ser múltipla. A atlética é uma associação que representa outras pessoas. Não é uma empresa com dono.

Escute o que o seu público fala. E entenda que o cenário muda. Na minha época era pop e funk; hoje é eletrônico. Eu e a galera antiga rimos disso, ficamos “chocados”, mas é a geração de vocês e tudo bem. A atlética tem que se adaptar.

A atlética é viva, orgânica. Estatuto muda, decisões mudam. É o momento certo da vida para ousar. Depois que forma, tudo fica rígido. Chato. Pesado.

A experiência da atlética é única. Eu digo isso para minha irmã de 17 anos: participe de uma atlética. Conheça pessoas. Vá aos jogos, festas, treinos. Compre os produtos depois vira nostalgia. Eu tenho mais de 20 camisas da Tagarela. Uso para jogar vôlei, academia... porque me orgulho disso.

ANDRESSA SILVA VASCO: E é exatamente isso que quero trazer no meu trabalho essa nostalgia. A Matilha foi a parte mais importante da minha faculdade. Fiz muito networking.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Sim. Networking é tudo. Eu tenho uma empresa no Tocantins. Meu advogado é um cara que conheci sentado na porta de uma sala da UFG, esperando o resultado do Desafio de Baterias. Nos tornamos amigos ali. Antes de abrir minha empresa atual, eu trabalhava em uma empresa de shopping, e a campanha de Dia das Mães...

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: A gente precisava sortear um carro. Eu fiz uma parceria com a Babi, que na época era do marketing da Saga Nissan. A gente fez uma parceria muito legal. E como eu conheci a Babi? Pela atlética. Depois, a gente fez uma campanha de mais de dois milhões de reais lá, e quando eu cheguei na reunião, o gerente de marketing era o Pernisa, que tinha sido presidente da Matilha antes da Babi. E olha que eu nem era amigo deles, mas os conhecia. Quando você encontra uma pessoa que você já tem lembrança da época de atlética,

isso facilita tudo. Ah, e detalhe: eu só consegui aquele emprego porque a coordenadora de seleção era uma ex-presidente da Tagarela. Ela me conhecia e me colocou em projetos dentro da empresa, onde eu me destaquei, porque ela tinha confiança em mim por causa da atlética. A gente nunca tinha trabalhado juntos antes.

Hoje, por exemplo, o diretor de expansão da Óticas Brasil que é uma rede muito grande aí em Goiás era presidente da atlética de Administração. A gente estava em uma reunião para mudar a Óticas Brasil de lugar no shopping, e quando eu cheguei e vi que era ele... pronto, já começamos ali a trocar ideia. Ele sim era bem próximo de mim na época da faculdade.^[1] Então, isso tudo é muito legal. Esse networking que você constrói na atlética você leva para a vida. Quando você chega no mercado de trabalho seja numa entrevista, seja encontrando alguém que vai ser seu chefe, ou alguém para uma parceria comercial — se essa pessoa conviveu com você no meio das atléticas, ela já sabe quem você é.

E saber o básico sobre sua dedicação importa muito porque, cara, é um trampo de graça. O que a gente faz na atlética é um trapaço. E quem vê isso sabe sobre compromisso, responsabilidade. Então você já sai na frente.

Então, assim, leve esse networking com você. Ele é fantástico.

ANDRESSA SILVA VASCO: O povo tem mania de achar que é bagunça, né? Mas só quem está dentro de atlética sabe o tanto que dá trabalho e o tanto que você precisa realmente gostar, porque é um trabalho voluntário. Você não recebe nada.^[2] E você precisa ter muita responsabilidade, principalmente quando é presidente, porque tudo fica no seu nome.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Perfeito! Eu penso nisso até hoje. A gente assinava contrato de locação de espaço no CPF com 20 e poucos anos. Se as festas que eu organizei tivessem dado errado, eu nem sei o que faria, porque eu não tinha nada no meu nome.

ANDRESSA SILVA VASCO: A Matilha ainda não tem CNPJ. A gente faz tudo no CPF do presidente. Então tudo que a gente assina é no meu nome. É uma responsabilidade enorme. Mas, ao mesmo tempo, a gente já chega no mercado de trabalho dez casas à frente dos outros.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Com certeza. Isso te ajuda muito na tomada de decisão. Porque, na vida profissional, você vai ter que decidir entre A e B. E você vai lembrar: “Cara, sério, o máximo que pode acontecer é eu ser demitido.” Mas três meses antes você estava decidindo se A ou B ia te gerar uma dívida de 100 mil reais. Isso cria casca. Casca de verdade.

Empresa Júnior é massa? É. Projeto de pesquisa? Muito bom também. Mas atlética... atlética é empreender. Se tiver retorno, é retorno para a associação. Se tiver prejuízo, é prejuízo para você, pessoa física.

ANDRESSA SILVA VASCO: Sim. E eu falei isso ontem para o pessoal. Sempre digo para quem entra na atlética: aproveita tudo que dá para aproveitar na faculdade. Estou no final do curso, mas tudo que eu quis fazer, eu fiz. CA, DCE... participei de tudo. Não me arrependo de nada.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Perfeito. É agora que vocês têm energia para isso. Depois que entra no mercado de trabalho... esquece. A gente, logo depois de formar, até brincava: “Vamos montar uma mini bateria só para encontrar a galera!” Mas é impossível encaixar. A vida vai mudando, e está tudo bem.

ANDRESSA SILVA VASCO: Mas é isso. Muito obrigada pela sua participação. Vai agregar muito ao nosso trabalho.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Que ótimo!

ANDRESSA SILVA VASCO: Você falou daquele menino, o Jefferson, da parte política que agregou muito. Você tem contato dele?

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Tenho sim. Eu tenho ele no Instagram. Posso pedir para ele, e acho que ele falaria muito bem. Ele foi presidente do CA, é um cara extremamente politizado, acho que seria interessante.

ANDRESSA SILVA VASCO: Seria superinteressante. Se puder ver com ele e me passar o contato...

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Beleza. Eu vou mandar mensagem para ele. Com certeza ele participa.

ANDRESSA SILVA VASCO: Ótimo! Muito obrigada. Vou te mandar o termo de uso de imagem e voz para você assinar. Qualquer dúvida, estou no WhatsApp.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Perfeito, Andressa. Qualquer coisa, só mandar mensagem.

ANDRESSA SILVA VASCO: Obrigada! Tchau, ótima tarde.

MAYKON CÉSAR CAVALCANTI: Por nada! Tchau, tcha

C. 18 Transcrição Léo Roque

LEO ROQUE: Enquanto ela não entra, eu estou tentando resolver minha internet aqui. Estou sem internet desde de manhã.

ANDRESSA SILVA VASCO: Sem problemas. Ela disse que estava entrando pelo computador e estava demorando. Vou ver com ela novamente.

LEO ROQUE: Casa.

ANDRESSA SILVA VASCO: Entrou.

MARIA CLARA FERREIRA GIRELLI: Bom dia.

ANDRESSA SILVA VASCO: Uhum.

LEO ROQUE: Bom dia, tudo bem?

MARIA CLARA FERREIRA GIRELLI: Tudo bem, e você?

LEO ROQUE: Tudo bem também.

ANDRESSA SILVA VASCO: Então, vou te explicar mais ou menos como funciona o nosso trabalho. Eu sou a Andressa, e essa é minha dupla de TCC, a Maria Clara. Eu sou a atual presidente da Matilha e ela é diretora de produtos. Estamos na atlética desde que entramos na universidade. Então, já temos mais de três anos de atlética.

LEO ROQUE: Legal.

ANDRESSA SILVA VASCO: Eu costumo falar que a Matilha foi a melhor parte da faculdade pra mim, porque realmente foi muito importante todo esse processo. Eu entrei como diretora esportiva, depois fui para a direção geral, e no ano passado assumi a presidência da Matilha. Então, eu já passei por muitas áreas.

E como foi a melhor parte da faculdade para nós duas, e o nosso TCC é em dupla, queríamos algo que fosse importante para nós. Queríamos fazer algo que, quando a pessoa olhasse para o trabalho, enxergasse a Maria Clara e a Andressa. E nada relacionado à faculdade ou ao curso era tão importante quanto a atlética.

Conversando com nossa orientadora, pensamos em um podcast. Mas se falássemos só sobre a Matilha ou só sobre o esportivo da Matilha, ia ficar muito limitado. E não era o que queríamos.

Então, optamos por fazer uma série de podcasts com atléticas do estado de Goiás. Vamos abordar não só a Matilha, mas outras atléticas também.

Pensamos, entrando na parte da Matilha, em conversar com pessoas que fizeram parte da história. Porque, pesquisando, não encontramos muitos dados, nada muito preciso. A área de pesquisa sobre atléticas ainda é quase inexistente.

No meu estágio atual, muita gente falou de você. Pessoas da Matilha também comentaram, porque você já foi presidente. Então quisemos ter essa conversa. Vamos fazer algumas perguntas, mas você pode falar o que quiser, tá bom?

A Matilha foi fundada em 2010. Você foi vice-presidente em 2013 e presidente em 2014, né?

LEO ROQUE: Isso. Eu entrei na faculdade em 2011.

ANDRESSA SILVA VASCO: Um ano após a fundação da Matilha. Então, quando você entrou, ela ainda estava muito recente. Como foi entrar na universidade nesse início? Como era a atlética nessa época?

LEO ROQUE: Quando entrei, em 2011, a atlética era praticamente só de Publicidade, não era de Comunicação. Não tinha muita divulgação, era meio uma panela. Eram só alguns amigos que tinham a atlética. Usavam o nome de atlética de Comunicação, mas só havia pessoas da Publicidade.

Quando eu entrei, acho que só tinha uma ou duas pessoas do Jornalismo. Eu era muito tímido, não participava de nada antes da faculdade.

No segundo semestre de 2011, assumi a vice-presidência do CA de Jornalismo, que estava inativo. Reativamos o Centro Acadêmico. Apesar de eu gostar muito do CA e do DCE, o que eu mais gostava na vida era esporte. Então queria algo voltado ao esporte.

Como vice do CA, comecei a procurar o pessoal da Publicidade da atlética para entender como funcionava. Em 2011, eu não participei do InterPUC, porque eu não conseguia encontrar ninguém da atlética. Só soube que estava acontecendo quando já tinha começado.

No começo de 2012, consegui contato com a presidente da época, Ana Júlia. Falei: “Vocês usam o nome Comunicação, mas não tem ninguém do Jornalismo. Ou abrimos espaço para o Jornalismo, ou vocês param de usar o nome Comunicação, porque criaremos outra atlética.”

Como Comunicação tinha poucos alunos, seria ruim dividir. Então decidimos divulgar mais e usar o CA para chamar alunos de Jornalismo.

Quando o pessoal começou a participar, em 2012, entramos de cabeça. Só que a atlética ainda não tinha nada. O primeiro uniforme foi a própria PUC que deu, em 2011, para as atléticas que iam ao InterPUC.

Quando entrei mais ativo em 2012, falei: “A gente precisa ter um uniforme próprio, com nossa cara.” O escudo não tinha identidade, ninguém sabia se era um lobo, uma raposa... uma bagunça.

ANDRESSA SILVA VASCO: E sobre essa identidade visual na época já chamava Matilha ou ainda era Falange?

LEO ROQUE: Foi depois que eu entrei que começamos a mudar isso. Eu dizia: “Precisamos modernizar o escudo.” Ele parecia mais uma raposa do que um lobo.

Na época, eu nem tinha cargo, porque quase não existia diretoria. Era só a presidente, Ana Júlia, e o Juan, que era meio que o vice, por estar mais envolvido com outras atléticas.

Aos poucos, mais pessoas começaram a querer participar, principalmente o pessoal do Jornalismo.

No Inter de 2012, o portal de notícias onde eu trabalhava patrocinou a primeira bandeira da atlética.

ANDRESSA SILVA VASCO: E me fala um pouco sobre a troca de nome e de logo. Por que Matilha? Por que o lobo?

LEO ROQUE: O lobo já era desde o começo. A ideia era mostrar união lobos caçam melhor juntos. A Matilha, na natureza, vive unida, permanece unida.

E a gente era muito unido. Poucas pessoas participavam, mas éramos muito unidos. As primeiras festas, caloradas, bandeirões, produtos... tudo éramos nós que fazíamos, tirando do nosso bolso.

Particpei das primeiras coisas de tudo. A primeira grande calorada fizemos com Relações Internacionais. Compramos bebidas caras, fizemos uma festa ótima e levamos um grande prejuízo.

A partir disso, surgiu a ideia de criar algo novo. Mudamos o escudo. O Juan fez o escudo de 2012, quando virou presidente.

ANDRESSA SILVA VASCO: Ingressos de um evento que vai acontecer depois, antes que o evento deles passe. Então tem muitas coisas envolvidas e, hoje em dia, a relação de algumas atléticas com a liga não é tão boa como era na época.

LEO ROQUE: Pegou? Eu falei: era muito unido. A liga trabalhava para as atléticas. Não tinha nada de evento da liga, a não ser o Inter mas o Inter também era feito para as atléticas. Se o Inter desse lucro, o lucro seria dividido entre as atléticas. A diretoria tinha cinco membros, e cada um tinha que ser de atléticas diferentes. Não podia ter duas pessoas da mesma atlética na diretoria da liga. Todas as atléticas tinham voz, tinham um representante. E a liga trabalhava para ajudar as atléticas menores. Por exemplo: Nutrição foi criada a partir de uma conversa que a liga teve com o pessoal de Nutrição, e a liga deu todo o suporte para ela nascer. Não tinha essa vaidade de querer que tudo fosse “da liga”. A liga organizava para as atléticas.

ANDRESSA SILVA VASCO: Certo.

ANDRESSA SILVA VASCO: E o que mais te marcou na experiência de ser presidente, de fazer parte da Matilha? Teve algum momento marcante ou algo que te ajudou na sua profissão?

LEO ROQUE: Nossa, muita coisa. Por exemplo, o primeiro JUBS foi muito marcante, porque a gente não tinha experiência esportiva suficiente para organizar tudo do jeito que precisava. A primeira viagem para Jurerê também foi sensacional. Mas aconteceu algo que, por falta de experiência, a gente não sabia lidar: no Inter, por exemplo, a gente chegava no primeiro dia, estendia o bandeirão e ele ficava ali os quatro dias. Quando chegamos no JUBS, estendemos o bandeirão e no primeiro dia... roubaram o nosso bandeirão.

ANDRESSA SILVA VASCO: Sério?

LEO ROQUE: Sim. Mas foi muito bom conhecer atléticas do Sul, as maiores. A Narcóticos da PUC Paraná é gigante. A gente aprendeu muita coisa sobre produtos, organização de eventos... esses dois momentos foram muito bons.

O Inter de 2014 também foi marcante. Nós tínhamos uma empresa parceira que organizava os shows e a estrutura, e a empresa abandonou a gente faltando um mês e meio para o Inter. As atléticas ficaram sem saber o que fazer. A liga chamou uma reunião extraordinária e sugeriu que as próprias atléticas organizassem. Como não tinha empresa, não dava para trazer atrações grandes. Então as atléticas se abraçaram e decidiram fazer à moda antiga: Jogos durante o dia,

happy hour depois. Cada atlética fazia seu próprio bar no galão. Trouxemos DJs pequenos, atrações sertanejas de Goiânia mesmo, sem logística. Foi um dos primeiros Inter em que todo mundo colocou a cara a tapa. Isso foi muito bom.

Na minha vida profissional, isso tudo me ajudou MUITO. Depois disso, comecei a produzir eventos calouradas, o próprio Inter e aprendi a lidar com contratante, fornecedor de bebida, palco, som, luz. A atlética me ajudou muito nisso. E, principalmente, me ajudou a perder a timidez e saber me comunicar.

ANDRESSA SILVA VASCO: Hoje você trabalha com reportagem, né?

LEO ROQUE: Na verdade, eu tenho um programa de TV independente. Posso veicular em qualquer emissora, e hoje está na TV Goiânia. Já faz quatro anos. Chama Jeito Goiano. Eu faço tudo: produção, apresentação, reportagem... tudo. E isso tem muito a ver com a atlética. Porque, como é independente, eu que corro atrás de patrocinadores, eu que pago a TV para transmitir. A atlética me ensinou a correr atrás das coisas.

ANDRESSA SILVA VASCO: E você acha que a atlética tem a ver com isso, já que você era tímido e hoje trabalha com apresentação? A atlética ajudou nessa parte de saber se portar, apresentar, perder a vergonha?

LEO ROQUE: Com certeza. Começou com as recepções dos calouros. A gente entrava em todas as salas para falar com os calouros. A primeira vez que entrei em sala foi pelo Centro Acadêmico, em 2011. Em 2012, entrei como atlética. E isso foi acabando com a timidez.

Quando fizemos o primeiro JUPUC, tivemos que falar nos auditórios de todos os campi para explicar para os alunos. Teve dia que falamos para 2.500 pessoas de uma vez. Na abertura, no ginásio, falamos para quatro ou cinco mil pessoas.

Para quem era tímido, isso muda tudo.

Quando eu escolhi Comunicação, meus pais disseram: “Mas você não fala nem com a família, como quer se comunicar com os outros?” Hoje, faço o que faço graças, em grande parte, à atlética.

ANDRESSA SILVA VASCO: Muito obrigada pela sua participação! Foi muito importante.

LEO ROQUE: Por nada. Amo falar sobre atlética. Minha noiva é jornalista também e fez parte de atlética, mas a gente não se conheceu por causa disso.

E eu confesso que não gosto muito da Federal (risos). A gente tinha uma rivalidade muito grande. A gente vê a amizade de vocês com a Tagarela e até zoa, porque na nossa época a rivalidade era gigante. Eu participei de Inter em 2012 e 2013 a gente brigou todas as vezes.

ANDRESSA SILVA VASCO: Por isso que a Matilha não participa mais do TIFU.

LEO ROQUE: Provavelmente. Em 2014, entrou todo mundo no campo e o negócio ficou feio.

Mas eu fico feliz de ver as coisas da atlética hoje. Até 2016, 2017 eu ainda comprava produtos. Tenho camisa até hoje. E sempre que precisar de mim para falar, dar ideias... pode chamar. Sou apaixonado pela Matilha. Na minha formatura, entrei com gola da atlética minha mãe ficou pistola (risos).

Agora, vou fazer meu ensaio pré-wedding e vou colocar fotos com coisas da atlética, porque gosto muito.

MARIA CLARA FERREIRA GIRELLI: Quando lançarmos nossa coleção, a Andressa te manda.

LEO ROQUE: Quero sim! Meu número era o 12. Até 2017 ou 2018 ninguém podia usar além de mim.

ANDRESSA SILVA VASCO: Muito obrigada, Leo! Você foi muito importante. Muita gente me disse para conversar com você. No meu estágio na TV Pai Eterno, o pessoal comentou muito de você disseram que você era presidente na época deles.

LEO ROQUE: Ah, que legal! Fico feliz de o pessoal lembrar. Eu achava que ninguém lembrava que fui presidente. Na nossa época não tinha tanta hierarquia; mesmo quando eu não tinha cargo, eu colocava minha cara a tapa pela atlética. Quando ninguém queria apoiar nada, eu falava: “Vamos fazer. Se der prejuízo, a gente divide.”

Nunca foi pelo cargo, foi pela paixão pela atlética.

ANDRESSA SILVA VASCO: A gente entrou pós-pandemia, né? Então tivemos que reestruturar a Matilha. Quando entramos, praticamente não tinha nada. Pelo que você falou, os problemas continuam os mesmos.

LEO ROQUE: E vão continuar. Atléticas com menos de 100 membros dificilmente se pagam. Conheci a atlética do Mackenzie, em São Paulo — os caras têm 350 membros ativos, cada um paga 50 reais por mês... aí sobra dinheiro. A gente fazia MUITA coisa sem recurso.

Eu torço muito para voltar o Inter. O evento esportivo é apaixonante. Eu só escolhi Jornalismo por causa do esporte.

Mas o jornalismo esportivo é tão sujo quanto política. Receber de empresário, de pai de jogador... desisti disso. Mas continuo apaixonado pelo esporte e coloco isso no meu programa quando posso.

E sobre eventos: hoje é mais fácil do que na nossa época. Hoje a internet ajuda muito. Na nossa época era boca a boca, flyer, carro de som... um trio elétrico com as atléticas rodava a cidade e terminava na Praça Universitária LOTADA. Dá para fazer.

ANDRESSA SILVA VASCO: É isso então, Leo. Muito obrigada!

LEO ROQUE: Nada! Terminou? Qualquer coisa, é só chamar. E eu quero meus produtos, hein!

ANDRESSA SILVA VASCO: Pode deixar!

MARIA CLARA FERREIRA GIRELLI: A gente te manda!

ANDRESSA SILVA VASCO: Tchau, obrigada!

LEO ROQUE: Tchau, até mais!

Transcrição 2 Leo Roque

Então quando eu entrei em 2011, a Atlético era praticamente só de publicidade, não era de comunicação.

Não tinha muita divulgação, era meio que uma panela, era só uns amigos que tinham atlética, usava o nome de Atlético de comunicação, porém era só publicidade.

Quando eu entrei para atlética, tinha acho que um ou 2 pessoas só de jornalismo.

eu consegui um contato com a atual presidente na época e aí eu falei, olha, vocês estão usando nome de comunicação, mas de comunicação não tem nada. Então a gente precisa abrir o espaço.

Eu quero espaço para a gente. Ou então a gente vai ter que parar de usar o nome de comunicação. A gente vai criar outra atlética de jornalismo. Mas como a comunicação na época tinha poucos alunos e seria ruim tanto a publicidade quanto para Jornalismo?

E aí foi quando o jornalismo entrou de cabeça.

A galera começou a participar mesmo, foi mudando, mas a gente não tinha nada

o primeiro uniforme que a atlética teve, foi a própria PUC que deu, em 2011 pra quem participava do interpuc e aí em 2012, quando eu entrei para atlética e comecei a participar mais ativo, eu falei, velho, a gente precisa ter um uniforme próprio nosso. A gente precisa ter as coisas com a cara da atlética.

O escudo do Atlético não tinha muito a ver. A gente não sabia se era um lobo, se era uma raposa, era uma bagunça.

E aí a gente entrou e começou participar. Na época eu não tinha nem cargo de diretoria porque nem tinha uma diretoria, mesmo, ativa.

A primeira grande colorada da atlética, a gente que fez, junto com relações internacionais que não tinha experiência de festa, nem a gente. A gente sim, comprou bebidas caras e boas. A festa foi muito boa, porém a gente levou um prejuízo grande.

E as Atléticas se entregaram muito mais porque participaram realmente da organização do Inter, porque quando tinha a empresa a empresa e a liga que tomava frente e informava os atletas. Em 2014, não.

Todo mundo teve que colocar a cara a tapa, então assim, isso é muito bom e para minha vida profissional, ajudou parte de produção de eventos. Eu comecei a produzir eventos depois da vivência que eu tive com a produção de calouradas e do próprio Inter.

E pós faculdade, por conta da atlética. Isso me ajudou muito e principalmente pela parte de ter perdido a timidez de comunicar com as pessoas, não ter mais vergonha de chegar para ninguém. Isso eu acho que foi o principal da atlética.

C. 19 Transcrição Luana Viezzer

LUANA VIEZZER: Bom.

ANDRESSA SILVA VASCO: Então, vou começar aqui com as perguntas. Você já formou, né? Já terminou, é formanda. Certo. Mas quando você começou a se envolver com a Tagarela? Foi assim que você entrou na faculdade?

LUANA VIEZZER: Eu entrei na faculdade... eu passei em abril de 2021, mas eu só fui me envolver com a Tagarela mesmo em abril de 2022, que foi quando eu vim para o presencial. Quando estava no online, eu nem tinha contato com a Tagarela, nem lembro se eu seguia a atlética. Quando eu vim para o presencial, eu conheci, aí entrei na Tacariana em abril de 2022.

ANDRESSA SILVA VASCO: Você não morava aqui, né? Morava em outro estado. Você acha que a atlética te ajudou a se familiarizar com o estado, com as pessoas, a fazer amizades?

LUANA VIEZZER: Eu acho que minha vida teria sido completamente diferente se eu não tivesse me envolvido com a Tagarela, porque eu ia ficar muito sozinha. Todos os meus amigos da vida em Goiânia têm alguma coisa a ver com atlética não necessariamente com a Tagarela, mas eu conheci por causa da Tagarela. É bizarro. Eu morei com uma pessoa que conheci por causa da Tagarela. Hoje moro com uma pessoa que conheci por causa da Tagarela. Todos os meus amigos eu conheci por causa da Tagarela. Eu trabalho hoje em um lugar em que fui indicada por ser da Tagarela. Então tudo na minha vida tem a ver com a Tagarela. Sem dúvida fez muita diferença para mim.

ANDRESSA SILVA VASCO: Certo. E qual foi o seu primeiro cargo dentro da atlética?

LUANA VIEZZER: Eu era trainee do esportivo. Depois de três meses, você é efetivado, e aí virei diretora esportiva. Na Tagarela a hierarquia é meio bagunçada nos nomes: tem presidente, coordenadores e diretores. Eu era diretora, então era dentro da minha pasta só.

ANDRESSA SILVA VASCO: E depois você assumiu a presidência?

LUANA VIEZZER: Não. Na Tagarela tem a regra de que você precisa ter mais de um ano de casa para ser presidente, então não tem como virar tão rápido. No Inter de 2022 eu era diretora esportiva. No Inter de 2023 eu era coordenadora esportiva. E no Inter de 2024 eu era presidente. Eu fui presidente só no meu terceiro ano de atlética.

ANDRESSA SILVA VASCO: Como funciona a escolha do presidente? É votação?

LUANA VIEZZER: É por votação. Tem os critérios de tempo de casa e a votação tem que ser 50% + 1. Já aconteceu de menos de 50% votarem nas duas opções e teve que fazer uma votação nova, porque era como se ninguém quisesse as meninas. Na Tagarela sempre foi eleição você pode ser muito bom, mas se não for eleito, você não vira presidente.

ANDRESSA SILVA VASCO: Na Matilha é diferente. A gente passa a presidência adiante, escolhe quem assume depois. Eu vejo essa diferença entre PUC e UFG.

LUANA VIEZZER: Sim. Eu, pessoalmente, acho que preferia que fosse por indicação, como vocês fazem, porque abre menos brecha para assumir alguém despreparado. Se você passa, você passa para quem confia e pode preparar a pessoa. Mas na Tagarela não é assim.

ANDRESSA SILVA VASCO: Quais foram os maiores desafios enfrentados em todos os cargos que você passou?

LUANA VIEZZER: No meu primeiro ano como diretora, eu não lembro de ter dificuldades. Foi uma gestão muito boa. Minha função era dirigir handebol, rodar treinos e ir para o Inter.

Mas quando virei coordenadora, a Tagarela tinha uma sequência de prejuízos em festas. Eu precisava rodar o esportivo e não tinha um real para nada. Isso é muito complicado, principalmente na UFG, porque a maioria não tem condição de pagar treino caro. Treino acima de 7 reais era muito para muitos.

Tivemos que fazer treino misto com outras atléticas para reduzir custo. Além disso, tive muita dificuldade porque a maioria dos meus diretores eram homens, e mulher dentro de esportivo é muito descredibilizada.

Eu sempre sabia o regulamento, sabia de esporte, jogava quase profissionalmente, e mesmo assim era descredibilizada. Teve vezes de gritarem comigo. Isso me fazia muito mal, porque eu tinha 19 anos. E era muito difícil rodar esportivo sem dinheiro e ainda lidar com isso.

Passei por situações ridículas. Uma delas foi no Gran Prix: teve um jogo cheio de cartões vermelhos. Quando questionei no grupo sobre a justificativa de entrar com recurso, ouvi: "Ah, só você e seu mundinho de princesa acham que isso foi cartão vermelho." Esse tipo de coisa acontecia antes e continuou acontecendo.

Além disso, a Tagarela tinha muitas dívidas. Quando virei coordenadora tinha cerca de 7 mil reais de dívida. No final de 2023, tinha 34 mil reais de dívida. Quem quer ser presidente com 40 mil reais para pagar? Ninguém.

Eu sofri muito em 2023. Todos os meus amigos saíram. A atlética é voluntária se o ambiente não é bom, as pessoas saem. E eu fiquei muito mal, achando que a Tagarela tinha acabado para mim.

Quando virei presidente, virei com a Sunshine. Nem conhecia ela e hoje é uma das minhas melhores amigas.

Minha maior dificuldade como presidente foi não ter dinheiro. Mas ao mesmo tempo, eu e ela pagamos todos os 34 mil de dívida. Organizamos bazar, vendemos Carnaval na Rua, fizemos DCE, Caloucon deu 10 mil de lucro, vendemos quase 40 mil em produtos... e fomos pagando.

Conseguimos chegar no Inter com dinheiro para fotógrafo, tenda, estrutura... foi muito difícil, mas deu certo.

E na minha gestão não teve mais problema de machismo, porque eu expulsei quem precisava expulsar. Os meninos que gritavam comigo quiseram voltar e eu disse: “Esse aqui não volta.” Depois disso, nunca mais tivemos caso de desrespeito.

Minha gestão foi difícil por falta de dinheiro, não pelas outras coisas.

ANDRESSA SILVA VASCO: Dentre todos os eventos, qual foi o mais marcante para você?

LUANA VIEZZER: O Inter. Mais especificamente o Inter em que eu era presidente. A semifinal do handebol. A primeira vez que a Tagarela passou para uma semifinal. Eu estava jogando, ganhei destaque... foi muito especial.

A gente estava perdendo de 7 a 1 e virou o jogo. Muita gente assistindo. Foi o momento mais bonito de todos para mim.

De evento, a Caloucon. Foi muito especial porque foi planejada com muita antecedência e era nossa chance de salvar a Tagarela. E deu perfeita.

ANDRESSA SILVA VASCO: E sobre a bateria: você fazia parte também? Aprendeu lá?

LUANA VIEZZER: Nunca tinha tocado nada. Eu só entrei porque precisava de gente. Primeiro toquei surdo, mas não gostei. Depois fui para a caixa. Aprendi com o chefe de naipe e o regente. Eu ensaiava muito, até em casa com baqueta e até com hashis. Toquei um ano só e depois nunca mais.

ANDRESSA SILVA VASCO: Sobre o Inter... você é CEO do Inter. Como foi essa transição?

LUANA VIEZZER: Na UFG, para ser CEO você tem que ser da Liga Inter. Até 2022, a Tagarela nem era da Liga. 2023 foi o primeiro ano que a Tagarela votou. A Tagarela é um bebê na Liga Inter.

Sou a primeira CEO da Tagarela na história.

É muita responsabilidade, ainda mais sendo uma CEO só de mulheres.

Ser CEO e ser presidente são coisas completamente diferentes. São experiências totalmente distintas.

Normalmente, a maioria da CEO é formada. Não tem como ser CEO, ser atlética e estudar ao mesmo tempo é impossível hoje.

ANDRESSA SILVA VASCO: E como você conciliava tudo?

LUANA VIEZZER: Eu não conciliava. Eu não dormia. Abduquei da minha saúde. Fazia reunião no fim de semana, fazia planilha, ficava 100% online. Deixava marmitas prontas, dormia no ônibus indo para Nerópolis... Eu realmente abri mão de muita coisa. Academia, vida social... não acho saudável, mas valeu a pena.

ANDRESSA SILVA VASCO: E seu TCC sobre o Inter como foi transformar sua vivência em pesquisa?

LUANA VIEZZER: Não achei mais fácil. Meu TCC 1 era de um jeito, mudei de orientadora e virou outra coisa. É como se eu tivesse feito dois TCCs. Fiz tudo entre setembro e novembro. Foi muita coisa em pouco tempo.

Ser obcecada pelo Inter ajudou no gás para fazer. Mas não foi fácil. O Inter não tinha registros oficiais, então precisei fazer muitas entrevistas tenho quase 20 horas gravadas. Foi difícil, mas o amor pelo Inter ajudou.

ANDRESSA SILVA VASCO: Para você, qual a importância da atlética na vida universitária?

LUANA VIEZZER: Atlética desenvolve coisas que nenhum estágio ensina: Posicionamento, argumentação, responsabilidade, liderança, trabalho em equipe, gestão de tempo, falar em público... Isso impacta muito no mercado de trabalho.

Do ponto de vista pessoal, a atlética desenvolve pessoas. Muita gente muda lá dentro. E é um refúgio, principalmente porque na UFG tem muita gente que não é daqui. Eu não sei o que teria sido de mim sem a Tagarela.

ANDRESSA SILVA VASCO: É isso, Louvy. Muito obrigada! Sua ajuda foi muito boa. Estamos lendo seu TCC para usar de base.^[L]_[SEP]Se souber de alguém para falar mais sobre a Tagarela, pode indicar.

LUANA VIEZZER: Tenho uma velha de 2018 que posso indicar. Vou mandar o número.

ANDRESSA SILVA VASCO: Muito obrigada, Luvi. Qualquer coisa estou aqui. Depois você assina o termo. Muito obrigada pelo tempo e disposição.

LUANA VIEZZER: Nada, obrigada! Boa sorte.

ANDRESSA SILVA VASCO: Obrigada, tchau!

Transcrição entrevista número 2 Luana Viezzler

Com relação ao preconceito da mulher dentro da atlética, eu acredito que, tipo assim, como são organizações no geral e cargos de liderança, a mulher sempre tende a ser invalidada em cargos de liderança, seja por questões amorosas ou, tipo assim, porque ela é grossa demais ou porque ela tá fazendo tal coisa para se aparecer. Então, eu acho que o preconceito de uma mulher dentro de uma atlética não é só pelo fato de ser uma atlética, mas segue os padrões de preconceito com mulheres independentemente de onde elas estejam, mas quando elas ocupam cargos de decisão, enfim eu acho que tipo ao longo dos anos muito se criou uma imagem sobre as mulheres no atlética tipo assim como a menina do marketing ou a menina que faz produtos e não e diretorias majoritariamente masculinas quando você fala principalmente do esportivo que algo que vem mudando ao longo dos anos né porque enfim não precisa existir essa diferenciação então eu acho que isso algo que está em processo de mudança sabe, mas o preconceito de uma mulher dentro da atlética e, tipo, ela ser descredibilizada com relação às coisas, vem não só do fato de ser de atlética, mas de uma sociedade machista que a gente vive. Então, eu encarava muito esse problema de, tipo, credibilidade e tudo mais no início de como me posicionar porque é como se, tipo assim, ah, eu não sei de esporte, tipo assim, um homem pode saber sobre qualquer esporte, mesmo que ele não jogue sobre esse esporte e tipo assim, eu, Luana não, é você e seu mundinho de princesa e você não sabe sobre isso sendo que eu nem sou tão princesa assim não sei como que coloco isso na entrevista, mas eu não tenho esse perfil tão feminino, sabe, então eu acho que a gente, nós mulheres a gente acaba sendo invalidada nessas situações totalmente por conta da estrutura social mesmo, que é levada para dentro da atlética de maneira muito natural. Sobre as dificuldades financeiras, principalmente no cenário goiano, eu acho uma

palhaçada, porque a gente não tem incentivo do esporte por parte de ninguém, sabe? Não tem incentivo com político, conheço muitas atléticas que já tentaram e não conseguiram, mas não tem parceria, não tem apoio para treinar em quadra pública, a gente gasta valores exorbitantes com locação de quadra.

Então, assim, as dificuldades financeiras nas atléticas, elas vêm piorando ao longo dos anos, porque hoje em dia a gente não consegue fazer festas tão grandes igual a gente fazia quando a pandemia acabou, porque tinha uma febre, né, e uma coisa no mercado de, tipo assim, entretenimento que foi se perdendo, né, tipo, é uma geração nova, um contexto novo, uma dinâmica social nova, então, tipo assim, o dinheiro das atléticas lidar com dificuldades financeiras e com, tipo assim, os atletas terem que custear muitas coisas, é algo muito, é muito, muito paia, eu acho que posso dizer assim, porque acaba que desmotiva, né, tipo, o esporte e as atléticas, principalmente dentro da Universidade Federal, eles têm um papel muito social de acolhimento, sabe? Então, tipo, às vezes essas pessoas não terem condições de custear, a custear essa participação em treinos em campeonatos e estar nos jogos algo muito complicado sabe. Então, tipo, dificuldade financeira é algo que eu passei na minha gestão porque a gente vai tentando fazer festa, vai tentando vender produto vai tentando conseguir dinheiro de todas as formas que a gente pode conseguir e muitas vezes dá errado e aí você paga o pato, então, tipo assim a Tagarela, quando eu assumi a gestão tinha 34 mil reais de dívida pra pagar, e a gente conseguiu pagar num intervalo de, tipo assim, sete meses, arrecadando dinheiro, fazendo festa, e tipo assim, vivendo no limite do limite com relação ao esportivo, com relação ao investimento, com os atletas pagando muita coisa sempre, pagando técnico, pagando quadra, dividindo o quadro com atléticas diferentes da nossa, então assim, foi um período muito difícil, eu acho que muitas atléticas passam por essa situação financeira, principalmente as atléticas de universidade federal. Então, assim, a dificuldade financeira é uma realidade para muitas atléticas, é uma realidade para a tagarela, né? É uma realidade muito triste que ela aconteça, mas ela acontece. Então, assim, a longo prazo, eu acho e eu acredito que as únicas formas da gente, tipo, contornar isso de algum jeito seria apoio político, apoio estatal, apoio para a gente possa ter quadra onde treinar, então, assim, é bem complexo.

A tagarela, tipo, na minha vida, a tagarela, ela... Enfim... Enfim, a tagarela é a minha família. Ela foi a minha família. Hoje em dia ela não é mais a minha família, porque eu acredito que as atléticas, elas são feitas por pessoas. E as pessoas da minha época são a minha família, né? E, enfim, eu sou muito grata pela tagarela, por tudo que a tagarela fez por mim, pelas pessoas que ela me apresentou, pelos meus empregos, porque eu tenho certeza que ter sido tagarela

influenciou muito para que eu conseguisse, né? Esses cargos que eu consegui, que eu conseguisse o meu emprego de hoje, que eu sou produtora na produtora do Inter, né? Então, é isso. Eu acho que a tagarela, ela tem uma função social de acolhimento e tudo mais, e ela teve essa função muito bem cumprida comigo, digamos assim, e eu fico feliz que existam pessoas que sempre vão estar lá para continuar o legado e continuar acolhendo pessoas e whatever, mas eu, a tagarela foi sim minha família e eu não tipo, não ter ninguém aqui eu tinha a tagarela, sabe? Eu sempre tinha quem recorrer, e isso com certeza fez total diferença na minha vida, porque aí eu não me limitava a um grupo seleto de pessoas que tipo me ajudaria um grupo de amigos não eu era tagarela uma pessoa que é da tagarela me ajudaria se eu estou numa festa eu começo a passar mal e eu vejo alguém com a roupa da tagarela eu vou atrás da pessoa da tagarela então assim eu a tagarela é muito importante pra mim e eu tenho uma consideração muito grande por tudo que eu passei com eles.

C. 20 Transcrição Larissa Urzêdo

Bom, vamos lá. Eu sou Larissa Urzêdo ingressei no curso de comunicação social com bacharelado em publicidade e propaganda na UFG em dois mil e onze e não conhecia absolutamente nada sobre esse universo de faculdade. Então a atlética para mim era uma grande novidade. E no início do curso inclusive tive a presença deles nos nossos no show de calouros no dia da matrícula, mas não era o meu interesse inicial e o meu foco eram buscar né estágios em agências experimentais dentro da universidade para que pudesse entender um pouco na prática do curso. Então ao final de dois mil e onze e o ano inteiro de dois mil e doze eu entrei como um atleta. Então esporte sempre foi minha paixão então eu entrei e como o curso era um pouco as pessoas que atletas eu participava de várias modalidades.

E participando de todos os eventos, interagindo em várias modalidades, no futsal, no handebol, no basquete, no atletismo. Eu comecei a conhecer um pouco mais e fazer parte ali do dia a dia daquela daquele grupo da diretoria da atlética. E fui me encantando, encantando muito pela dedicação deles de fato, de dedicarem o tempo deles, a função de proporcionar uma experiência muito legal ali para o pessoal que estava chegando buscando evoluir com a imagem da atlética no Inter UFG e em dois mil e treze junto dessa participação com eles eu estava saindo o Richard da faculdade e aí surgiu uma vaga de diretora de arte na Atlética E eu super topei. Já me..., né? Eu já estava ali já dentro do time e vi que era uma grande oportunidade para eu inserir. E aí comecei como diretora de arte na atlética. E o meu objetivo era evoluir cada vez mais os jogos,

engajar mais alunos ali, a fazerem parte para que a gente tivesse mais atleta e consequentemente tivesse menos sobrecarga para os que estavam participando de vários jogos. Que a gente começasse a ganhar as coisas e que a gente começasse também a ter a bateria. Esse era um grande foco nosso e o que me brilhou os olhos pra em dois mil e quatorze assumir a presidência foi acompanhar de pertinho a Laira que era presidente em dois mil e treze e a Luana que era vice a paixão nos olhos delas né? De trabalhar com aquilo e de proporcionar tudo isso que eu estou trazendo para os alunos da ver a imagem né? Da Facombe na época se tornando muito grande em frente aos times, né?

Era tão tímido a imagem e de repente a gente começou a aparecer. E aquilo foi me gerando muita alegria. E eu falei não eu quero assumir essa responsabilidade em dois mil e quatorze e continuar mantendo esse legado.

Bem naquele período a grande dificuldade acho que para todos era conciliar a vida acadêmica com todas as atividades da Atlética eram muitas atividades ao mesmo tempo que a gente organizava grade de jogos eh os times as festas pra arrecadar dinheiro os kits pra gente vender e também arrecadar dinheiro as prospecções de Parcerias e patrocínios eram também parte do nosso dia a dia eu acho que dá a minha liderança em específico em dois mil e catorze o meu grande desafio era levar a Atlética a ter mais atléticas parceiras. A gente ainda ficava muito ali isolado e na Facombe e eu sentia muitas necessidades da gente estar no meio das demais. E então comecei a me interagir bastante com a Liga das Engenharias, me conectar com as atléticas de lá. Atléticas ali da administração, nutrição além das engenharias e a gente foi realmente criando parcerias e criando evento juntos. Então estive chopada, teve o Mc Nutri que a gente fez parte. E fizemos arraiás. Então foi uma parceria muito legal. Que E a gente tez e que começou a levar o nome da nossa atlética como uma atlética parceira.

Inclusive nos jogos a gente fazia antes dos do Inter FG a gente fazia bastante amistosos para treinar então a gente fazia parceria com o time da química com o time da nutrição para a gente jogar e a gente jogava de uma forma positiva né? Não era nada muito ruim assim, era uma competição saudável, a gente sabia dos pontos fortes de cada uma, mas sabia das fraquezas e a gente jogava e estava tudo bem assim, era realmente carregar o espírito do esporte, isso era fundamental e a gente começou a ser chamado para participar das festas também, então isso foi bem bacana pra gente começar a ter engajamento maior inclusive do nosso, dos nossos novos alunos.

Nossa já faz doze anos né? Então confesso que não acompanho muito de perto como que está hoje na universidade, mas da última vez que eu olhei nos últimos anos eu lembro de ter visto uma estrutura gigante né? um time muito engajado até os itens de personalização assim fantásticos né?

Criatividade foi muita então e isso é

muito legal, isso é muito legal de ver porque quanto mais eh itens do kit a gente vê essa esse fortalecimento do senso de pertencimento isso é muito lindo e de fato né muito diferente a gente tinha iniciado a tagarela falando da bateria eh em dois mil e doze e a primeira apresentação que eu me recordo foi em dois mil e treze quando a gente ficou em sexto lugar e no ano seguinte dois mil e quatorze na minha gestão a gente conseguiu o terceiro lugar que foi um terceiro lugar que pra mim já foi eh um super primeiro lugar e no ano seguinte em dois mil e quinze eu já tinha eh me formado mas fui no Inter FG pra ver a bateria e a tagarela ficou né? Em primeiro lugar nossa foi uma das melhores sensações com certeza de ver aquela Evolução é gradativa né?

Foram muitos anos de montar a bateria do sem verba nenhuma assim de a gente usava os chocalhos com latinha né? Nossa fantástico de ver a evolução então com certeza é bem diferente a estrutura e reconhecimento.

Olha com certeza o que eu mais me orgulho é dessa jornada da tagarela , nossa foi incrível ver essa evolução de da bateria em tão pouco tempo a gente fechou uma parceria muito linda com o nosso mestre o Grife Honey ele tinha uma conexão muito forte com a gente a gente com ele e a gente realmente conseguiu absorver tudo que ele podia nos passar e dentro das possibilidades que a gente tinha eh dos limitação de instrumentos que a gente tinha a gente utilizou da nossa criatividade mas principalmente desses dessa interação entre os participantes e os integrantes era uma vontade de se divertir, de mostrar o melhor, de realmente deixar o sangue ferver que era um dos um dos nossos gritos lá então foi muito gostoso ver essa evolução e esse fenômeno Outros eventos que marcaram também kalokon né? Eh a calourada mais esperada então uma delas inclusive foi no dia do meu aniversário o que me deixou assim mais penso nossa prazerosa com a situação e trabalhei a noite inteira mas foi muito gratificante então com certeza são eventos que ficaram marcados e aí vem o Tiffu que foi o torneio interfacumbiano de futebol universitário que só cresceu também durante esse período a gente conseguiu fazer uma parceria muito legal também na pegada do espírito do esporte com a turma da PUC de comunicação então todo ano a gente tinha essas partidas de futebol com eles e todo

mundo se divertia na festa era muito gosto Então foram acho que todos os projetos que tiveram o intuito dessa integração foi feito com muita com muito carinho e sempre de forma positiva sabe? Sem criar rivalidades.

Olha a crise eu não me recordo, mas dificuldades várias a gente não tinha local fixo para poder guardar nossos instrumentos muito grandes né? Os surdos e a gente tinha que ter um trabalho em equipe de dividir pra levar para as casas os pais ficavam revoltados com aquele todo de instrumento e As pessoas se engajavam assim também tinham essa empatia de entender assim olha ficou na casa do Fulano quatro meses poxa deixa eu ficar na minha agora e tudo mais então essas dificuldades aconteciam a dificuldade inclusive da gente não ter instrumento no caso da bateria a gente tinha dificuldade de patrocínio então a gente ralava bastante pra conseguir essas parcerias. Acho que teve também uma certa dificuldade durante a minha gestão das pessoas entenderem como as pessoas da própria faculdade da Facumbe de do curso de entenderem que com bons olhos essa aproximação com os cursos da engenharias eh e isso eu tive que administrar e começar a trazer os pontos fortes dessa aproximação e que E a gente teve bons resultados com isso, né? Quando a gente fala até de arrecadação de mais recursos pra gente poder fazer mais coisas trazer novos instrumentos conseguir mais treinos com profissionais bem capacitados então tudo isso a gente foi fazendo na prática fazendo as coisas acontecerem mas crise mesmo crise não me recordo de nada que foi de ter reuniões mensais, eu tinha pautas com os times, acompanhamento do que como estavam as coisas andando então só tenho lembrança muito positiva, era muito esforço mais uma vez conciliar também com a um momento acadêmico mas era muito bom ver os feedbacks das pessoas de como se sentiu bem, como aquilo foi impactante na vida deles, como aquele brilhou os olhos e quer participar do próximo de torneio que tiver quer começar a iniciar os treinos vou falar que foi super divertido e que melhorou a semana inteira que estava cansado então assim é tudo muito bom.

Acabei respondendo algumas perguntas aqui da frente então a nossa relação com outras atléticas começou a crescer bastante principalmente nessa minha gestão eu tinha irmãos nas engenharias o que me abriu portas para me conectar com outros diretores de outras atléticas e e isso fez com que a gente de fato começasse a ver, fazer um benchmarking, né? O que as outras atletas estavam fazendo e atuar de forma a acabar com aquela coisa de rivalidade. Existe muito isso. Não sei se ainda existe, né? Mas tinham algumas atléticas que, provocavam essa rivalidade e achavam saudável isso, então, a gente não queria seguir nessa linha não. E a gente conseguir engajar os alunos era mostrando os feedbacks era mostrando na prática a gente estava sempre muito próximo então a gente já iniciava o ano com eventos do Vaca brava, a gente já começava

o engajamento lá no Vaca Brava buscando as pessoas que tinham passado nos cursos da Facombe, Fogific e então já engajava eles lá naquele momento. No dia da matrícula a gente estava lá de novo fazendo o engajamento, já buscando ali novos integrantes. A gente tinha e provavelmente ainda deve ter, né? Uma mensalidade da tagarela que fazia com que a bateria se tivesse firme e gerava esse do aluno com e responsabilidade com aquela com aquela atividade e a gente sempre tinha os kits prontinhos para a gente vender já com essas marcas registradas né? Eu sou tagarela e Yo soy tagarela foram lemas muito fortes durante a minha gestão ficou bem-marcado para a gente trazer esse senso de pertencimento de que a gente fazia de uma atlética que tinha uma bateria forte que estava crescendo.

Vários momentos marcantes com certeza quando eu revejo passo um filme assim na minha cabeça de tantos momentos que a gente viveu as medalhas que a gente ganhou nos esportes então tem um momento muito marcante pra mim que foi um dia no Ferreira Pacheco que é que eu joguei vários jogos vários jogos no mesmo dia e o último jogo da noite porque já está já era de noite e já estava quase começando a festa e eu queria muito iniciei o jogo jogando mas estava assim acabado meu pé estava muito muito ruim mesmo e eu tive que sentar e eu fiquei tentando apoiar no máximo ali na arquibancada finalizamos não ganhamos esse jogo eu me recordo eu sei que quando eu fui sair da quadra eu não conseguia mais pisar o pé no chão eu comecei a chorar porque o cansaço era gigante. e eu lembro de todo mundo assim que estava lá nessa na quadra do time que me abraçou e alguns né ainda inclusive diretores e uma das nossas treinadoras falou não você vai carregada e aí eles me tiraram do Ferreira Pacheco eu saí carregada no numa cadeirinha por eles assim e aquilo foi um senso muito de união de que fizemos o esforço e que ele foi reconhecido embora né o resultado não tinha sido o o melhor mas eu fui descansar em casa e umas três horas depois estava pronta pra ir pra festa é saúde da juventude é diferente mas eh foi algo muito marcante assim eu dava o sangue nos jogos e aquilo pra mim era muito importante e a gente age eu acho que isso refletia como exemplo vejo a liderança muito dessa forma. Então as pessoas davam o melhor delas também ao ver que a gente estava se dedicando. Isso também foi inspiração para mim quando eu vi a Laira e a Luana. Elas faziam da mesma forma.

Então eu me inspirei muito nelas.

E nossa! Muitos aprendizados inclusive foi algo durante a minha vida profissional que eu valorizava muito quando eu via no currículo que alguém tinha participado de atlética né? Feito parte da diretoria ou até mesmo ter assumido uma presidência porque eu sabia na pele a

dedicação disciplina e comprometimento e responsabilidade que você tem que ter então isso muda você mais rápido em relação a isso porque eu lembro que o que os meus pais às vezes ficavam sem entender assim nossa, mas é só um treinamento né? Só um treino de bateria você não pode perder e eu falo não dá o ensaio é importante é o treino é muito importante eu jogo então nossa era um brilho no olho gigante e isso representou para mim um senso de responsabilidade muito grande de organização gigante para dar conta de tudo. E sem se divertir né? Eu lembro muito disso assim a gente tinha no que fazer as coisas, mas poxa não pode deixar de se divertir de aproveitar a gente nunca mais vai voltar essa fase né? Eu lembro que nos primeiros meses eu pensava nossa não quero me formar. Não quero me formar nunca. E aí quando foi aproximando já do final do ano. Eu pensava não a gente precisa formar porque senão a gente vai ficar sempre focado aqui porque é um amor mesmo é um amor que a gente constrói por tudo por pelas pessoas pelo dia a dia por levantar aquela bandeira então o que eu levo de aprendizado até hoje pra minha vida profissional foi principalmente é a interação a comunicação com as pessoas ah a gente não lê nada Na voz fomentando rivalidades então na minha gestão o que eu mais tive de benéfico foi essas relações que foram criadas e construídas com confiança solidez mesmo então a gente não tinha eh desconfiança uns com os outros isso era muito fantástico além dessa organização e responsabilidade que você tem que ter né? Então levo com certeza como aprendizados é uma experiência que eu recomendo para todos aí como eu disse, né? Eu não acompanho muito hoje o trabalho da Tagarela mas me surpreendo muitíssimo de como ela se manteve né? Eu olho nos últimos anos quando eu olhei e acompanhei o trabalho eu fiquei realmente muito contente com o coração quentinho de saber que ainda está sendo levado e melhorado muito mais hoje eu olho e falo caramba que bom e que bom que está muito melhor do que como era com a gente né porque tem evolução é isso é a gente deixar o que era do passado e e desenvolver para ficar cada vez melhor, né? Então é muito orgulho saber que eu fiz parte dessa história. E fico muito feliz pelo convite de poder participar aqui desse podcast.

Teve um evento muito importante que foi encabeçado pela atlética que foi a organização da comissão mais Goiás pro CONECADES Congresso de Comunicação em Guarapari Espírito Santo então a gente saiu de ônibus aqui de Goiânia e passamos esses dias por lá eram muitas festas nossa um controle assim de gerenciamento de toda essa turma por lá mas deu tudo certo deu tudo muito certo e foi muito bacana então foi um grande marco também a gente ter conseguido levar engajar né os alunos a a gente ter um número suficiente pra conseguir fazer

a viagem e foi marcante pra todo mundo assim então acho que esse foi um outro evento que mostrou relevância, né?

Andressa tentei ser bem objetiva aí tá gente? Começo a falar e às vezes dá uma empolgada vai relembrando aqui dos momentos e realmente é algo que marca a gente né? E já tinham bastante tempo que eu não falava sobre esse assunto então fico muito feliz mais uma vez com o convite e se precisar de qualquer ajuste ou necessidade aí né?

Nos áudios me avisa tá? E a gente vai se falando, mas obrigada mais uma vez aí pelo convite desejo muito sucesso aí no seu TCC.

RESOLUÇÃO n° 038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Andressa Silva Vasco do Curso de Jornalismo, matrícula 20221012700236, e-mail andressa.sv.2003004@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado PodAtleticar, Onde o Espírito Universitário Vira Estilo de Vida - Podcast, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 15 de dezembro de 2025.

Assinatura do(s) autor(es):



Documento assinado digitalmente

ANDRESSA SILVA VASCO

Data: 15/12/2025 20:48:36-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome completo do autor: Andressa Silva Vasco

Assinatura do professor-orientador:



Documento assinado digitalmente

DENIZE DAUDT DOS SANTOS BANDEIRA

Data: 18/12/2025 11:05:21-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome completo do professor-orientador: Denize Daudt dos Santos Bandeira

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Maria Clara Ferreira Girelli do Curso de Jornalismo, matrícula 20221012700490, e-mail girelli319@hotmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado PodAtleticar, Onde o Espírito Universitário Vira Estilo de Vida - Podcast, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 15 de dezembro de 2025.

Assinatura do(s) autor(es):



Documento assinado digitalmente

MARIA CLARA FERREIRA GIRELLI

Data: 15/12/2025 19:22:17-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome completo do autor:

Maria Clara Ferreira Girelli

Assinatura do professor-orientador:



Documento assinado digitalmente

DENIZE DAUDT DOS SANTOS BANDEIRA

Data: 18/12/2025 11:04:15-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome completo do professor-orientador: Denize Daudt dos Santos Bandeira